

Inst. Bot. de Coimbra

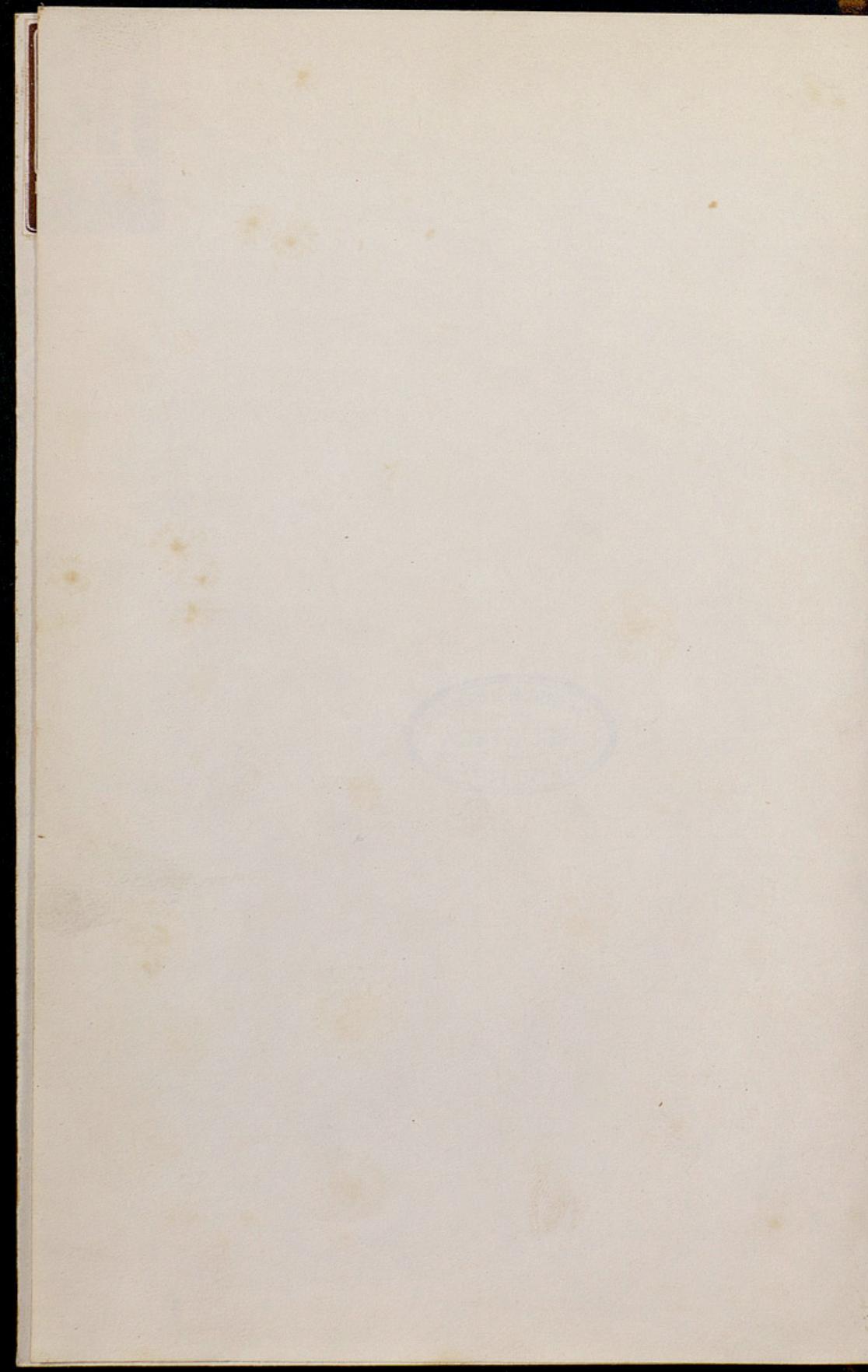
Sala	A	B
Est.	7	78
Táb.	16	2
N.º	





ISMAEL CHUYAS
QUICINA DE ENCADERNACION
COLUMBA 505 APARTADO
COIMBRA





CATALOGO

DAS

PLANTAS MEDICINAES

QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

POR

Adolpho Frederico Moller

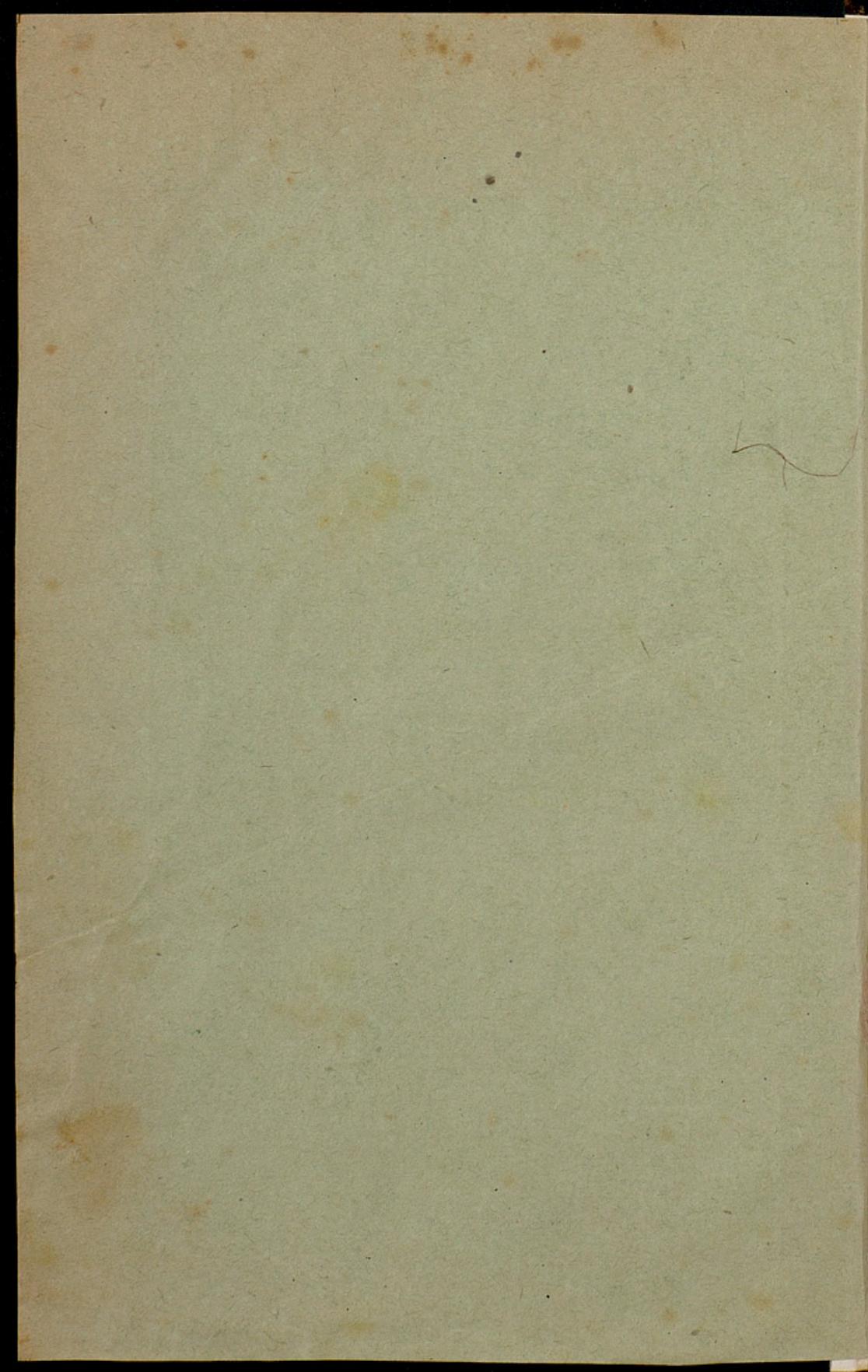
Comunidade 1882



COIMBRA

Imprensa da Universidade

1882
[1878]



De la 1^a ed.

Dr. Julio Augusto Henriques.

*off. este livro como signal de muita estima
e consideração.*

Diogo Frederico Mello

CATALOGO
DAS
PLANTAS MEDICINAES
QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ



x-69-702525-9

CATALOGO

182

PLANTAS MEDICINALES

QUE HABITAN O CONTINENTE PORTUGUES

CATALOGO

DAS

PLANTAS MEDICINAES

QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

POR

ADOLPHO FREDERICO MOLLER



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1878 - 1882.

CATALOGO

DE

PLANTAS MEXICANAS

QUE HABITAN EN LOS MONTES

DE LA SIERRA NEVADA DE CORDOBA

DE

ACERCA DE LA VEGETACION

COLUMBIA

IMPRESA DE LA UNIVERSIDAD

1878

Small text at the bottom left, likely a library or archival stamp.

CATALOGO

DAS

PLANTAS MEDICINAES

QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

É este o titulo d'um trabalho botanico-medico, que o sr. Moller, mui digno Inspector do Jardim Botânico da Universidade, vai publicar.

Das sciencias biologicas é a botanica a que offerece mais attractivos sem que o seu estudo promova ordinariamente repugnancia aos sentidos.

No reino animal é forçoso que, para lançarmos a base do edificio, presencemos as scenas repugnantes dos phenomenos de putrefacção; que levemos o fio do escalpelo aos tecidos d'um animal morto, cuja vista nos repugna, cujo cheiro nos incommoda e cuja disseccção repelle e afasta d'aquella ordem de estudos.

Quando se tracta da especie humana, cresce toda essa repugnancia; desenham-se na face do cadaver as contracções dolorosas do padecimento do doente, e como que se pintam nella ainda as ultimas saudades de tanta affeição a tudo que lhe era caro; ao collocarmos a mão sobre o cadaver recebemos uma indizível sensação, que jámais objecto algum frio nos produziu; hesitamos em

dar o primeiro golpe sobre aquelles tecidos que ha pouco tinham vida; trememos ao esquarterar o cerebro que algum tempo antes elaborava e fazia jorrar as idéas mais brilhantes, os pensamentos mais felizes, e onde se accommodavam os sentimentos mais delicados; e parece-nos que nesse momento desfazemos toda uma intelligencia, destruimos toda uma sensibilidade affectiva.

E, se em vez do frio do cadaver, encontramos ainda calor proprio, é mais violento o tremor, é maior a hesitação e mais profunda a repugnancia, porque o calor é ainda o ultimo resto da vida.

A mais pequena experiencia physiologica exige ordinariamente o derramamento de sangue, e cada verdade scientifica é arrancada á natureza á custa d'uma vida que se esvae, manifestando signaes de sensibilidade e de intelligencia.

É só o desejo de ser util á humanidade que dá coragem ao anatomista para viver no meio dos despojos de tanta morte, e ao physiologista para fazer as suas experiencias.

— No reino vegetal nada d'isto. A vida da planta é mais simples, sem phenomenos de sensibilidade consciente, sem as manifestações súpremas da vida; a morte, portanto, mais simples tambem e menos dolorosa para quem a presencja e para quem a effectua.

Só um espirito apaixonado, como o de Luiz Figuiet, pela morte recente do filho ao escrever o — *Lendemain de la mort*, se pôde entreter em devaneios sobre o chorar das plantas e differentes manifestações de dôr e prazer, cuja concepção será facil para um espirito que a paixão torne pueril e visionario, mas que será vivamente rejeitado pela razão fria do espirito scientifico.

A germinação da semente; o extender dos ramos; o desenrolar das folhas; o espalmar da corolla; o desabrochar da flor, e finalmente a propria fecundação, operando-se no meio de mil perfumes, são outros tantos factos incruentos, que, semelhantes no fundo, muito se desviam, na apparencia, dos phenomenos analogos no reino animal. A dissecação nada tem de repugnante e a physiologia nada encerra de *positivamente* doloroso.

Eis, portanto, outros tantos attractivos no estudo da botanica.

E não offerece elle menos trabalho; nem deixa de levar o espirito até ás altas regiões de debates e theorias, onde encontramos nomes de sabios como os de Linneu e Darwin. É comtudo um estudo menos complexo; e na medicina é a botanica apenas um meio.

Do reino vegetal aproveita a therapeutica muitos agentes mais ou menos efficazes; se entre nós não temos a abundancia de medicamentos vegetaes energicos, que o solo americano encerra collocando assim abundantes medicamentos ao pé de immensas molestias graves, possuimos comtudo muitas plantas medicinaes, indigenas ou importadas, que o medico muito lucra em conhecer, especialmente o medico rural.

Com paciencia e trabalho irá este encontrar, entre as plantas vulgares, succedaneos baratos de substancias medicamentosas, que a arte pharmaceutica nos fornece nas cidades, de mais comoda administração, mas por preço mais elevado.

Mas então precisa o medico conhecer as plantas medicinaes pelos seus caracteres taxonomicos, precisa de verificar a planta para não dar logar a enganos fataes.

O trabalho do sr. Moller não é tudo o que o medico precisa; falta a descripção de cada planta; é porém um poderoso auxiliar; encontram-se neste catalogo as plantas medicinaes que vivem no nosso paiz e só essas, sendo portanto facil o ir estudar os seus caracteres botanicos numa Flora qualquer.

É por tanto um trabalho de utilidade real o que o sr. Moller empreheendeu.

Parabens por este emprehendimento.

(*Instituto de Coimbra*, Janeiro, 1878).

Publicamos o catalogo das plantas medicinaes, que habitam no continente portuguez.

Não é nossa intenção fazer um trabalho botânico, pois conhecemos a nossa iusufficiencia; mas sim apresentar simplesmente uma lista das plantas que têm, ou já tiveram uso pharmaceutico, e que vivem no nosso paiz. Vão coordenadas pelo systema natural do grande botânico, Stephano Endlicher.

Serviu-nos de guia a *Flora Pharmaceutica de Hespanha e Portugal*, do distincto cathedratico de Pharmacia na universidade de Barcellona, D. Juan Texidor y Cos.

As abreviaturas querem dizer: *Hab.* habita, *P. u.* parte usada, *Emp.* emprega-se, *Flor.* floresce.

Coimbra, Janeiro de 1878.

O Auctor.

THALLOPHYTA.

Protophyta.

Algae.

Nostochinae. *Agardh.*

NOSTOC COMMUNE. Vauch.

(N. Paracelsi. Goeffr; Tremella terrestris. Dilliw; T. Nostoc. L.)

Flor da terra; Saliva das estrelas.

Hab. nos terrenos humidos em quasi todo o reino, durante o outomno e inverno.

P. u. toda a planta.

Emp. Applicava-se outr'ora nas queimaduras e na sarna. Pouco usado.

Confervaceae. *Endl.*

CONFERVA RIVULARIS. L.

(Rhizoclonium rivulare. Kg.)

Limos.

Hab. nas aguas estagnadas e nos remansos dos rios e ribeiros, em todas as estações.

P. u. toda a planta.

Plinio aconselhou-a nas contusões: Murray na tysicsa e asthma.

Em algumas localidades de Hespanha, o povo emprega os limos contra as queimaduras. Pouco usado.

CONFERVA CORALLINA. L.

(Griffithsia corallina. Ag.)

Hab. no Tejo.

P. u. toda a planta.

Na China e Japão, usam-se umas pastilhas, confeccionadas com o infuso concentrado d'esta planta, que se empregam como analepticas e refrigerantes. Pouco usado.

Ulvaceae. *Agardh.*

ULVA LACTUCA. L.

Ovas do mar.

Hab. a nossa costa marítima.

P. u. toda a planta.

Emp. como refrigerante e calmante em varios povos do norte.
Pouco usado.

ULVA LATISSIMA. Kg.

Alface marinha.

Hab. nos mesmos sitios que a especie antecedente.

P. u. toda a planta.

Emp. unicamente para se lhe extrahir o iodo.

ULVA LINZA. L.

(Phycoseris Linza. Kg.) e

ULVA UMBILICALIS. L.

(Porphyra laciniata. Ag.)

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

Floridæ. *Lamæ.*

CORALLINA OFFICINALIS. L.

Hab. a nossa costa marítima.

P. u. toda a planta.

Emp. como vermífuga.

Dioscórides recommenda-a contra a gota e congestões sanguíneas. Pouco usado.

SPHAEROCOCCUS HELMINTHOCORTON. Ag.

(Alsidium Helminthochorton. Kg.; Helminthochorton officinale.

Lk.; Fucus Helminthocortos. Turner.; Gigartina Helminthocorton. Lamour.)

Musgo de Corsega ¹.¹ Impropriamente chamado musgo, visto ser uma alga.

Texidor y Cos, na sua *Flora Pharmaceutica*, diz que esta planta habita nas costas da península iberica, tanto nas do Mediterraneo como nas do Oceano Atlantico.

P. u. toda a planta.

É vermifuga.

CHONDRUS CRISPUS. Lyngb.

(Ch. polymorphus. Lamour.; Sphaerococcus crispus, Ag. Fucus crispus. L.)

Carragahen, musgo branco, musgo de Irlanda, musgo marinho perlado.

Hab. a nossa costa maritima ¹, mas só abunda nos mares do norte da Europa.

P. u. toda a planta.

Emp. como tonico analeptico e peitoral.

Fucaceae. Lamour.

LAMINARIA SACCHARINA. Lamour.

(Fucus saccharinus. L.)

Budelha saccharina.

Hab. no Tejo e na nossa costa maritima.

P. u. toda a planta.

Emp. para se lhe extrahir o iodo, assucar, e uma geleia chamada ityocola do Japão.

FUCUS VESICULOSUS. L.

Budelha ou carvalho marinho.

Hab. na nossa costa maritima, bem como as suas variedades.

P. u. toda a planta.

Emp. como antiscrophuloso ². Pouco usado.

¹ Texidor y Cos — *Flora Pharmaceutica*.

² Podiamos mencionar outras especies de algas que outr'ora foram empregadas na medicina, como antiscrophulosas, vermifugas e mucilaginosas, mas como a maior parte hoje não é usada na practica, entendemos não as mencionar aqui. D'um grande numero d'estas plantas se extrahе o iodo.

Lichenes.

Hymenothalami. Fries.

CENOMYCE PYXIDATA. Fries.

(Lichen pyxidatus, L.)

Musgo copinho de tuberculus fuscus.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septemptrional do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a coqueluche e tosse convulsa ¹. Pouco usado.

CENOMYCE RANGIFERINA. Hoffm.

(Lichen rangiferinus, L.)

Hab. em quasi todo o paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como analeptico ². Pouco usado.

LECANORA PARELLA. Ach.

(Lichen Parellus, L.)

Orzelha ou Orzella da terra, ou dos montes.

P. u. toda a planta.

Emp. como os seus congeneres. Pouco usado.

PARMELIA PARIETINA. Duf.

(Lichen parietinus, L.)

Hab. em quasi todo o paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como febrifugo e tonico analeptico. Pouco usado.

STICTA PULMONÁCEA. Ach.

(Lichen pulmonarius, L.)

Pulmonaria das arvores ou dos carvalhos.

¹ O dr. J. J. de Figueiredo reputa esta planta tão util como o musgo islandico. O dr. Beirão diz que as suas virtudes analepticas e tonicas já eram conhecidas por Murray.

² *Materia medica* de J. Pereira, tomo II, pag. 918.

Hab. a parte septentrional do paiz, é rara nas vizinhanças de Coimbra.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a hemoptysia. Pouco usado.

PELTIGERA CANINA. Fries.

(Lichen caninus. L.)

Musgo dos cães damnados, musgo canino, figadella.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septentrional do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a hydrophobia ¹. Pouco usado.

ROCCELLA TINCTORIA. Ach.

(Lichen Rocella. L.)

Orzella, orzella das ilhas, urcella.

Hab. sobre as rochas das Berlengas ².

P. u. toda a planta.

Emp. como peitoral ³. Pouco usado.

EVERNIA PRUNASTRI. D. C.

(Ramalina prunastri. Cheval.; Lichen prunastri. L.)

Musgo das amexieiras. Orzella do reino.

Hab. em quasi todo o paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente. Pouco usado.

¹ Texidor y Cos—*Flora Pharmaceutica*. A pharmacoepa britanica prescreve o pó d'este lichen como o nome de «Pó anti-lyssico.»

² Brotero—*Flora lusitana*.

³ Na Ilha de S. Mauricio preparam com esta planta uns caldos peitoraes. Na eschola de Medicina de Dublin recommendam o infuso com este lichen para debellar certas tosses.

Texidor y Cos na sua *Flora Pharmaceutica* diz encontrar-se a Cetraria islandica. Schaer. (Lichen islandicus. L.) Musgo islandico nas montanhas elevadas da nossa peninsula a 6000' de altitude.

Hysterophyta.

Fungi.

Gasteromycetês. *Fries.*

SCLEROTIUM CLAVUS. D. C.

(Claviceps purpurea. Tub.; Spermocidia clavus. Fries.)

Cravagem de centeio, esporão de centeio, carvão de centeio.

Hab. no paiz, desenvolvendo-se entre as valvulas e no lugar da semente do centeio¹. Este cogumello passa por tres metamorphoses: 1.^a spaciella; 2.^a esporão; 3.^a claviceps. É no segundo d'estes estados que elle é aproveitado na Medicina.

P. u. toda a planta.

Emp. para despertar as contracções uterinas, no caso de inercia do utero, e sustar as hemorragias d'este orgão.

BOVISTA GIGANTEA. Nees.

(Lycoperdon Bovista. Bull.)

Fungam, buffa de lobo, licoperdo bovino.

Hab. em quasi todo o paiz, e particularmente na nossa provincia da Extremadura.

P. u. os esporos.

Emp. como ligeiro adstringente nas hemorragias dos pequenos vasos. Na medicina homeopatica usam d'esta planta para obter a tintura mãe.

Hymenomycetes. *Fries.*

POLYPORUS FOMENTARIUS. Fries.

(Boletus unguatus. Bull. B. fomentarius. L.)

Agarico dos carvalhos, boleto da isca, boleto da isca de coiro.

Hab. sobre o tronco de algumas cupuliferas.

¹ Este parasita tambem apparece no trigo e em outras gramineas.

P. u. toda a planta.

Emp. para vedar hemorragias dos pequenos vasos ¹. Pouco usado.

POLYPORUS IGNIARIUS. Fries.

(*Boletus obtusus*. D. C. B. *igniarius*. L).

Agarico dos cirurgiões; isca de coiro.

Hab. sobre os troncos das arvores em quasi todo o paiz.

O mesmo uso que a especie antecedente. Pouco usado.

AGARICUS CAMPESTRIS. L.

Cogumello das iguarias.

Hab. em Coimbra e em muitos outros pontos do paiz, no outomno.

Emp. como planta alimenticia por ter grande quantidade de materias azotadas ².

CORMOPHYTA.

Acrobrya.

Acrobrya anophyta.

Hepaticae.

Marchantiaceae. *Endl.*

MARCHANTIA POLYMORPHA. L.

Hepatica das fontes ou dos charcos, marchanda.

Hab. na parte septemptrional do paiz, rara nas proximidades de Coimbra.

P. u. toda a planta.

Emp. na veterinaria para accelerar a cicatrizaçao das ulceras. Pouco usado.

¹ Humedecendo este cogumello numa soluçao de perchlorureto de ferro a 30° cent. obtem-se a isca hemostatica, e impregnando-o de nitrato de potassa serve para accender fogo.

² Poderiamos mencionar algumas outras especies de cogumellos, a que se lhe tem attribuido uso medico, mas como são muito pouco empregados, pareceu-nos não os dever referir aqui.

MARCHANTIA CONICA. L.

(Fegatella officinalis. Raddi.)

Hepatica fontana, lichen estrellado.

Hab. nas proximidades de Coimbra, na Ribeira de Coselhas, na fonte do Gato, assim como na Beira Alta e em muitos outros pontos do paiz.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente ¹.

Musci.**Bryaceae. Endl.****POLYTRICHUM COMMUNE. L.**

Polytrico, polytricho de oiro, avenca de oiro.

Hab. nas nossas provincias do norte; floresce no outomno e inverno.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a calvicie, como diuretico e litontriptico. Pouco usado.

Acrobrya protophyta.**Calamariae.****Equisetaceae. D. C.**

Segundo Brotero encontram-se no paiz quatro especies de Equisetum, a saber: E. fluviatile. L.; E. limosum. L.; E. arvense. L.; E. palustre L.

Vulgarmente são conhecidos pelos nomes de Cavallinha, rabo de cavallo, de mulla, de ovelha e equiset/o.

As virtudes medicas d'estas plantas são tidas em pouca consideração. Outr'ora empregavam-se como estimulantes, astringentes, diureticas e emenagogas; tambem se usaram contra as hemorragias e corrimentos de diversa natureza.

¹ Nas Antilhas empregam as hepaticas contra as doencas de figado.

Filicis.

Polypodiaceae. *R. Br.*

CETERACH OFFICINARUM. C. Bauh.

(*Asplenium Ceterach*. L.; *Grammitis Ceterach*. Sw.; *Scolopendrium Ceterach*. Sm.; *Gymnogramma Ceterach*. Spr.)

Doiradinha. Herva doirada.

Hab. em Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio e outomno.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral, detersiva, diuretica e adstringente ¹.

POLYPODIUM VULGARE. L.

(*Polypodium polymorphum*. Villers.)

Polypodio, feto doce.

Hab. em Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas ².

Emp. como anthelmintico, outr'ora attribuia-se-lhe virtudes laxantes. Pouco usado.

ADIANTHUM CAPILLUS-VENERIS. L.

Avença, avenca, capillaria.

Hab. em Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as frondes.

Emp. como emolliente e peitoral.

PTERIS AQUILINA. L.

Feto femea das boticas, feto ordinario.

Hab. em Coimbra e em quasi todo o paiz.

¹ Nas vizinhanças de Coimbra o povo usa um xarope feito como as frondes d'esta planta para debelar a coqueluche.

² As frondes d'este feto, foram antigamente muito empregadas na medicina, hoje porém está quasi abandonado o seu uso.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico, podendo-se usar na falta do feto macho. Pouco usado.

ASPLENIUM RUTA-MURARIA. L.

Ruta muraria, paronychia de Mathiola, avenca branca, arruda dos muros.

Hab. na Beira meridional juncto do Tejo, no Minho e Trás-os-Montes.

Flor. desde abril a outubro.

P. u. as frondes.

Emp. como emenagoga e peitoral. Pouco usado.

ASPLENIUM TRICHOMANOIDES. Cav.

(A. Trichomanes. L.)

Avencão, Polytricho das boticas.

Hab. nas proximidades de Coimbra, assim como na parte septentrional do paiz.

Flor. desde abril a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como emenagoga e peitoral ¹. Pouco usado.

ASPLENIUM ADIANTHUM NIGRUM. L.

Avenca negra.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em toda a Beira.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral e diuretico ². Pouco usado.

ATHYRIUM FILIX FOEMINA. Rth.

(Polypodium Filix foemina. L.)

Feto femea dos Italianos.

¹ Texidor y Cos diz que este feto é empregado com frequencia na medicina e particularmente nos hospitaes, em Hespanha.

² Em Hespanha usam das frondes d'este feto em lugar da avenca e no commercio vende-se repetidas vezes, como se fôra avenca do Canada. Adiantum pedatum. L. (Texidor y Cos).

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septemptrional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

SCOLOPENDRIUM OFFICINALE. Sm.

(Sc. Lingua. Cav.; Sc. Phyllitis. Rth.; *Asplenium Scolopendrium*. L.)

Lingua servina, lingua de boi, escolopendrio.

Hab. nas proximidades de Coimbra, e na parte septemptrional do paiz.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral e emolliente. Pouco usado.

ASPIDIUM ACULEATUM. Koch.

(*Polypodium aculeatum*. L.; *Tectaria aculeata*. Cav.; *Nephrodium aculeatum*. Coss. et Germ.)

Hab. nas proximidades de Coimbra e nas provincias da Beira, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

POLYSTICHUM FILIX-MAS. Rth.

(*Polypodium Filix-mas*. L.; *Nephrodium Filix-mas*. Coss. et Germ.; *Aspidium Filix-mas*. Sw.)

Feto macho. Dentebrura.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em todas as nossas provincias septemptrionaes.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico de reconhecida efficacia.

POLYSTICHUM CRISTATUM. Rth.

(*Polypodium cristatum*. L.; *Tectaria cristata*. Cav.; *Polystichum Callipteris*. D. C.; *Nephrodium Callipteris*. Coss. et Germ.)

Hab. em alguns pontos do nosso paiz (Welw.)

Flor. em julho e agosto.

- P. u. os rhizomas.
 Emp. como anthelmintico. Pouco usado.
POLYSTICHUM SPINULOSUM. D. C.
 (Aspidium spinulosum. Sw.; Nephrodium spinulosum. Desv. ;
 Polypodium cristatum. Vill. non L.)
 Hab. em alguns pontos do nosso paiz (Welw.)
 Flor. desde junho a setembro.
 P. u. os rhizomas.
 Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Osmundaceae. Mart.

- OSMUNDA REGALIS.** L.
 Feto real.
 Hab. nas proximidades de Coimbra e em muitos outros pontos
 do paiz, com especialidade na Beira.
 Flor. desde maio a setembro.
 P. u. os rhizomas.
 Emp. como diuretico. Pouco usado.

Selagines.

Lycopodiaceae. D. C.

- LYCOPodium CLAVATUM.** L.
 Lycopodio, pé de lobo.
 Hab. em alguns pontos do paiz nos montes elevados (Vand.)
 Flor. em agosto e setembro.
 P. u. os esporos.
 Emp. para polvilhar as excoriações e erythemas em adultos
 e crianças, assim como para involver as pilulas.

Acrobrya hysterophyta.

Amphibrya.

Glumaceae.

Gramineae. *Juss.*

ORYZA SATIVA. L.

Arroz.

Planta originaria da China e India oriental e cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. internamente na diarrhea catharral: externamente em cataplasmas, que substituem com vantagem as de linhaça por não se alterarem facilmente com o calor das superficies do corpo a que se applicam. Usa-se ainda em pó para polvilhar as regiões affectadas de erysipela.

ZEA MAYS. L.

Milho.

Planta indigena do Paraguay e cultivada em Portugal.

Flor. no estio.

P. u. as sementes e os estyletes ¹.

Emp. as sementes como emollientes e alimenticias ². O povo attribue aos estyletes propriedades diureticas.

ARUNDO DONAX. L.

Canna.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

¹ Vulgarmente chamada a barba do milho.

² Nas vizinhanças de Coimbra a medicina popular usa do xarope das sementes do milho para debellar a tosse.

Flor. nos fins do estio e principios do outomno.

P. u. os rhizomas.

Emp. como depurativo e antileitoso. Pouco usado.

PHRAGMITES COMMUNIS. Trin.

(Arundo phragmites. L.)

Canico d'agua.

Hab. nas terras humidas juncto ao Tejo e Mondego, entre Monté-mór-o-Velho e Lares, e em outros sitios do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como sudorifico e depurativo ¹. Pouco usado.

CYNODON DACTYLON. Pers.

(Panicum dactylon. L.; Paspalum dactylon. D. C.; Dactylon officinale. Vill.)

Gramma das boticas, Gr. canina.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, assim como em todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anti-phlogistico e diuretico.

• AVENA SATIVA. L.

Aveia.

Cultiva-se no paiz e com especialidade nas provincias septentrionaes ².

Flor. no principio do verão.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente ³.

¹ Tem-se recommendado contra o rheumatismo, gota, e especialmente como antisiphilitico.

² Segundo Brotero cultivam-se no paiz a *Avena agraria*, Brot. (Avêa) — *A. agraria mutica*, Brot. (Avêa mocha.) — *A. agraria sesquialtera*, Brot. (Avêa ordinaria) — que nos parece não serem mais do que variedades da *Avena sativa*. L.

³ Na Escocia preparam com as sementes de aveia uma bebida alcoolica muito estimada pelo povo da Gran Bretanha a chamam «*Wiskey*».

• **LOLIUM TEMULENTUM.** L.

Joio.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, assim como em todo o paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. as sementes.

Emp. nos ataques violentos de rheumatismo das meningues ¹.

É planta toxica para o homem, e ainda é desconhecido o antidoto especial d'este veneno. Pouco usado.

• **TRITICUM VULGARE.** Vill.

(*T. aestivum* et *T. hibernum*. L.)

Trigo.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. 1.º a *farinha*: para polvilhar as partes erysipeladas e para fazer caldos analepticos.

2.º *farello* ou *semeas*: em cosimentos para clysteres e banhos.

3.º *gluten*: para fabricação do pão para os doentes que soffrem de diabetes.

4.º *amido*: nas erysipelas e em varias molestias de pelle, assim como em caldos, geleas, cataplasmas e clysteres.

5.º *dextrina*: como emolliente e mucilaginoso e para embeber as ligaduras no chamado aparelho amidonado.

• **AGROPYRUM REPENS.** P. B.

(*Triticum repens*. L.)

Gramma das boticas de França.

Hab. na Beira septentrional, no Minho, Douro e Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da gramma já mencionada. (*Cynodon Dactylon*. Pers.)

• **SECALE CEREALE.** L.

Centeio.

¹ Vide *Toxicologia* do dr. Macedo Pinto, artigo *Lolium temulentum*.

Planta originaria do Caucaso-Caspio, e cultivada em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como alimenticia e emolliente.

HORDEUM HEXASTICHUM. L.

Cevada.

Cultiva-se em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente, e, misturada com a gramma, usa-se internamente nas phlegmasias e em varias molestias febris.

HORDEUM DISTICHON. L.

Cevada sancta ¹.

Planta indigena da Tartaria, e cultivada em alguns pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes ².

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Cyperaceae. D. C.

CAREX ARENARIA. L.

Salsa parilha de Allemanha.

Hab. no littoral do Minho e no littoral proximo da cidade do Porto.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como depurativo. Pouco usado.

SCIRPUS HOLOSCHOENUS. L.

(*Isolepis holoschoenus*. R. S.)

¹ O povo por muito tempo a considerou d'uma efficacia milagrosa em certas molestias, e deu-lhe por isso o nome de *Cevada sancta*.

² As caryopses descorticadas e arredondadas constituem a *Cevadinha* ou *Cevada Perlada* (Pharmacopêa Portugueza, 1876).

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. contra as dores do ventre, hemorragias e diarreas.

Pouco usado.

SCIRPUS LACUSTRIS. L.

Bunho.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e na parte austral do paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

CYPERUS LONGUS. L.

Junça de cheiro ou albafor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. nos fins da primavera e no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como excitante, estomachico e emanogogo. Pouco usado.

Helobiae.

Alismaceae. R. Br.

ALISMA PLANTAGO. L.

Tanchagem d'agua.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e verão.

P. u. os rhizomas e folhas.

Emp. os rhizomas como remedio contra a hydrophobia e a epilepsia, e as folhas como diureticas e rubefacientes. Pouco usado.

Coronariae.

Juncaceae. Agardh.

JUNCUS CONGLOMERATUS. L.

Junco glomerado.

Hab. a parte septentrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico. Pouco usado.

JUNCUS EFFUSUS. L.

Junco diffuso.

Hab. as vizinhanças de Coimbra e quasi toda a parte septentrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Melanthaceae. R. Br.

VERATRUM ALBUM. L. ¹.

Hellebro branco.

Hab. no valle da Espera, juncto da villa do Sabugueiro e em outros pontos da Serra da Estrella, assim como no Gerez.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. externamente obra como caustico e internamente como drastico e emetho cathartico. A pomada tem-se empregado como antipsorica. Extrahe-se dos seus rhizomas a veratrina ². Pouco usado.

¹ Existem duas variedades d'esta planta, que são a *albiflorum* e *viridiflorum*.

² O *Hellebro branco* em dóse elevada obra como veneno narcotico-acre.

COLCHICUM AUTUMNALE. L.

Colchico, lyrio verde.

Não nos consta que esta planta nasça espontaneamente no nosso paiz, sendo necessario cultivar-a para os usos pharmaceuticos.

Flor. em setembro e outubro.

P. u. os bolbos e sementes.

Emp. como sedante e diuretico na gota e rheumatismo articular, em alta dóse é um veneno irritante ¹.

Liliaceae. Lindl.

LILIUM MARTAGON. L.

Martagão.

Hab. nas serras do Gerez, Estrella, Rebordão e em outros pontos na parte septentrional do paiz.

Flor. no principio do verão.

P. u. os bolbos.

Emp. como emolliente e diuretico. Pouco usado.

LILIUM CANDIDUM. L.

Açucena branca, Cebola cecem.

Cultiva-se nos jardins ².

Flor. em maio e junho.

P. u. os bolbos e flores.

Emp. as antheras como anodinas e emenagogas, as petalas como calmantes e antispamodicas, os bolbos como emollientes ³.

Pouco usado.

¹ Alguns pharmaceuticos no nosso paiz empregam em vez do *Colchicum autumnale* L. os colchicos da nossa Flora. que são o *C. multiflorum*. Brot. *C. lusitanicum*. Brot. e a *Merendera bulbocodioides*. Steud. (*C. bulbocodioides*. Brot.); porém a acção d'estas ultimas especies é muito inferior á da primeira.

² Na primavera de 1877, andando nós a herborisar, encontrámos alguns pés d'esta planta crescendo espontaneamente num terreno inculto nos montes de Sancta Clara, proximo a Coimbra.

³ Texidor y Cos, diz que os bolbos d'esta planta se empregam muito em Hespanha na preparação de cataplasmas emollientes.

MUSCARI COMOSUM. Mill.

(Bellevia comosa. Kth.; Hyacinthus comosus. L.)

Jacinto penachudo, alho das bruxas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os bolbos e sementes.

Emp. as sementes como febrifugas e os bolbos como purgativos e diureticos. Pouco usado.

URGINEA SCILLA. Sthl.

(Scilla maritima. L.; Sc. hispanica. Clus.)

Cebola albarrã.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. entre agosto e outubro.

P. u. os bolbos.

Emp. como diuretico e espectorante, externamente usa-se muito o alcooleo de scilla em fricção em casos de edemacias. Em alta dóse é um veneno narcotico-acre.

ORNITHOGALUM UMBELLATUM. L.

Leite de gallinha.

Hab. na serra do Monsanto, nas proximidades de Eiras e em alguns pontos da Beira septentrional¹.

Flor. na primavera.

P. u. os bolbos.

Emp. como emolliente. Pouco usado.

ALLIUM CÉPA. L.

Cebola das cosinhas.

Planta originaria da Asia e cultivada em grande escala no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. como estimulante, rubefaciente, vermifugo, diuretico e expectorante. Pouco usado.

¹ Esta planta cresce espontanea no Jardim Botânico de Coimbra e terrenos annexos.

ALLIUM PORRUM. L.

Porros hortenses.

Planta que habita a Italia, Oriente, Aegypto e cultivada no nosso paiz.

Flor. no verão.

P. u. os bolbos.

Emp. como expectorante emolliente e ligeiramente diuretica.

Pouco usado.

ALLIUM SCORODOPRASUM. L.

Alhos grossos ou Alhos de Hespanha.

Planta indigena da Europa septentrional e central, e que se cultiva no nosso paiz, principalmente no Alemtejo.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. o mesmo que o da Cebola das cosinhas. Pouco usado.

ALLIUM SATIVUM. L.

Alho ordinario ou das cosinhas.

Planta originaria do Oriente e que se cultiva muito no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. internamente como vermifugo: externamente como rube-faciente.

ASPHODELUS RAMOSUS. L.

Gamoens, Abrotea dos hervolarios. Abrotea da primavera.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. contra a sarna, queimaduras, e por meio da fermentação das suas raizes póde obter-se alcool¹. Pouco usado.

¹ Póde substituir-se pelo *Asphodelus aestivus*. Brot. (Abrotea do verão.)
(Pharmacopêa Portugueza, 1876.)

SIMETHIS BICOLOR. Kth.

(*Anthericum planifolium*. L.; *Anth. bicolor*. Desf.; *Phalangium bicolor*. D. C.)

Ouro peso, Disciplinas.

Hab. nas proximidades de Coimbra e nas nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. Usada pelo povo em alguns pontos do paiz como purgativa.

ASPARAGUS OFFICINALIS. L.

Espargo hortense.

Cultiva-se nas hortas e ás vezes apparece quasi que espontaneo proximo ás mesmas.

Flor. no estio.

P. u. as raizes e os turioes recentes¹.

Emp. como diuretico e depurativo; é uma das cinco raizes aperientes.

ASPARAGUS APHYLLUS. L.

(*A. phyllacanthus*. Lam.; *A. aphyllus* var. 1. Brot.; *A. rigidus* var. *aphyllus*. Lge.)

Corruda maior, Espargo silvestre maior, Espargo maior do monte.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as raizes.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente².

Smilacaeae. R. Br.

POLYGONATUM VULGARE. Desf.

(*Convallaria Polygonatum*. L.)

¹ Vulgarmente chamados Pontas de asprego ou rebentões.

² Nas pharmacias de Coimbra empregam a raiz do Espargo silvestre em vez da do Espargo hortense.

Sello de Salomão.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como adstringente ¹. Pouco usado.

CONVALLARIA MAJALIS. L.

(Polygonatum majale. All.)

Lyrío convalle.

Planta originaria da Europa septentrional e central, Italia, Corsega e Oriente, e cultivada no nosso paiz ².

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas, folhas e bagas.

Emp. como purgante, emetico, esternutatorio e febrifugo.

Pouco usado.

SMILAX ASPERA. L.

Legação, Salsa parrilha do reino.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em todo o paiz.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. a raiz.

Emp. como sudorifico e depurativo na sarna e molestias chronicas de pelle.

RUSCUS ACULEATUS. L.

Gilbarbeira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e nas nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em março e abril.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico e é uma das cinco raizes aperientes.

¹ Na Russia é um medicamento vulgar contra a hydrophobia (Martius).

² Brotero diz que nunca encontrou esta planta apesar de haver quem affirmasse tel-a encontrado espontanea em Portugal.

Artorhizae.**Dioscoreae. R. Br.**

TAMUS COMMUNIS. L.

Norça preta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. desde março a junho.

P. u. as raizes.

Emp. como purgativa e hydragoga; tambem se tem recommendado como diuretica e emanagoga ¹. Pouco usado.**Ensatae.****Irideae. R. Br.**

IRIS FOETIDISSIMA. L.

Lirio fetido.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. os rhizomas e sementes.

Emp. no tractamento das escrophulas e hydropisia, e concede-se-lhe acção estimulante, hydragoga, diuretica e purgativa. Pouco usado.

IRIS PSEUDO-ACORUS. L.

(I. palustris. Mnch.; I. lutea. Lam.)

Acoro bastardo. Lirio dos charcos.

Hab. nos campos do Mondego e do Tejo, e em outros pontos do paiz.

¹ O povo reputa resolutiva a raiz d'esta planta, e por isso faz d'ella cataplasmas para collocar sobre as contusões e ecchymoses (Mat. Med. do dr. Beirão.)

Flor. de maio a julho.

P. u. os rhizomas e sementes.

Emp. os rhizomas para combater as escrophulas (Blair.) como tonico, astringente, purgativo e diuretico (Plater.) vermifugo (Ettmuller) as sementes como febrifugas (Guyton de Morveaux.)

Pouco usado.

IRIS GERMANICA. L.

Lirio de Allemanha, Lirio dos Jardins.

Planta originaria da Europa central e meridional e da Africa boreal. Em Portugal cultiva-se nos Jardins.

Flor. de maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o macerato dos rhizomas recentes obra como purgativo; o dos seccos como aperitivo. Tambem dos rhizomas se fazem as espheras ou contas dos foniculos. Os pós usam-se como dentifricios ¹. Pouco usado ².

CROCUS SATIVUS. L.

Açafrão.

Planta originaria do Oriente e cultivada em alguns pontos do nosso paiz ³.

¹ Esta planta póde usar-se na falta do *Lirio florentino*. (*Iris florentina*. L.)

² O dr. J. J. de Figueiredo diz que o *Iris subiflora*. Brot. (*Lirio roxo*) e o *Iris sambucina*. L. (*Lirio cardano*) tambem são empregados em medicina.

³ Em Portugal habitam o *Crocus autumnalis*. Brot. (*C. serotinus* Salisb.) Açafrão bravo, e o *Crocus vernus*. All. (*C. sativus* β *vernus*. L.) Açafrão da primavera. O primeiro floresce no outomno e o segundo na primavera. O *Crocus autumnalis*. Brot. encontra-se nas vizinhanças de Coimbra em diversos pontos da freguezia de S. Paulo de Frades.

O dr. Beirão no seu compendio de *Materia Medica*, quando tracta do *C. sativus*. L., diz numa nota o seguinte: «Na nossa Flora temos o *Crocus autumnalis multifidus*. Brot.—*Phytogr.*, tomo II, pag. 40 (*Crocus autumnalis*. Brot.—*Flor. lusit.*, tomo I, pag. 43). Açafrão bravo, que differe muito do verdadeiro açafrão, é um erro dizerem os nossos historiadores que o verdadeiro açafrão é frequente em Portugal (dr. Figueiredo, *Flora pharm. e aliment.*, pag. 564).»

A *Pharmacopœa Portuguesa*, 1876, cita só o açafrão bravo, e quando d'elle

Flor. no outomno.

P. u. os estigmas ¹.

Emp. como estimulante, emenagogo e antispasmodico. Em alta dóse produz a embriaguez e a congestão cerebral.

Amarýllideae. R. Br.

PANCRATIUM MARITIMUM. L.

Açucena do mar.

Hab. nos terrenos arenosos de quasi toda a nossa costa marítima.

Flor. de maio a agosto.

P. u. os bolbos.

Emp. Dioscórides e Plinio, quando tractam do bolbo do *Pan-
cratium*, descrevem-no como amargo e emético, recommendam-no
contra a hydropsia, e dizem que algumas vezes se tem usado
como succedaneo da Cebolla albarrã (*Urginea Scilla*. Sthl.) Pouco
usado.

NARCISSUS. PSEUDO-NARCISSUS. L.

(N. major. Lois. nom Curt.; N. festalis. Salisb.; Ajax. Pseudo-
Narcissus. Haw.)

Narcisso trombetta.

Hab. em alguns pontos da Serra da Estrella e cultiva-se nos
Jardins.

Flor. de março a junho.

P. u. os bolbos e flores.

Emp. os bolbos como eméticos e succedaneos da Ipecacuanha
(Clusius e Deslongchamps)² como antispasmodicos (Dufresnoy):

falla, diz o seguinte: «Açafrão, *Crocus*, variedade cultivada do *Crocus au-
tumnalis* Mill e Brot. (*Crocus sativus* Allioni), Irídea vivaz, indigena do
continente.»

¹ Os estigmas do *C. autumnalis* Brot. substituem os do *C. sativus*. L.

² Efeito comprovado por Dufresnoy, Veillechéze, Loiseleur e Orfila. Este
ultimo diz que ministrados em dóse elevada podem ser nocivos.

as flores contra a diarrhea e dysenteria (Deslongchamps) ¹. Pouco usado.

AGAVE AMERICANA. L.

Piteira.

Planta originaria da America meridional, Jamaica e Antilhas e naturalisada no nosso paiz, podendo hoje contal-a no numero das nossas especies indigenas ².

Flor. no estio.

P. u. a seiva e as folhas.

Emp. a seiva como laxante, diuretica e emenagoga; as folhas pisadas e applicadas em fórma de cataplasma sobre partes dolorosas obram como anodynas ³. Pouco usado.

Gynandrae.

Orchideae. R. Br.

Em Portugal habita um numero consideravel de especies de orchideas terrestres, cujos tuberculos têm composição e acção medicamentosa muito analoga, podendo da maior parte d'elles extrahir-se o salepo, que é excellente peitoral e analeptico.

Citaremos as especies que habitam no nosso paiz e vêm mencionadas no *Prodromus Florae Hispanicae*, de M. Willkomm e J. Lange, com as addições que julgamos convenientes.

ORCHIS PAPILIONACEA. L. ⁴

(O. rubra. Jacqu. O. papilionacea-rubra. Brot.)

¹ Morgagni diz que o oleoleo d'esta planta, applicado em fricções sobre o ventre, é um abortivo muito conhecido em Italia. (Texidor y Cos—*Flor. Pharm.*)

² Esta planta foi introduzida na Europa no anno de 1561.

³ Com quanto esta planta fosse transportada para a Europa ha mais de tres seculos, não tem manifestado as propriedades medicas que possui no seu paiz natal.

⁴ Variedades α . *Parviflora*, β . *Grandiflorum*. Bss.

Herva borboleta.
Hab. na Serra da Arrabida, em Elvas, juncto do Forte da Graça, e em outros pontos da nossa provincia do Alentejo.

Flor. na primavera.

ORCHIS MORIO. L. ¹
Hab. proximo a Cabeceiras de Basto, e em outros pontos do Minho, Trás-os-Montes, Douro, e na Extremadura ao sul do Tejo.

Flor. de março a junho.

ORCHIS CORIOPHORA. L. ²
(O. coriophora-symphypetala. Brot.)

Herva porsobeja.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra, em Cintra e na Serra de Monsanto.

Flor. em maio.

ORCHIS TRIDENTATA. Scop.

(O. acuminata. Desf.; O. lactea. Poir.; O. globosa. Brot. non L.; O. Hanrii. Jord.)

Hab. nas vizinhanças de Bellas, Cintra, e em muitos outros pontos da Extremadura.

Flor. na primavera e principios do estio.

ORCHIS SIMIA. Lam.

(O. militaris. L.; O. tephrosanthos. Vill.; O. italica. Poir.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos pontos da Beira.

Flor. de fevereiro a abril.

ORCHIS MILITARIS. L.

(O. Rivini. Gou.; O. galeata. Lam.; O. tephrosanthos β . Lois.; O. cinerea. Schrk.)

¹ Variedades α . *Vulgaris*,

β . *Picta*. Rehb. fil. (O. picta. Lois.) Esta planta habita a Serra de Monchique. Ha tres annos foi encontrado na primavera um exemplar d'esta orchidea nos montes de Sancta Clara pelos estudantes de botanica, Augusto Arthur Teixeira d'Almeida e Antonio Manuel da Costa Lerenó, numa das suas excursões botanicas.

² Variedades β . *Polliniana*. Rehb. fil., γ *Carpetana*. Wk.

Hab. nos mesmos sitios que a especie antecedente.

Flor. de fevereiro a maio.

ORCHIS LONGICRURIS. Lk. e Brot.)

(*O. militaris*. Poir.; *O. tephrosanthos*. Desf.; non Vill.; *O. undulatifolia*. Biv.; *O. tephros* β . *undulatifolia*. Wbb.)

Flor dos rapazinhos ou dos macaquinhos dependurados.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa, Cintra, Torres-Vedras, e em muitos outros pontos da Extremadura e Beira.

Flor. na primavera.

ORCHIS MASCULA. L.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Bussaco, e em quasi toda a Beira; assim como na Serra de Rebordão, proxima a Bragança.

Flor. de abril a junho.

ORCHIS LAXIFLORA¹. Lam.

(*O. ensifolia* Vill.; *O. Tabernaemontani*. Gmel.)

Hab. no Cabeço de S. Bartholomeu, proximo a Bragança.

Flor. em maio e junho.

ORCHIS SAMBUCINA. L.

(*O. saccata*. Rchb.; *O. incarnata*. Hall.)

Hab. proximo da Torre de Moncorvo, e em todo o resto da provincia de Trás-os-Montes.

Flor. de abril a junho.

ORCHIS PSEUDOSAMBUCINA. Ten.

(*O. flavescens*. Koch.)

Hab. na Serra de Rebordão, proxima a Bragança.

Flor. em maio e junho.

ORCHIS INCARNATA. L. β . *sesquipedalis* genuina. Rchb. fil.

(*O. latifolia*. Lk.; *O. sesquipedalis*. Willd.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Cintra, e em alguns pontos da Beira.

Flor. de maio a julho.

ORCHIS MACULATA. L.

¹ Variedade β . *longibracteata*.

Hab. proximo a Miranda, Gerez, e em outros pontos na parte septemptrional do paiz.

Flor. na primavera.

ORCHIS BIFOLIA. L.
(*O. alba*. Lamk.; *Plantanthera bifolia*. Rich.; *Plat. solstitialis*. Bönnggh.)

Hab. nas proximidades de Cabeceiras de Basto, Villa-Real e Bragança.

Flor. em maio e junho.

ORCHIS CORDATA. Willd.

(*Satyrium diphyllum*. Lk.; *Habenaria cordata*. R. Br.; *Hermidium cordatum*. Lindl.; *Gymnadenia diphylla*. Lk.; *Peristylus cordata*. Lindl.; *Platanthera diphylla*. Rchb. fil.)

Hab. nas vizinhanças de Azeitão, e em muitos outros pontos da Serra da Arrabida.

Flor. na primavera.

ANACAMPTIS PYRAMIDALIS. Rich.

(*Aceras pyramidalis*. Rchb. fil.; *Orchis pyramidalis*. L.; *O. condensata*. Desf.)

Satyrião menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Bellas, Cintra, Cascaes, e em outros pontos do paiz.

Flor. de abril a julho.

ACERAS ANTHROPOPHORA. R. Br.

(*Ophrys anthropophora*. L.; *O. anthropomorpha*. W.; *Loroglossum anthropophora*. Rich.; *Himantoglossum anthropophora*. Spr.)

Homem enforcado.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Bellas, Cintra, e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

ACERAS DENSIFLORA. Bss.

(*Aceras intacta*. Rchb. fil.; *A. secundiflora*. Lindl.; *Satyrium maculatum*. Desf.; *S. densiflorum*. Brot.; *Orchis intacta*. Lk.; *O. atlantica*. W.; *Himantoglossum secundiflorum*. Rchb.; *Ophrys densiflora*. Desf.; *Peristylus densiflorus et maculatus*. Lindl.)

Hab. nos montes de Sancta Clara, nas vizinhanças de Coimbra, e na Serra da Arrabida.

Flor. em maio.

ACERAS LONGEBRACTEATA. Rehb. fil.

(Orchis longebracteata. Biv.; O. fragrans. Ten. non. Poll.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Torres-Vedras, e em outros pontos do paiz.

Flor. em fevereiro e março.

SERAPIAS CORDIGERA. L.

(Helleborine cordigera. Seb. e Maur.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nos terrenos proximos á estação da Granja, em Ourentam, e n'alguns pontos da Beira.

Flor. de abril a junho.

SERAPIAS OCCULTATA. Gay.

(S. laxiflora. Rehb.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio.

SERAPIAS LINGUA. L.

(S. glabra Lap.; Helleborine Lingua. P.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Ourentam, e em quasi toda a Beira; assim como em Loires, proximo a Lisboa.

Flor. na primavera.

OPHRYS ARANIFERA. Huds. ¹

(O. aranifera et Pseudospeculum. D. C.)

Hab. a parte meridional do paiz.

Flor. de abril a junho.

OPHRYS TENTHREDINIFERA. Willd.

(O. Arachnites. Lk.; O. insectifera α rosea. Desf.)

Hab. nos montes de Sancta Clara, nas vizinhanças de Coimbra, Moinho do Almoxarife, Cintra, Serra da Arrabida, Lisboa, e em quasi toda a Extremadura.

Flor. de fevereiro a abril.

OPHRYS ARACHNITES. Reichh.

¹ Variedades α . Genuina. Rehb. fil., β . Atrata. Rehb.

(*O. fuciflora* e *brachyotus*. Rehb.; *Orchis insectifera* arachnites. L.)

Herva aranha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz. (Brot.)

Flor. na primavera.

OPHRYS APIIFERA. Huds.

(*O. insectifera*. L. ex. p.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Ourentam, Cintra e Serra da Arrabida.

Flor. em maio e junho.

OPHRYS SCOLOPAX. Cav. non. Brot. α . *picta* Rehb.

(*O. picta*. Lk.; *O. corniculata*. Brot.; *O. insectifera* apiformis. Desf.)

Hab. nos montes de Sancta Clara, nas vizinhanças de Coimbra, Cintra, Serra da Arrabida, Setubal, e em muitos outros pontos da Extremadura.

Flor. em abril e maio.

OPHRYS BOMBYLIFLORA. Lk.

(*O. insectifera* β . *biflora*. Desf.; *O. tabanifera*. W.; *O. labrofossa*. Brot.)

Hab. nos montes de Sancta Clara, nas vizinhanças de Coimbra, na Serra do Monsanto, e nos arredores de Lisboa.

Flor. de fevereiro a abril.

OPHRYS SPECULUM. Lk.

(*O. insectifera* δ . L.; *O. Myodes* δ . Poir.; *O. scolopax* e *vernixia*. Brot.)

Herva abelha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos pontos da Beira.

Flor. em abril e maio.

OPHRYS FUSCA. Lk.

(*O. insectifera* γ . L.; *O. laetea*. Biv. non. Cav. *O. myodes*. Lap. non. L.)

Moscardo fusco.

Hab. em Cintra, Lisboa, Serra da Arrabida, e em muitos outros pontos da Extremadura; é rara nas vizinhanças de Coimbra.

Flor. na primavera.

OPHRY'S LUTEA. Cav. (O. insectifera. L.; O. vespifera. Brot.; O. fusca. Ten. non. Lk.)
Herva vespa.

Hab. nos montes de Sancta Clara, nas vizinhanças de Coimbra, Moinho do Almoxarife, Cintra, Lisboa, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de fevereiro a abril.

NEOTTIA NIDUS AVIS, Rich. (Ophrys nidus avis. L.; Epipactis nidus avis. Crtz.; *Listera nidus avis* Hook.)

Hab. no Bussaco.

Flor. em maio e junho. Parasita. ²

EPIPACTIS HELLEBORINE. Crtz. ³

(E. latifolia. All.; Serapias helleborine. α . latifolia. L.)

Helleborinha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi toda a Beira.

Flor. de maio a julho.

SPIRANTHES AESTIVALIS. Rich.

(Ophrys spiralis. L.; O. aestivalis. Lamk.; Neottia aestivalis. D. C.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Buarcos, Quiaios, e em muitos pontos da Beira.

Flor. de maio a setembro.

SPIRANTES AUTUMNALIS. Rich.

(Ophrys spiralis. L.; Neottia autumnalis. Ten.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e Cintra.

Flor. em agosto e setembro.

LIMODORUM ABORTIVUM. Sw.

(Orchis abortiva. L.)

¹ Esta planta foi, ha poucos annos, encontrada pela primeira vez em Portugal pelo sr. dr. Julio Augusto Henriques na matta do Bussaco.

² As raizes d'esta orchidea abreviam a cicatrizaçao das feridas, e, segundo Lémery, são tambem resolutivas.

³ Variedades α . microphylla. Rchb. fil., β . rubiginosa. Crtz.

Hab. proximo da Aldêa dos Mouros. (Brot.) e no Alfeite (dr. Paulino d'Oliveira).

Flor. na primavera. Parasita. ¹

CEPHALANTHERA ENSIFOLIA. Rich.

(C. Xiphophyllum. Rehb. fil.; Epipactis ensifolia. Sw.; Serapias ensifolia. Murr.; S. Xiphophyllum. L. fil.; S. grandiflora. Poir. non. L.; S. nivea. Desf. non. Chaix.)

Hab. em Bragança, Goes, e em outros pontos da Beira boreal, assim como em Cintra.

Flor. em maio e junho.

Fluviales.

Najadeae. A. Rich.

(Lemnaceae. Endl.)

LEMNA NINOR. L.

Lentilhas da agua menores.

Hab. nas aguas estagnadas das proximidades de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. Dioscórides elogia a acção topica d'esta planta na cura das hernias das crianças, e concede-lhe o poder de apressar a suppuração nos tumores phlegmnicos. Tambem se emprega contra as queimaduras. Pouco usado.

LEMNA TRISULCA. L.

Hab. nos remansos dos rios, juncto do Porto, e nas nossas provincias septemtrionaes.

Flor. no estio.

¹ As raizes d'esta orchidea passam por ser adstringentes.

P. u. toda a planta.

Emp. O povo emprega-a em cataplasma contra as queimaduras.

Pouco usado.

TELMATOPHACE GIBBA. *Schleid.*

(*Lemna gibba*. L.)

Lentilhas da agua maiores.

Hab. nas aguas estagnadas dos suburbios de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado ¹.

Spadiciflorae.

Aroideae. *Juss.*

ARISARUM VULGARE. *Kth.*

(*A. latifolium*. *Clus.*; *Arum arisarum*. L.)

Arisaro, Capuz de padrinho, Candeias.

Hab. nas proximidades de Coimbra, e em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as raizes e folhas.

Emp. as raizes como resolutivas, espectorantes e purgativas: as folhas verdes como rubefacientes e vesicantes. Pouco usado.

ARUM ITALICUM. *Mill.*

(*A. maculatum* *Clem. non L.*)

Jaro ou pé de bezerro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

¹ Temos ainda no nosso paiz a *Lemna arrhiza*. L. e a *Spirodela polyrrhiza*. *Schl.* (*Lemna polyrrhiza*. L.) que tem os mesmos usos medicos.

P. u. as raizes e folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

ARUM MACULATUM. L.

(A. vulgare. Lamk.)

Hab. na parte septentrional do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. raizes e folhas.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes. Pouco usado.

DRACUNCULUS VULGARIS. Schott.

(Arum Dracunculus. L.; Dracunculus polyphyllus. C. Bauh.)

Serpentina ou Serpentaria vulgar.

Hab. na parte meridional do paiz ¹.

Flor. em maio.

P. u. folhas e raizes.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes. Pouco usado.

COLOCASIA ANTIQUORUM. Schott.

(Arum Colocasia. L.)

Inhame do Epypto.

Hab. em Monchique.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes ². Pouco usado.

¹ Ignora-se se esta planta é indigena ou exotica. Willkomm, Lange e Kunth citam-n'a nas suas obras como oriunda de Portugal. Brotero diz que habita quasi espontanea na parte meridional do paiz.

² Nas raizes de muitas especies das Aroideas abunda uma fecula que se assemelha muito á do sagú, sendo a Colocasia a que fornece maior quantidade. Para se poder empregar como alimenticia, é necessario privar-a do principio acre e venenoso que ella contém, o que se consegue por diversos processos.

Em medicina emprega-se o amido extrahido da fecula d'estas plantas, sendo o mais empregado o da Serpentaria vulgar.

Na Ilha de Portland, na costa oriental da Inglaterra, extrahe-se uma farinha das raizes das Aroideas, denominada «Portland arrow-root» com que se fabrica um pão muito nutritivo. (Texidor y Cos).

Typhaceae. D. C.

Pertencentes a esta familia encontram-se no paiz a *Typha latifolia*. L. (Tabua larga). *Typha angustifolia*. L. (Tabua estreita). *Sparganium ramosum*. Huds. (Espadana d'agua) e *Sparganium simplex*. Huds. Todas habitam nas vizinhanças de Coimbra. Florescem no estio. Os rhizomas são feculentos e um pouco adstringentes. Empregam-se, ainda que muito raras vezes, como diureticos, e contra as ulceras da bocca, dysenterias e gonorrhéas.

Principes.

Palmae. Lin.

CHAMAEROPS HUMILIS. L.

(Phoenix humilis. Cav.)

Palmeira das vassoiras.

Hab. no Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos.

Emp. como peitoral.

PHOENIX DACTYLIFERA. L.

(Ph. excelsior. Cav.)

Tamareira ou palmeira das igrejas.

Planta oriunda da Africa septentrional e cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos ¹.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

¹ Os fructos d'esta planta, a que chamamos *tamaras*, chegam a amadurecer sómente na parte meridional do nosso paiz.

Acramphibrya.

Gymnospermae.

Coniferae.

Cupressineae. Endl.

JUNIPERUS SABINA. L. ¹

Sabina.

Arbusto indigena da Europa meridional, da Asia e America septentrional, e cultivada no nosso paiz.

Flor. em abril.

P. u. as summidades ².

Emp. Excitante e emmenagogo; sua acção sobre o utero é muito pronunciada. A acção local da sabina é irritante. Externamente emprega-se muitas vezes debaixo da fórma de pommada para prolongar a suppuração das superficies vesicadas, e avivar ulceras atonicas e fungosas.

JUNIPERUS OXYCEDRUS. L.

(J. rufescens. Lk. et Endl.)

Zimbro alvar.

Hab. a parte do nosso paiz comprehendida entre o Tejo e o Sado.

Flor. em março e abril.

P. u. os estrobilos ³.

Emp. como estomáchicos e diureticos. Pouco usado.

JUNIPERUS COMMUNIS. L.

Zimbro, Junipero.

¹ Variedades. α . vulgaris. Endl. (J. lusitanica. Mill.), *Sabina real*.

β . humilis. Endl. (J. prostrata. Torr. non P., J. alpina. Lodd.), *Sabina rasteira*.

² Não se deve substituir sem indicação especial pelo Juniperus phoenicea. L. (Zimbro Pheniceo), pois não é raro darem nas boticas esta especie pela verdadeira Sabina.

³ Vulgarmente chamada Bagas.

Hab. nas serras do Gerez e da Estrella.

Flor. em abril e maio.

P. u. os estrobilos ¹.

Emp. internamente como estimulantes e diureticos: externamente em fumigações contra as dôres rheumaticas ².

CUPRESSUS SEMPERVIRENS *z.* L.

(*C. fastigiata*. DC. *C. pyramidalis*. Targ.)

Cypreste.

Hab. a Grecia, Persia, Asia menor e alguns pontos do Hymalaya. Cultiva-se muito no nosso paiz particularmente nos cemiterios.

Flor. na primavera.

P. u. os estrobilos ³.

Emp. como adstringentes e febrifugos.

Abietineae. *Endl.*

PINUS MARITIMA. Brot. non Lamk.

(*P. pinaster*. Ait. *z. acutisquama*. Boiss. *P. laricio* Sant. non Poir.)

Pinheiro bravo.

Hab. em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os turiões ou renovos terminaes ⁴, o succo leitoso ⁵ e a seiva ⁶.

Emp. D'esta conifera assim como das suas congeneres, se tiram diversos productos, entre os quaes alguns têm grande emprego medico. Da gemma extrahe-se a colofonia, a resina amarella, o

¹ Outr'ora empregou-se na medicina as rasuras do lenho, assim como as summidades d'esta planta.

² Os estrobilos do Zimbro entram no fabrico da Genebra.

³ Vulgarmente chamados Maças de cypreste. Devem ser colhidas antes da sua maturação.

⁴ Vulgarmente chamados Gomos.

⁵ Vulgarmente chamado Leite ou Gemma de Pinheiro.

⁶ Seiva aquosa. Seiva ascendente.

pez branco e negro, a terebinthina, o oleo e a essencia de terebinthina, etc. Do lenho ou acha extrahe-se o alcatrão, o breu, e obtem-se a aguarraz, o acido pirolinhoso, etc.

Os productos resinosos que se empregam em medicina são todos mais ou menos excitantes e alguns d'elles anthelminticos.

Os turiões ou renovos terminaes e a seiva obram como bechicos e diureticos.

Taxineae. L. C. Rich.

TAXUS BACCATA. L.

Teixo.

Hab. nas serras da Estrella, do Gerez, e em outros pontos das nossas provincias da Beira, Douro e Minho.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas e fructos ¹.

Emp. Perey foi o primeiro medico que tentou tirar das bagas do teixo um medicamento contra as antigas prevenções da acção venenosa d'esta baga sobre o homem; aquelle practico formou das bagas do teixo uma geléa, e um xarope util nas molestias de peito, tosse, colicas, dôres hemorrhoidaes e nephriticas. (*Mat. med. do sr. Beirão*).

As folhas do teixo são acres, amargas e nauseabundas. Têm acção emmenagoga; irritam fortemente o aparelho digestivo; e produzem um profundo narcotismo que póde terminar pela morte. (*Texidor y Cos — Flora Pharmaceutica*). Pouco usado.

Gnetaceae. Lindl.

EPHEDRA DISTACHYA. Brot. non L.

(*E. fragilis. Desf.*)

Cornicabra dos Algarvios.

Flor. em maio.

P. u. as summidades.

Emp. astringentes. Pouco usado.

¹ Vulgarmente chamados Bagas.

Apetalae.

Juliflorae.

Myricaceae. *L. C. Rich.*

MYRICA GALE. L.

Mirto da Brabante.

Hab. nos terrenos paludosos proximos a S. Martinho do Porto.
(Brot.)

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. tonicas, exitantes e vermifugas. Pouco usado.

Betulaceae. *Bartl.*

BETULA PUBESCENS. Ehrh.

(B. alba. L. ex part.)

Vidoeiro.

Hab. nas serras do Gerez, Marão, Estrella, e em outros pontos
das nossas provincias do Minho e Trás-os-Montes ¹.

Flor. em maio.

P. u. a casca.

Emp. como febrifuga e astringente. Pouco usado.

ALNUS GLUTINOSA. Gäertn.

(Betula alnus α . glutinosa. L., B. glutinosa. Vill. non Wallr.
nec Fr.)

Amieiro.

Flor. em março.

P. u. as folhas e casca e os amentos fructiferos.

Emp. as folhas como lactifugas e resolutivas (Büchner), como

¹ O sr. Bernardino Barrós Gomes encontrou esta arvore crescendo espontanea na matta nacional de Foja.

detersivas nas ulceras de máo character (Burdach): a casca como febrifuga (Roussi-le-Chamsera): os amentos fructiferos como as-tringentes (Lémery). Pouco usado.

Cupuliferae. Rich.

CORYLUS AVELLANA. L.

Avelleira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, em Cintra, e em outros pontos na parte septentrional do paiz. Encontra-se frequentemente cultivada em Portugal.

Flor. de janeiro a março.

P. u. os fructos ¹.

Emp. para fazer mucilagens. Pouco usada.

QUERCUS PEDUNCULATA. Erhh ².

(*Q. racemosa. Lamk., Q. robur α. L., Q. robur α. pedunculata. Wbb.*)

Carvalho commum.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e nas provincias do Douro, Minho, Beira, Trás-os-Montes, e em alguns pontos da Extremadura.

Flor. na primavera e fructifica no outomno.

P. u. a casca dos ramos novos e as glandes ³.

Emp. a casca como tonica e adstringente pelo muito tanino que contém: as glandes como estomachicas, antiscrofulosas e ana-lepticas.

QUERCUS SESSILIFLORA. Salisb. ⁴.

(*Q. sessilis. Ehrh., Q. robur β. L., Q. robur β. sessiliflora. Wbb.*)

Carvalho roble.

¹ Vulgarmente chamados *Avellãs*.

² Variedade β. fastigiata. (*Q. fastigiata Lamk.*)

³ Vulgarmente chamados *Boletas* ou *Bolotas*.

⁴ Variedades: α. genuina. *Wk.*, β. glomerata. *Lamk.*, γ. laciniata. *Lamk.*, δ. pubescens. *Math.*, ε. cerrioides. *Wk.*

Hab. a parte septentrional do paiz ¹.

Flor. na primavera e fructifica no outomno.

P. u. a casca dos ramos novos e as glandes.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

QUERCUS LUSITANICA. Lamk. ²

(Q. Quexigo. Cook., Q. infectoria. Oliv., Q. canariensis. W.)

Carvalho lusitano.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Tudo o que diz respeito ao Carvalho commum ³.

CASTANEA VULGARIS. Lamk.

(C. vesca Gäertn., C. sativa Scop., Fagus castanea. L.)

Castanheiro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho e fructifica no outomno.

P. u. a fecula dos fructos.

Emp. como resolutiva, associada á farinha de cevada. Pouco usado.

Ulmaceae. *Mirbel.*

ULMUS CAMPESTRIS. Sm. ⁴

(Linn. ex part.)

Ulmeiro, Lamegueiro.

¹ No Herbarium do Jardim Botânico de Coimbra existe um exemplar colhido em Loires nas vizinhanças de Lisboa.

² Variedades: α . faginea. Bss., β . orientalis. DC., γ . baetica. Wbb.

³ Habitam no paiz ainda outras especies de carvalhos, taes como: Quercus. Tozza Bosc., (Q. pubescens. Brot.) *Carvalho pardo da Beira*. Q. alpestris. Bss. *Carvalho alpestre*. Q. humilis. Lamk. (Q. fruticosa. Brot.) *Carvalho anão*. Q. hispanica. Lamk. *Carvalho hespanhol*. Q. occidentalis. Gay. *Sobreiro*. Q. suber. L. *Sobreiro commum*, e as variedades α . vulgaris. Wk. e β . macrocarpa. Wk., Q. ilex. L. *Azinheira*. Q. ballota. Desf. *Azinheira de fructos doces*. Q. coccifera. L. *Carrasqueiro*, e a variedade β . brachycarpa. Wk., Q. pseudo-coccifera. Wbb. *Falso carrasqueiro*.

⁴ Variedades: α . nuda. Koch. (U. glabra. Mill.) β . corylifolia. Wk. (U. corylifolia. Host.) γ . suberosa. Koch. (U. suberosa. Ehrh.)



Hab. nas vizinhanças de Coimbra e nas provincias da Extremadura, Douro, Beira, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. nos principios da primavera.

P. u. o liber ou entrecasco ¹.

Emp. como adstringente, tonico e diuretico.

Celtideae. Endl.

CELTIS AUSTRALIS. L.

Agreira, lodão bastardo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em outros pontos do paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. os fructos e a casca.

Emp. como adstringentes. Pouco usada.

Moreae. Endl.

MORUS NIGRA. L.

Amoreira negra.

Arvore indigena da Persia, e cultivada mais ou menos em todas as nossas provincias.

Flor. na primavera.

P. u. as soroses ².

Emp. como ligeiramente astringentes, laxativas e antifebris ³.

MORUS ALBA. L.

Amoreira branca.

Arvore originaria da Asia e muito cultivada no paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as soroses.

Emp. pôde empregar-se na falta da especie antecedente, porém seus fructos são muito menos activos. Pouco usada.

¹ Deverá ser colhido, na primavera, dos ramos novos.

² Vulgarmente chamado *amoras*.

³ Outr'ora empregava-se o cozimento da casca da raiz de amoreira negra como tenifugo.

FICUS CARICA. L.

Figueira ordinaria.

Arvore indigena do Levante e hoje muito frequente em Portugal.

Flor. em maio.

P. u. os sycones¹ seccos ou passados.

Emp. como adoçantes, bechicos e ligeiramente laxantes.

Urticaceae. *Endl.*

URTICA URENS. L.

Urtiga menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como astringente e diuretica. As preparações da urtiga foram aconselhadas interna e externamente contra as molestias cutaneas pelo dr. Beirão. O xarope da urtiga é recommendado contra a hemoptysis.

URTICA LUSITANICA. Brot.

(U. membranacea. Poir., U. caudata. Vahl.)

Urtiga menor caudata.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz. Entre as suas congeneres é esta a especie mais commun.

Flor. nos fins do inverno e na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

URTICA DIOICA. L.

Urtiga maior ou Urtigão.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e nas provincias da Beira e Douro.

Flor. na primavera e estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da Urtiga menor.

¹ Vulgarmente chamados *figos*.

PARIETARIA OFFICINALIS. L.

Alfavaca de cobra. Parietaria das boticas.

Hab. em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como emolliente, refrigerante e diuretica.

PARIETARIA LUSITANICA. L.

Parietaria lusitana.

Hab. nas provincias do Douro, Minho, Trás-os-Montes e na parte septentrional da Beira.

Flor. na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Cannabineae. *Endl.*

CANNABIS SATIVA. L.

Canhamo ou linho canhamo.

Hab. planta indigena da India e Persia e cultivada nas nossas provincias septentrionaes.

Flor. em maio e junho.

P. u. os akenios ¹.Emp. como estimulantes e narcoticos; tem-se usado contra o rheumatismo, tetano, hydrophobia e cholera ².

HUMULUS LUPULUS. L.

Lupulo, luparo, pé de gallo.

Hab. nos suburbios de Coimbra juncto ao Mondego, em Leiria, Porto, e na parte septentrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os estrobilos ³.¹ Vulgarmente chamados *fructos*.² Toda a planta é dotada de propriedades embriagantes e tem acção venenosa um pouco inferior á da *belladona* e *meimendo*.³ Vulgarmente chamados *flores*. Um pó glanduloso de granulos arredon-

Emp. como tónicos energicos, estomachicos e anthelminticos. Em dóse elevada póde produzir irritações gastro-intestinaes e phenomenos nervosos, como peso de cabeça, vertigens e adormecimento dos membros.

Salicineae. *Endl.*

SALIX ALBA. L. ¹

Salgueiro branco.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi todo o reino.

Flor. em fevereiro e março.

P. u. a casca dos ramos novos.

Emp. como adstringente, tónica e febrífuga. Da casca extrahese a *Salicina* ².

POPULUS NIGRA. L.

Choupo negro.

Hab. na parte septentrional do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os gommos ou botões ³.

Emp. na preparação do unguento chamado *populeão*, que se emprega contra as hemorrhoidas.

POPULUS TREMULA. L.

Choupo tremedor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra aonde é muito frequente, e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os gommos ou botões.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ⁴.

dados ou ovoides, pouco transparente, resinoso, amarello côr de oiro, que se encontra nos estrobilos, constitue o Lupulino, que tem as propriedades do lupulo.

¹ Variedade β . vitellina. (S. vitellina. L.) *Vimeiro ordinario*.

² A salicina encontra-se tambem noutras especies dos genero *Salix* e *Populus*, donde se extrahese.

³ Vulgarmente chamados *olhos de choupo*.

⁴ Das folhas d'esta arvore prepara-se uma substancia chamada *populina*.

Oleraceae.

Chenopodeae. Vent.

SALICORNIA HERBACEA. L.

Salicornia.

Hab. nos terrenos salgados proximos a Lisboa, Setubal, Figueira da Foz e Monte-mór o Velho.

Flor. de junho a setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. para se lhe extrahir o carbonato de soda; tambem se tem recommendado como antiscorbutica, resolutive e diuretica.

Pouco usada.

SALICORNIA FRUTICOSA. L.

Salicornia arbustiva.

(*Arthrocnemon fruticosum* Moqu.)

Hab. com a precedente; é muito frequente ao sul do Tejo entre o Seixal e a Cova da Piedade.

Flor. de junho a setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. para se lhe extrahir o carbonato de soda.

BETA VULGARIS. L.¹

Celga ou Acelga.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. em algumas localidades, attribue-se ás folhas da Celga, como ás da Couve e da Hera, o favorecer e prolongar a suppu-

¹ Variedades:

α. *ciela* (B. *ciela*, L.) Celga hortense.

β. *repaeca* (B. *rapa*, Dum.) Beterraba ou Celga vermelha.

ração dos fenticulos e vesicatorios, quando collocadas em contacto com estas superficies ¹. Pouco usada.

CHENOPODIUM BOTRYS. L.

(Ambrina botrys. Moqu., Botrydium aromaticum. Spch.)

Ambrosia das boticas, Botrys vulgar ou ordinario.

Hab. nas margens do Douro.

Flor. no verão.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. como expectorante, anthelmintica e antihysterica. Pouco usada.

CHENOPODIUM AMBROSIODES. L. ²

(Ambrina ambrosioides. Spch.)

Ambrosia do Mexico ³, Herva formigueira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra; assim como em quasi todo o reino.

Flor. de junho a setembro.

P. u. as folhas.

P. u. como estomacal, tonica e antihysterica ⁴. Pouco usada.

CHENOPODIUM VULVARIA. L. ⁵

(C. foetidum. Lamk., C. olidum Curt.)

Vulvaria, Fedegosa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e outras partes da Extremadura, Beira e mais provincias septentrionaes.

¹ Da raiz da *Beterraba* fabrica-se em alguns paizes um magnifico assucar, que revalisa com o da *Canna de assucar* (*Saccharum officinarum*. L.)

² Variedades: α . genuina. Wk., β . pinnatifida. Wk., γ . comosa. Wk., δ . polystachya. Wk.

³ O nome de *Chá Mexicano*, que se tem dado a esta especie, faz recordar o seu antigo uso, e preferencia ao da China: este uso era antigamente muito frequente na parte meridional da Baixa-Saxonia, Baviera, Hungria e Silesia; mas, além de não ter o merecimento do da China, pela sua virtude estimulante não se deve fazer d'elle uso quotidiano. (J. J. de Figueiredo. *Flor. pharm. e alim.*)

⁴ Em Coimbra o povo emprega a infusão das folhas da Herva formigueira contra a *Blennorrhagia*.

⁵ Variedades: β . *microphyllum*. Moqu.

Flor. de junho a agosto.

P. u. as folhas.

Emp. como antispasmodica, emmenagoga e antihysterica; tambem se tem recommendado como detersiva e anthelmintica ¹. Pouco usada.

Nos terrenos salgados da nossa costa maritima e d'alguns dos nossos rios habitam a *Suaeda maritima*. Dum. *α. vulgaris*. Moqu., (*Chenopodium maritimum*. L.), *Suaeda fruticosa*. Forsk. (*Chenopodium fruticosum*. L.), *Salsola vermiculata* L., *Salsola tragus*. L. Soda, ou Barrilha espinhosa, e a *Salsola soda*. L. Soda maior, das quaes se obtem muito carbonato de soda.

Polygoneae. Juss.

POLYGONUM AVICULARE. L. ²

Herva da muda, Sempre-noiva dos modernos, Corriola bastarda.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como adstringentes; as sementes como emetocatharticas. Pouco usada.

POLYGONUM HYDROPIPER. L.

Pimenta d'agua, Persicaria mordaz ou urente.

Hab. nos arredores de Coimbra e em outras partes.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como diureticas. Pouco usada.

¹ Esta planta, assim como as suas congeneres, tem em geral um aroma muito desagradavel; porém a *Fedegosa* mais que nenhuma, pois exhala um cheiro fetido analogo ao das ourinas putridas.

Tem-se attribuido ao *C. vulvaria*. L. o conter ammoniaco; porém segundo Chevalier e Lassaigne contém carbonato de ammoniaco formado. Dessaigne pela destillação obteve uma substancia chamada *propylamina* á qual a planta deve o seu aroma. (Texidor y Cos.)

² Variedades: *α. vulgare*. Wk., *β. vegetum*. Ledeb., *γ. erectum* Ledeb., *δ. depressum*. Meissn., *ε. nanum*. Bss.

POLYGONUM PERSICARIA. L.

Persicaria vulgar, Herva pecegueira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como ligeiramente adstringentes e têm-se considerado como deterrentes sem ter a acção irritante da especie antecedente, a qual é empregada como succedanea. Pouco usada ¹.

RUMEX ACETOSA. L.

(Lapathum pratense. Lamk.)

Azeda ordinaria.

Hab. nos arredores de Coimbra, na Beira e em outros pontos no norte do paiz.

Flor. de maio a julho.

P. u. as folhas e a raiz.

Emp. as folhas são antiscorbuticas, e servem para se lhes extrahir o bioxalato de potassa. Segundo Chernoviz entram na composição do *caldo de hervas*, empregado como temperante. Das folhas pisadas faz-se cataplasma maturativa. A raiz usa-se como refrigerante, antiscorbutica, purgativa e diuretica.

RUMEX SCUTATUS. L.

(Lapathum scutatum. Lamk.)

Azeda romana.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em julho e agosto.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente ².

¹ O *Polygonum bistorta*. L. (*P. ellipticum*. Willd., *Bistorta major* Clus.) *Bistorta*, que habita em Hespanha e em quasi toda a Europa, é o que mais se emprega em Medicina. A parte da planta que se usa são os rhisomas. Não nos consta que este *Polygonum* habite em Portugal.

² No paiz encontram-se ainda o *Rumex crispus*. L. *Labaga crespa* o *R. pulcher*. L. *Labaga sinuada* e o *R. acetosella*. L. *Azedinhas* que podem substituir as especies acima indicadas.

Nyctagineae. *Juss.*

MIRABILIS JALAPA. L.

Boas noites. Jalapa bastarda menor.

Hab. as regiões tropicaes dos dois hemispherios, mas está acclimatada no nosso paiz e cultiva-se muito nos jardins.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como drastica ¹. Pouco usada.

MIRABILIS DICTOMA. L.

Boas noites. Jalapa bastarda maior.

Hab. no Mexico, Guyanã e Ilhas de S. Thomaz, mas está acclimatada no nosso paiz e cultiva-se nos jardins.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

Thymeleae.

Laurineae. *Endl.*

LAURUS NOBILIS. L.

Loureiro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Leiria, e em varios pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas e as drupas recentes ².Emp. as folhas como estimulantes, narcoticas e aromaticas. As drupas, de que se extrahе o oleo de loureiro, entram na composição do alcoolato de Fioraventi ³.¹ Devem-se colher as raizes adultas, as novas são inertes.² Vulgarmente chamadas *bagas*.³ Pertence a esta familia a *Camphora officinarum*. Nees. (*Laurus camphora*. L.) Loureiro camphora, especie indigena da Ilha Formosa, China e Japão. Esta planta vegeta muito bem em alguns pontos de Portugal, e pena é não se ter vulgarisado a sua cultura.

Daphnoideae. Vent.

DAPHNE GNIDIUM. L.

Trovisco ordinario ou trovisco femea.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa e em outras partes do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a casca e folhas.

Emp. a casca como estimulante e diaphoretica no tractamento dos dartros e da syphilis constitucional, e cumpre ter a maior cautela na dóse applicada, em virtude da sua grande actividade. Externamente serve como rubefaciente e vesicante. Entra na composição das pomadas proprias para entreter a suppuração dos vesicatorios. As folhas como levemente purgativas e antipsoricas.

DAPHNE LAUREOLA. L.¹

Laureola macha, Espirradeira laurina.

Hab. na Europa e nos Açores; em Portugal cultiva-se nos jardins, e encontra-se como especie semi-indigena juncto de Cintra, Collares, e outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a casca.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente².

Serpentariae.

Aristolochieae. Endl.

ARISTOLOCHIA LONGA. L.

Herva bicha dos hervolarios, Estrellamim.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

¹ Variedade. *β. latifolia*. Coss.

² Qualquer das duas especies acima mencionadas podem substituir o *Mezereão*. (*Daphne Mezereum*. L.), planta indigena da Europa. (*Pharmacopaeia portugueza*, 1876).

Flor. na primavera e no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como estimulante, emetica e emmenagoga.

ARISTOLOCHIA PISTOLOCHIA. L.

Pistolochia, Aristolochia menor.

Hab. proximo de Villa Nova de Constancia nas ribanceiras do Zezere, nas vizinhanças de Portalegre, Marvão e outras partes do Alemtejo.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹.

Gamopetalae.

Plumbagines.

Plantagineae. Vent.

PLANTAGO PSYLLIUM. L. ²

(P. agrestis. Salzm., P. parviflora. Desf., P. afra. L. et Desf., P. stricta. Hb. Bout. non Schousb.)

Zaragatoa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e no estio.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente nas ophtalmias, bronchites, enterites, e inflammações do aparelho genito-urinario (Texidor y Cos).

PLANTAGO LANCEOLATA. L. ³

Tanchagem menor, ou ordinaria das boticas.

¹ No Algarve costumam substituir as especies acima mencionadas pela *Aristolochia subglauca*. Lamk. (Estrellamin do Algarve) que têm propriedades medicinaes muito analogas (J. J. de Figueiredo—*Flor. pharm.*)

² Variedades: β. dentifolia. γ. bracteosa.

³ Variedades: β. eriophylla. Desne. (P. eriophora. Hffig. et Lk.), γ. capitata. Desne. (P. capitata. Ten.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, assim como em quasi todo o reino.

Flor. na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. como ligeiro adstringente, e entra na composição d'alguns collyrios.

PLANTAGO MAJOR. L.

Tanchagem maior.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

PLANTAGO CORONOPIFOLIA. Brot.

(P. macrorrhiza. Poir., P. ceratophylla. Hffgg. et Lk.)

Guiabelha, vulgo Diabelha.

Hab. os mesmos sitios que a especie antecedente.

Flor. na primavera e no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente em gargarismos na angina aguda simples¹.

Plumbagineae. Vent.

PLUMBAGO EUROPAEA. L.

(P. quorumdam. Clus).

Dentilaria.

Hab. no Algarve proximo a Lagos.

Flor. de julho a setembro.

P. u. a raiz.

Emp. como emetica e antipsorica. Pouco usada.

¹ Póde ser substituida pelo *Plantago Coronopus*. L. (*Pharmacopaea portugueza*, 1876).

STATICE LIMONIUM. L.¹

Limonio.

Hab. na nossa costa marítima proximo á Figueira da Foz e Buarcos, assim como na margem esquerda do Tejo entre o Alfeite e Seixal.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como adstringente e recommendada por Plinio contra as hemorragias, dysenterias, etc., e o cozimento em gargarejos nas anginas putridas, aphtas e ulceras gangrenosas da bocca (Texidor y Cos). Pouco usado.

Aggregatae.

Valerianeae. D. C.

VALERIANA OFFICINALIS. L.²

Valeriana silvestre.

Hab. planta originaria de toda a Europa. (Willk. et Lang.)³

Flor. no verão.

P. u. a raiz.

Emp. como anti-epileptica, excitante, anti-hysterica, febrifuga e emmenagoga. Trousseau considerou-a como estomachica⁴.

¹ Variedades: *α*. genuina. Bss. (St. limonium. Rechb.), *β*. Behen. Bss. (St. Behen. Drej., St. pseudolimonium. Rechb.), *γ*. macroclada. Bss. (St. serotina. Rechb.)

² Variedades. *β*. tenuifolia. Vahl. (V. officinalis. *β*. angustifolia. Koch., V. angustifolia. Tausch.)

³ Não nos consta que esta planta habite no nosso paiz, nunca a vimos senão cultivada.

⁴ As especies da nossa Flora pertencentes a esta familia podem até certo ponto substituir a *Valeriana officinalis*. L. Ellas são: *Valeriana tuberosa*. L., *Centranthus ruber*. D. C. (V. rubra. L.), *C. calcitrapa*. D. C. (V. calcitrapa. L.), *Fedia cornucopiae* Gärtn. (V. cornucopiae. L.), *Valerianella discoidea*. Lois. (V. Locusta. *β*. discoidea. L.), *V. olitoria*. Poll. (V. Locusta. *α*. olitoria. L.). Todas estas plantas habitam as vizinhanças de Coimbra á excepção

(cult.)

Dipsaceae. *Juss.*

DIPSACUS SILVESTRIS. Mill.

(D. fullonum. L.)

Cardo penteador bravo.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no verão.

P. u. a raiz.

Emp. como sudorifica e diuretica. Pouco usado.

DIPSACUS FULLONUM. Mill. ¹

(D. fullonum. β. L.)

Cardo penteador.

Hab. a Europa austral e cultiva-se no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ². Pouco usado.SUCCISA PRATENSIS. Moench. ³

(Scabiosa succisa. L.)

Escabiosa, Morso diabolico.

Hab. nas proximidades de Coimbra, proximo aos Covões, (Antonio de Carvalho) e na Beira boreal.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como antipsorica.

TRICHERA ARVENSIS. Schrad. ⁴

(Scabiosa arvensis. L., Knautia arvensis. Coult.)

da primeira, que se encontra nas collinas, proximo a Setubal, e a quarta juncto a Elvas e Extremoz.

Pela distillação da agua com a raiz da *Valeriana* obtem-se o *Acido Valerianico*.

¹ Variedade. β. intermedius. Coss.

² Encontra-se no paiz ainda o *Dipsacus laciniatus*. L. que é frequente nos arredores de Coimbra.

³ Variedade. β. hirsuta. Rchb.

⁴ Variedade. β. subintegerrima. Lge.

Escabiosa dos campos.

Hab. entre o Fundão e a Covilhã.

Flor. de maio a julho.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹.

Compositae. Vaill.

EUPATORIUM CANNABINUM. L. ²

Eupatorio de Avicena, Trevo cervino.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos das nossas provincias septemtrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as raizes.

Emp. como purgativo e diuretico. Pouco usado.

NARDOSMIA FRAGRANS. Rehbch.

(Petasites fragrans. Prsl.; Tussilago fragrans. Vill).

Nardosmia.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Condeixa, Ourentam, etc.

Flor. no inverno.

P. u. as raizes, folhas e flores.

Emp. a raiz, na fórma de decocto, póde utilizar-se com vantagem para modificar o máo aspecto das ulceras e favorecer a sua cicatrisação: as folhas, na fórma de cataplasmas, podem auxiliar

¹ Habitam no paiz outras especies pertencentes a esta familia: entre ellas ha algumas, a que se tem attribuido virtude vulneraria, aperitiva, expectorante, sudorifica e febrifuga, e que podem, em caso de necessidade, substituir as duas especies acima indicadas. Ellas são: Trichera silyatica. Schrad. (Scabiosa silyatica. L., Knautia silyatica. Duby., K. dipsacifolia. Host.), Scabiosa maritima. L. (Asterocephalus maritimus. Rehb.), Scabiosa columbaria. L. (Asterocephalus columbaria. Rehb.), Scabiosa gramuntia. L. (Asterocephalus gramuntius et agrestis. Rehb.). A segunda e terceira especies são frequentes nas vizinhanças de Coimbra. Da Scabiosa maritima. L. ha algumas variedades.

² β. indivisum. D. C. (E. corsicum. Requ).

a resolução dos tumores; as flores emfim obram como peitoraes e expectorantes ¹. Pouco usada.

TUSSILAGO FARFARA. L.

(*T. vulgaris.* Lamk.)

Tussilago, Tussilagem, Unha de Cavallo, ou de Asno.

Hab. no Minho nos sitios ligeiramente humidos, segundo o P. Christovão dos Reis (Brot.).

Flor. na primavera.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como excitante e becchica.

ASTER TRIPOLIUM. L.

(*Tripolium vulgare.* Nees.)

Tripolio.

Hab. no littoral e nos terrenos salgados do Tejo, e d'outros rios, e principalmente nas margens do Mondego juncto á Figueira da Foz.

Flor. de julho a setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. como diuretico. Pouco usado.

BELLIS SILVESTRIS. Cyr. ²

(*Doronicum Bellidiastrum.* Clem.; *Bellidiastrum Michellii.* Plan. Colm. non Cass.)

Margarita menor.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, e em varios pontos do paiz.

Flor. no inverno e na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. como vulneraria. Pouco usada.

SOLIDAGO VIRGA-AUREA. L. ³

Virgaurea verdadeira, Vara de oiro.

¹ Alguns pharmaceuticos em Coimbra empregam a *Nardosmia* em vez do *Tussilago*.

² Variedades: β . pappulosa. Lge.; γ . arenosa. C. H. Schulz.; δ . pygmaea. C. H. Schulz.

³ Variedades: α . vulgaris. D. C.; β . alpestris. Bss.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nas ribanceiras do Mondego, e nas Serras da Estrella e do Gerez.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como sudorifica e diuretica. Pouco usada.

INULA VISCOSA. Ait. ¹

(Cupularia viscosa Gren. et Godr.; Erigeron viscosum. L.; Solidago viscosa. Lamk.; Pulicaria viscosa. Koch.; Conyza major. Clus.)

Taveda de Dioscorides.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos da Beira e Extremadura.

Flor. no estio e no outomno.

P. u. a raiz.

Emp. como tonica, expectorante, ^{sudorif.} diaforetica e vermifuga ². Pouco usada.

PULICARIA DYSSENTERICA. Gärtn. ³

(Inula dyssenterica. L.; I. conyzaea. Lamk.; Aster dyssentericus. All.)

Inula das dysenterias, Arnica espuria.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e nas nossas provincias septentrionaes.

Flor. em julho e agosto.

P. u. as folhas.

Emp. como antidysenterica e febrifuga. Pouco usada ⁴.

¹ Variedade. β . laxiflora. Bss.

² Póde usar-se na falta da *Inula Helenium*. L. O povo faz uso d'ella como medicamento para si e para os gados⁽⁴⁾.

³ Variedade. β . hispanica. Wk.

⁴ No Compendio de materia medica e de therapeutica do sr. Beirão, tomo II, pag. 384, lê-se o seguinte:

«Nós temos duas Inulas na nossa Flora, de que devemos dar noticia, pelo seu uso medico popular que têm: a 1.^a é a Inula das dysenterias ou Arnica espuria, *Inula dysenterica*. L.; a 2.^a é a Conyza maior, ou Taveda de Dioscorides, *Inula viscosa*. Ait.; esta planta, que Gaspar Bauhino e Clusio reputaram ser a conyza maior, ou muito analogo a ella, é muito empregada

PULICARIA ODORA. Rehb.

(*Inula odora*. L.; *I. dumetorum*. Salzm. ex Boiss.; *Baccharis minor italica*. Barr.).

Herva montã.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, e em outras partes da Beira, Extremadura e Alemtejo.

Flor. de junho a agosto.

P. u. a raiz.

Emp. o cozimento em banhos para lavar as úlceras¹. Pouco usada.

XANTHIUM SPINOSUM. L.²

Bardana espinhosa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, e em outros pontos do paiz.

Flor. em julho e agosto.

P. u. toda a planta.

Emp. como diuretico, e contra a congestão do fígado. Pouco usada.

XANTHIUM STRUMARIUM. L.

(*X. vulgare*. Lamk.)

Bardana menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em alguns pontos da Beira e Extremadura, assim como na Gollegã e Vallada proximo ao Tejo.

Flor. em julho e agosto.

P. u. toda a planta.

Emp. como antiscrophulosa. Pouco usada.

pelos nossos homens do campo, em si e nos seus gados, em cozimento, como resolutiva; em banho nas contusões (dr. Figueiredo, *Flora aliment. e pharm.*, pag. 466).

«Tenho observado mais de uma vez que os banhos feitos com o cozimento d'esta planta, e os banhos de vapor do mesmo cozimento aproveitam no rheumatismo fibroso: será effeito apenas da temperatura?»

¹ Diz o ditado: «Se queres a chaga sã, lava-a com Herva montã.»

² Variedade. *β. canescens*. Csta.

ANTHEMIS COTULA. L. ¹

(A. foetida. Lamk.; Maruta Cotula. D. C.; M. foetida. Cass.; M. vulgaris. Bl. Fingh.; Chamaemelum Cotula. All.)

Macella fetida, ou fedegosa.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. os capitulos ².

Emp. como febrifuga, carminativa, antihysterica e antispasmodica. Pouco usada.

ANTHEMIS FUSCATA. Brot.

(A. praecox. Lk.; Perideraea fuscata. Wbb.; Maruta fuscata. D. C.; Chamomilla fuscata. Gr. et Godr.)

Macella fusca, Margaça do inverno.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, e em diferentes pontos da Beira e Extremadura.

Flor. de dezembro até maio.

P. u. os capitulos.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

ANACYCLUS AUREUS. Brot.

(Anthemis odora. Hffgg. et Lk.)

Macella gallega, Macellão, Falsa camomilla.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos pontos do paiz.

Flor. de maio a julho.

P. u. os capitulos, vulgarmente cabeças de macella.

Emp. como estimulante, tonica e estomachica ³.

¹ Variedade. β . microcephala. Wk. et Csta.

² Vulgarmente chamadas *flores*, ou cabeças de macella.

³ Póde substituir-se-lhe a Camomilla dos Allemães. (Matricaria Chamomilla. L.) especie cultivada.

Não se lhe substitua, sem indicação especial:

1.º A Macella fetida (Anthemis Cotula. L.);

2.º A Macella fusca (Anthemis fuscata. Brot.);

3.º A Macella espathulada (Lepidophorum repandum. D. C.)

ORMENIS NOBILIS. Gay.

(Anthemis nobilis. L.; A. aurea. Brot.; A. odorata. Lamk.;
Chamaemelum nobile. All.; Chamomilla nobilis. Gr. et Godr.;
Pyrethrum montanum. Pourr.)

o Macella dourada. Camomilla romana.

Hab. no Gerez e proximo da Barca d'Alva. (Brot.)

Flor. na primavera.

P. u. os capitulos.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente e tambem goza
de propriedades febrifugas, anthelminticas e emmenagogas ¹.

LEPIDOPHORUM REPANDUM. D. C.

(Anthemis repanda. L. et Brot.)

Macella espathulada.

Hab. nos arredores de Coimbra, Caparica, e em outros sitios
do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. na primavera e estio.

P. u. os capitulos.

Emp. o mesmo que o do *Anacyclus aureus*. Brot. Pouco
usada.

ACHILLEA MILLEFOLIUM. L. ²

Milfolhada, Millefolia, Mil em rama.

Hab. nas serras da Estrella, Gerez e entre Lamego e Vizeu.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como estimulante, tonica e adstringente.

¹ Póde substituir-se-lhe:

1.º O *Anacyclus aureus*. L. non. Brot. (*Anthemis aurea*. D. C.) indigena
dos Açores.

2.º Camomilla dobrada ou Camomilla dos Francezes (*Anthemis nobilis*. L.
var. flore pleno. D. C.) que é obtida por cultura.

Não se lhe substitua sem indicação especial:

1.º Camomilla dos Allemães (*Matricaria Chamomilla*. L.);

2.º Macella legitima ou gallega de Grisley (*Matricaria suaveolens*. L.)

(*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

² Variedade. β . macrocephala. Lge.

ACHILLEA AGERATUM. L.

(A. viscosa. Lamk.)

Macella do S. João, Agerato, Eupatorio de Mesué, Herva de S. João.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, e em quasi todo o reino.

Flor. de maio a julho.

P. u. as folhas.

Emp. como vermifuga e esternutatoria. Pouco usada.

DIOTIS MARITIMA. Coss.

(D. candidissima. Desf.; Santolina tomentosa. Lamk.; S. maritima. Sm.; Athanasia maritima. L.; Otanthus maritimum. Hffgg. et Lk.)

Santolina ou cordeirinhos das praias.

Hab. proximo á Figueira da Foz, Buarcos, Aveiro, Vianna do Castello, e em muitos outros pontos da nossa costa maritima.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. O dr. Brotero communicou ácerca dos effeitos medicos d'esta planta ao dr. J. J. de Figueiredo o seguinte: «Os caules, folhas, e flores d'esta planta, sendo pisados mostram ser aromaticos e amargos; e sua infusão é usada em Lisboa, e no Levante, com feliz successo, para fazer expellir as arêas dos rins e bexiga, e mitigar as dôres que d'ellas procedem.» Pouco usada.

SANTOLINA CHAMAECYPARISSUS. L.¹

(Abrotanum femina vulgare. Clus.)

Abrotano femea, Guarda-roupa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e cultiva-se muito nos quintaes.

Flor. em junho e julho.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estomachico, antispasmodico, e segundo *Texidor y Cos* é um anthelmintico effcaz. Pouco usado.¹ Variedades: α . incana. Gr. et Godr. β . virens, Wk.

LEUCANTHEMUM SILVATICUM. Hffgg. et Lk.

(Chrysanthemum Leucanthemum. Brot. non. Lin.)

Margarita maior, Olho de boi, Bemmequer dos hervolarios.

Hab. nas vizinhanças de Cintra, Coimbra, e em diversos pontos da Beira e Douro.

Flor. em maio e junho.

P. u. a planta florida.

Emp. como diuretica. Pouco usada.

MATRICARIA SUAVEOLENS. L.

(M. Chamomilla. Brot)

Chamomilla, Margaça das boticas, Macella legitima ou gallega de Grisley.

Hab. entre as serras d'Alcantara, na raiz dos montes, perto de Lisboa, mas é pouco vulgar. (Brot.)

Flor. na primavera.

P. u. os capitulos.

Emp. como estimulante e tonica; goza tambem de propriedades febrifugas, anthelminticas e emmenagogas.

PYRETHRUM PARTHENIUM. Sm.

(Matricaria Parthenium. L.; Chrysanthemum Parthenium. Pers.; Leucanthemum Parthenium. Gr. et Godr.; Tanacetum Parthenium. Schultz.)

Matricaria, Artemisia bastarda dos hervolarios.

Hab. no norte do reino e com especialidade na serra do Gerez.

Flor. em julho e agosto.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como tonica e estimulante; tambem se tem recommendado como antispasmodica, emmenagoga e anthelmintica ¹.

ARTEMISIA ABSINTHIUM. L.

(Absinthium vulgare. Gärtn.; Ab. officinale. Brot.)

Losna ordinaria ou maior, Absinthio vulgar.

Hab. nas ribanceiras do Douro, juncto ao Porto, e cultiva-se muito nos quintaes.

¹ O decoto das folhas d'esta planta é em Inglaterra um remedio favorito do povo contra as febres benignas.

Flor. em julho e agosto.

P. u. as folhas e as summidades floridas.

Emp. como tonica, emmenagoga, febrifuga e vermifuga. Sua infusão é aconselhada contra as polluções nocturnas.

ARTEMISIA ARBORESCENS. L.

(A. argentea. Seb. Maur.; Absinthium arborescens. Gártn. et Brot.)

Losna arbustiva, menor, ou do Algarve.

Hab. nas praias, e tapumes no Algarve.

Flor. em julho e agosto.

P. u. as folhas e as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ARTEMISIA VULGARIS. L.

Artemisia verdadeira.

Hab. nas vizinhanças do Porto e na parte septentrional do paiz.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz, folhas e summidades floridas.

Emp. como emmenagoga, antihysterica, e tem sido aconselhada contra a epilepsia ¹.

ARTEMISIA PANICULATA. Lamk. ²

Abrotano macho, Herva lombrigueira.

Hab. proximo do Peso da Regua, nas fraldas da serra da Estrella, e em outros pontos na Beira Alta.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e as summidades floridas.

Emp. como estomachico, emmenagogo, antiscorbutico e um remedio vulgar contra as ascarides lombricoides ³.

¹ Noutro tempo empregavam-se as folhas pisadas, para constituir as mozas, em consequencia da felpa de que são revestidas na pagina inferior.

Segundo Lindley a planta que fornece a materia combustivel para fazer as mozas é a *Artemisia moxa*. D. C. (*Absinthium moxa*. Bess.); nós costumamos fazel-as d'algodão. (*Mat. med.* do dr. Beirão).

² Segundo Brotero é uma variedade da *Artemisia Abrotanum*. L. especie indigena da Europa meridional e da Asia menor.

³ Póde substituir a *Artemisia Abrotanum*. L.

Temos no paiz ainda outras especies de *Artemisia* a que se tem dado

TANACETUM VULGARE. L.

Tanaceto, Athanasia das boticas.

Hab. na serra do Marão, juncto das povoações em Traz-os-Montes.

Flor. de julho a setembro.

P. u. as folhas, summidades floridas e sementes.

Emp. como anthelmintico, tonico e excitante.

HELICHRYSUN STOECHAS. D. C. ¹

(Gnaphalium Stoechas. L.; G. citrinum. Lamk.)

Perpetuas das arêas.

Hab. nos areaes do Tejo e da Figueira da Foz; nas colinas aridas e saibrosas proximas a Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os capitulos.

Emp. como peitoraes e febrifugas. Pouco usada.

ARNICA MONTANA. L. ²

Arnica.

Hab. em Antanol e Zombaria, nas proximidades de Coimbra; assim como nas vizinhanças de Guimarães, S. Martinho do Porto, e em outros pontos da Extremadura, Beira e Minho.

Flor. de junho a agosto.

P. u. os rhizomas e capitulos ³.

Emp. internamente como tonica em pequena dôse e alguns lhe

aplicações medicas. Ellas são: *Artemisia campestris*. L. (Artemisia dos campos) que se encontra nos arredores do Porto. *A. crithmifolia*. L. (Artemisia das arêas) que habita na costa maritima, como por exemplo na Figueira da Foz, Buarcos, Costa da Trafaria, etc. *A. palmata*. Lamk. (Artemisia das praias) que cresce nas praias de Tavira, Alcacer, Alfeita, etc.

O Semen-Contra ou sementes d'Alexandria (capitulos floras fechados da *Artemisia Sieberi*. Bess. (A. Contra. L.) e da *A. Cina*. Berg. e *A. pauciflora*. Stechm.) podem supprir-se pelas das nossas Artemisias e especialmente as da *A. campestris*. L.

¹ Variedades: β. caespitosum. Wk. γ. maritimum. Lge. δ. incanum. Wk.

² Variedade. β. angustifolia. Dub.

³ Vulgarmente chamado raizes e flores.

chamam a quina dos pobres. Convém ter o maximo cuidado na applicação interna d'este agente, porque, além de irritar as vias digestivas e produzir nauseas, vomitos e dejecções alvinas, acompanhadas de colicas muito dolorosas, excita fortemente os centros nervosos, promove cephalalgia, tremor nervoso, convulsões, picadas e formigueiros nos membros, contracturas dos musculos respiratorios, delirio e algumas vezes a morte. D'esta acção manifesta sobre os centros nervosos se tem tirado certo partido d'este medicamento em caso de paralyrias e de somnolencia. Segundo Giacomini a acção d'esta planta é hyposthenisante vascular e espinhal. É remedio popular, debaixo da fórma de tintura, contra as ecchymoses provenientes de contusões; usa-se nestes casos externamente.

SENECIO JACOBAEA. L. ¹

Tasna, Tasneira, Herva de S. Thiago.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como emolliente, resolutiva e expectorante. Pouco usada.

SENECIO VULGARIS. L. ²

Tasneirinha, Cardo morto.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. toda a planta.

Emp. como emolliente e resolutiva. Pouco usada.

CALENDULA ARVENSIS. L.

Herva Vaqueira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi todo o reino.

Flor. desde os fins do outomno até aos principios do verão.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como antispasmodica, emmenagoga e sudorifica. Pouco usada.

¹ Variedade. β . immaculatus. Wk.

² Variedade. β . radiatus (S. lividus. β . denticulatus. D. C.)

CALENDULA OFFICINALIS.

Maravilhas.

Hab. na parte oriental da Europa e entre nós é uma das plantas que mais se cultiva nos jardins.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas e flores.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

CENTAUREA CALCITRAPA. L.

(Calcitrapa stellata. Lamk.)

Calcitrapa, Cardo estrellado.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outras partes.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonica, e *Texidor y Cos* diz que alguns auctores modernos a têm considerado como um dos melhores febrifugos indigenas. Pouco usado ¹.

CNICUS BENEDICTUS. L. et Gärtn.

(Centaurea benedicta. L.; Carduus benedictus. Camer).

Cardo sancto.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nos montes d'Arregaça. (Brot.)

Flor. em junho e julho.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonica adstringente, e febrifuga; alguns medicos lhe attribuem effeitos vermifugos ².

CARTHAMUS TINCTORIUS. L.

Açafrão.

Planta originaria da India oriental, Egypto, Mauritania e Madeira.

¹ Póde empregar-se na falta do *Cardo sancto*. Guerin-Vary extrahiu d'esta planta um principio que denominou *Cnicina*, e Golignon um outro que designou por *Acido calcitrapico*.

² Nativolle tirou do *Cardo sancto* a *Cnicina* «Arnaldo de Villanova considerou esta planta como o melhor antidoto dos venenos e como bom meio prophylactico das epidemias.» (*Texidor y Cos—Flor. pharm.*).

Em Portugal encontra-se ás vezes como planta sub-espontanea e cultiva-se com frequencia nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. como purgativas. Pouco usada.

SILYBUM MARIANUM. Gärtn.

(*Cardus Marianus*. L.; *Carthamus maculatus*. Lamk.)

Cardo de Sancta Maria, Cardo leiteiro.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, e em outros pontos da Extremadura e Beira.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. como febrifugo e contra a ictericia. Pouco usado.

ONOPORDON ACANTHIUM. L.

(*Acanthium tomentosum*. Barr.)

Acanthio vulgar, Cardo argentino de Vigier.

Hab. em Traz-os-montes e na parte septemtrional da Beira.

Flor. em junho e julho.

P. u. a planta recente.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, e alguns auctores a têm recommendado em cataplasmas com a planta verde para combater as ulceras cancerosas. Pouco usado ¹.

CYNARA CARDUNCULUS. L. ²

(*C. horrida*. Sibth.; *C. silvestris* α . Lamk.; *C. spinosissima*. Presl.; *C. corsica et humilis*. Viv.; *C. Scolymus* β . Gou).

Alcachofra do monte, Cardo do coalho.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa e no Alemtejo.

Flor. em maio e junho.

P. u. toda a planta.

¹ «Falta esta especie em muitos livros de *Mat. Med.*: não deve faltar na Portugueza pela sua virtude contra os caneros, confirmada por muitas e graves auctoridades, resistindo-lhe com tudo os das mammas» (dr. J. J. de Figueiredo — *Flor. pharm.*)

² Variedade. β . sativa Moris (*C. Scolymus*. L.); Alcachofra hortense.

Emp. como diuretica e contra a ictericia. Villeroy considerou-a laxante, e Leorat-Perroton febrifuga. Pouco usada ¹.

LAPPA MAJOR. Gärtn.

(Lappa officinalis. All. et Rehb.; Arctium Lappa. L.; A. majus. Schk.)

Bardana maior. Pegamaço.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi todo o paiz.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz.

Emp. como tonica e sudorifica, empregada em infusão no tratamento dos dartros, sarna e syphilis. O decocto, usado em lavatorios, goza da propriedade bem evidente de apagar o prurido dartroso.

CICHORIUM INTYBUS. L. ²

Almeirão, Chicorea brava.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em todo o reino.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como tonico, estomachico e febrifugo ³.

CICHORIUM DIVARICATUM. Schousb.

(Cichorium Intybus. β . divaricatum. D. C.; C. pumilum. Jacq.; C. Endivia. β . pumilum. Vis.)

Almeirante.

Hab. a parte meridional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

CICHORIUM ENDIVIA. L.

(Cichorium Endivia var. sativa. Willd.)

Chicorea, Escarolla.

Planta originaria da India oriental e muito cultivada no paiz.

¹ Guitteau extrahiu-lhe um principio a que chamou *Cynarina*.

² Variedades: β . glabratum. Gr. et Godr. γ . leucophaeum. Gr. et Godr.

³ Póde substituir-se-lhe a *Almeiroa*, *Crepis taraxacifolia*. Thuill. δ . intybacea. Gr. et Godr. (*Crepis intybacea*. Brot.)

Flor. no estio.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. como depurativo e refrescante.

TRAGOPOGON PRATENSIS. L.

Barba de bode dos prados.

Hab. nos arredores de Bragança, e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente e aperitiva. Pouco usada.

TRAGOPOGON PORRIFOLIUS. L.

Barba de bode hortense, Salsifi dos Francezes.

Planta originaria de quasi toda a Europa, entre nós cultiva-se nas hortas.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

SCORZONERA HISPANICA. L. ¹

Escorcioneira ordinaria, ou maior.

Hab. nas proximidades de Miranda do Douro, e em outros pontos de Trás-os-Montes; assim como na parte septentrional da Beira.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente, peitoral, sudorifica, tonica e depurativa. Pouco usada.

SONCHUS OLERACEUS ².

Serralha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e verão.

P. u. a planta.

¹ Variedades: α . latifolia. Koch.; β . glastifolia. Wallr.; γ . crispatula. Bss.

² Variedades: α . triangularis. Wallr.; β . lacerus. Wallr.; γ . integrifolius. Wallr.

Emp. como refrigerante, diuretica, empregada contra a hepatite, nephrite, etc. ¹

LACTUCA SATIVA. L.

(*Lactuca capitata et crispa*. D. C.; *L. laciniata*. Roth.)

Alface hortense.

Planta indigena da India oriental, e no paiz cultiva-se muito nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida ².

Emp. como sedativa, hypnotica e antiscorbutica.

LACTUCA VIROSA. L.

Alface brava maior, Alface virosa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, no Bussaco, e em toda a parte septentrional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como narcotica e diuretica ³.

¹ «Esta planta tem sido usada como *lithonriptica* com grande vantagem pelo nosso, hoje defuncto, e nunca assaz chorado mestre, o dr. Caetano José Pinto, e é actualmente pelo outro nosso mestre, e lente jubilado, o sr. Bento Joaquim de Lemos, eminente practico em Coimbra» (dr. J. J. de Figueiredo — *Flor. Pharm.*).

² Vulgarmente chamada *Alface espigada*. Rejeitam-se as folhas externas.

³ «Não se lhe substitua, sem indicação especial, a *Alface brava menor*, *Lactuca Scariola*. L. (*L. sylvestris*. Lamk.)» — (*Pharmacopêa portugueza*, 1876).

O succo concreto obtido, por incisões transversaes, na epocha da florescencia no caule das Alfaces hortense e virosa, recebe o nome de *Lactuario*, preparado obtido por Aubergier, pharmaceutico em Clermont (França). O *Lactuario* tem propriedades analogas ás do opio sem ter os inconvenientes d'este ultimo medicamento.

Depois dos trabalhos de Aubergier, presididos por Chevallier e approvados pela Academia, é da *Lactuca altissima*, Bieb. que se extrahê o melhor lactuario: esta especie de alface é indigena do Caucaso, mas encontra-se já cultivada e introduzida noutros paizes.

Do caule das Alfaces, mas com especialidade do da especie *hortense*, obtem-se um outro preparado conhecido debaixo do nome de *Thridacio*.

Alguns pharmaceuticos preparam a *Agua de Alface* com a Alface hortense quando a nossa *Pharmacopêa* recommenda para este fim a especie virosa.

TARAXACUM OFFICINALE. Wigg.⁴
 (Taraxacum Dens-leonis. Desf.; Leontodon Taraxacum. L.;
 L. vulgare. Lamk.)

Taraxaco, Dente de leão.

Hab. nos arredores de Coimbra, e em muitos outros pontos ao norte do reino.

Flor. na primavera e estio.

P. u. toda a planta².

Emp. como tonico e estomachico. Ha tambem quem o tenha considerado como diuretico, depurativo, ligeiramente laxante, antiscorbutico e febrifugo.

ANDRYALA INTEGRIFOLIA. L. *α. corymbosa*.

(Andryala corymbosa. Lamk.; A. parviflora. *α. latifolia*. Bss.;
 A. sinuata. Rehb.; A. lanata. Vill. ?)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Setubal e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas.

Emp. a infusão das folhas dizem ser muito util na diarrhea.

Pouco usada.

HIERACIUM PILOSELLA. L.³

Pilosella das boticas, Orelha de lebre.

Hab. nas serras do Gerez, da Estrella e Marão.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente, litontripctica e febrifuga. Pouco usada.

¹ Variedades: *α. genuinum*. Koch.; *β. lividum*. Koch.; *γ. alpinum*. Koch.

² Deve ser colhida antes da floração.

³ Variedades: *α. pulchellum*. Scheele.; *β. pilosissimum*. Fr.; *γ. incanum*. D. C.; *δ. grandiflorum*. Fr.

Campanulinae.

Lobeliaceae. *Juss.*

LOBELIA URENS. L.

(Rapunculus galeatus. Moris).

Lobelia urente, queima lingua.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como antisymphilitica e vulneraria¹. Pouco usada.Campanulaceae. *Juss.*CAMPANULA RAPUNCULUS. L.²

(C. elatior. Hffgg. et Lk.)

Rapuncio ou Raponcio.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como adstringente e vulneraria. Pouco usado.

Caprifoliaceae.

Lonicereae. *Juss.*

LONICERA PERICLYMENUM. L.

Madresylva das boticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e quasi em todo o reino.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

¹ Póde substituir a *Lobelia siphilitica*. L., e a *L. inflata*. L. ambas oriundas da America septentrional.

² Variedades: α . racemoso-paniculata, β . cymoso-spicata.

Emp. Rondelet e Hoffmann reputaram as flores como cordiaes, bechicas e antispasmodicas, as folhas como tonico-adstringentes, os fructos como emeto-catharticos e a casca como antisiphilitica ¹. Pouco usada.

• LONICERA CAPRIFOLIUM. L.

Madresylva caprina.

Hab. com a precedente.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ². Pouco usada.

• VIBURNUM OPULUS. L. ³

Rosa de Gueldres, Novelleiro, Sabugueiro da agua.

Hab. nos campos de Coimbra, juncto á ponte da Cidreira, e em outras partes. Nos jardins cultiva-se muito a sua variedade β .

Flor. na primavera.

P. u. as folhas e os fructos.

Emp. as folhas como emeto-catharticas. Nos fructos esta ultima propriedade é muito mais activa.

Robert e Tournefort attribuiram ao hydrolato das folhas d'esta planta a propriedade de destruir os calculos da bexiga. Pouco usado.

• VIBURNUM TINUS. L.

Folhado.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nas serras da Estrella e Gerez; assim como em quasi toda a parte septentrional do paiz.

Flor. de janeiro a abril.

¹ Em Coimbra o povo emprega a raiz da Madresylva em cozimentos contra a Blennorrhagia.

² Tanto a *Madresylva caprina*, como a *Madresylva ordinaria* ou das *boticas* podem servir do mesmo modo que as flores de *Sabugueiro* em infusão como diaphoreticas: é esta a opinião de Scroder referida pelo sr. dr. Figueiredo na sua *Flora alimenticia e pharmaceutica*, a pag. 59.—(*Mat. Med.* do dr. Beirão).

³ Variedade. β . roseum. R. et S.

P. u. as folhas e fructos.
Emp. a infusão como febrifugo ¹. Pouco usado.

SAMBUCUS EBULUS. L.

Engos.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Torres Vedras, Cintra, serra da Estrella e em outros sitios na Beira e Extremadura.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. como purgativa, diuretica e resolutive ². Pouco usado.

SAMBUCUS NIGRA. L. ³

Sabugueiro ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz, umas vezes espontaneo, outras cultivado.

Flor. na primavera.

P. u. as cymeiras ⁴ e bagas.

Emp. as cymeiras como emollientes, resolutivas e diaphoreticas, é um dos sudorificos mais populares entre nós; as bagas como diaphoreticas e aperitivas ⁵.

Contortae.

Oleaceae. Lindl.

OLEA EUROPAEA. L. ⁶

Oliveira.

¹ Na Galliza é um medicamento bastante vulgar.

O illustrado chimico hespanhol, D. Antonio Casares, descobriu em 1856 nesta planta um principio immediato a que chamou *viburnino*.

² As bagas podem empregar-se na falta das do Sabugueiro ordinario.

³ Variedade. β . laciniata (S. laciniata. Mill.)

⁴ Vulgarmente chamadas flores.

⁵ Á casca do Sabugueiro tem-se attribuido virtudes medicinaes, Boerhave e Sydenham applicaram-na como emeto-cathartica nas ascites; Teixidor y Cos a considera como diuretica e cathartica empregando-a contra as hydropesias; Lindley como hydragoga, cathartica e emetica; Chernoviz como purgativa. A casca interior é a que se emprega, sobre tudo a dos ramos novos e a da raiz.

⁶ Variedades: α . Oleaster. D. C.; β . sativa. D. C.

Arvore indigena do Oriente, e cultivada em quasi todo o paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. folhas, casca e fructos ¹.

Emp. as folhas e casca como tonicas e febrifugas, os fructos fornecem um oleo precioso a que chamamos *azeite de oliveira* que tem diversas applicações em medicina e pharmacia.

PHILLYREA LATIFOLIA. L. ²

Aderno.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Cintra, Thomar, Alcobaga, Bussaco e em outros pontos do paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as folhas.

Emp. como diureticos ³. Pouco usado.

LIGUSTRUM VULGARE. L.

Alfenheiro.

Hab. nas vizinhanças de Bragança, nas do Sabor e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. de maio a julho.

P. u. as folhas.

Emp. como tonico e adstringente. Pouco usado.

FRAXINUS EXCELSIOR. L.

Freixo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. em janeiro e fevereiro.

P. u. a casca e as folhas.

Emp. a casca como tonica e febrifuga, as folhas como catharticas e diureticas ⁴. Pouco usado.

¹ Vulgarmente chamados azeitonas.

² Variedade. ϕ . obliqua. Ait.

³ Temos ainda no paiz a *Phillyrea angustifolia*. L. (Lentisco bastardo) e a *Ph. media*. L. (Aderno) que gozam das mesmas propriedades medicas.

⁴ Segundo Lindley nos paizes quentes esta arvore produz o *Manná*. O manná é o succo concreto, obtido por incisões da casca do *Fraxinus Ornus*. L. e do *F. rotundifolia*. Lamk.

SYRINGA VULGARIS. L.

Lilaz.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada no nosso paiz nos jardins e hortas.

Flor. de fevereiro a abril.

P. u. as folhas, casca e fructos.

Emp. as folhas e casca como tonicás, os fructos como febrifugos ¹.

Pouco usado.

Apocynaceae. *Lindl.*

VINCA MEDIA. Hffgg. et Lk.

(V. major. Brot. non L.)

Congossa maior, Pervinca.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a maio.

P. u. as folhas.

Emp. como levemente adstringentes e tonicás; tambem ha quem lhe tenha attribuido virtudes purgativas, diaphoreticas e antiscorbuticas ². Pouco usada.

NERIUM OLEANDER. L.

Sevadilha ³, loendro, espilradeira.

Hab. a parte meridional do Alemtejo (Brot.) e cultiva-se muito pelos jardins.

Flor. de julho a outubro.

P. u. as folhas e casca.

Emp. em Hespanha empregam-nas como antipsoricas em pó, extracto, cozimento, oleo e pomada (Texidor y Cos). Tambem

¹ Alguns medicos estrangeiros recommendam os fructos e as sementes do Lilaz como um remedio valioso para curar as febres intermittentes.

Deverão empregar-se os fructos antes da sua maturação.

² As mulheres do povo consideram as folhas de Congossa como lactifugas.

³ Não se confunda com a Sabadilla officinarum. Brandt. (Asagraea officinalis. Lindl.) planta oriunda do Mexico e da familia das Melanthaceas á qual nas pharmacias tambem chamam Cevadilha.

se lhe tem attribuido virtudes esternutatórias vermifugas e anti-
pilepticas ¹. Pouco usada.

Asclepiadeae. Jacq.

CYNANCHUM ACUTUM. L. β . Monspeliaca. Desne.

(C. Monspeliacum. L. Scammonea Valentina. Clus.)

Escamonea de Montpellier, ou E. de Mompelher.

Hab. em Vallada e Santarem, juncto ao Tejo e em outros pontos
da Extremadura, Beira e Trás-os-Montes.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a resina-gomma obtida por incisões na raiz.

Emp. como purgante-drastico ². Pouco usada.

VINCETOXICUM OFFICINALE. Mnch.

(Asclepias Vincetoxicum. L.; Cynanchum Vincetoxicum. R. Br.)

Herva contraveneno.

Hab. no Gerez.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como emetica e purgativa, tambem ha quem a reputa
sudorifica e diuretica ³. Pouco usada.

¹ Esta planta é altamente venenosa, todas as partes que a constituem contém veneno narcótico-acre. Tem já havido casos de envenenamento por se ter assado carne em espeto feito com a madeira d'esta planta. Libantius cita um caso de ter fallecido um individuo por ter dormido com flores d'esta planta no quarto; Morgagni diz ter succumbido uma mulher, nove horas depois de ter bebido vinho misturado com o succo da Sevadilha; Grogner assevera terem morrido cavallos em poucos minutos por ter comido as folhas d'esta planta; Pelican suppõe que os seus effeitos paralizam os movimentos do coração; Leukowsky tirou d'esta planta umas substancias a que chamou *Oleandrina* e *pseudo curarina*.

² Esta planta por uma incisão obliqua na parte superior da raiz dá um succo, que, inspissado pela cocção, se torna uma substancia mais pesada e mais negra que a *Escamonea* do *Convolvulus scamonea*. L., mas d'uma virtude purgante mais debil; e por isso talvez mais digna do uso therapeutico (dr. J. J. de Figueiredo—*Flor. pharm.*)

³ Antigamente era considerada esta planta como antidoto dos venenos e é d'ahi que lhe vem o seu nome vulgar.

VINCETOXICUM NIGRUM. Mnch. ¹
(*Asclepias nigra*. L.; *Cynanchum nigrum*. R. Br.)

Vincetoxico negro.

Hab. no Penedo da Meditação e Eiras, nas vizinhanças de Coimbra, assim como na Beira, Douro e Minho.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Gentianeae. Juss.

GENTIANA LUTEA. L.

Genciana maior, ou das boticas, Argençana dos pastores.

Hab. no Cantaro gordo, Cantaro delgado e Cimadouro dos cães, na Serra da Estrella (Hffgg. et Lk.)

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como tonica, estomachica, anthelmintica e febrifuga.

ERYTHRAEA CENTAURIUM. Pers. ²

(*Gentiana Centaurium*. L.; *Chironia Centaurium*. D. C.)

Fel da terra, Centaurea menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de junho a agosto.

P. u. o caule e as summidades floridas.

Emp. com tonico e febrifugo; tambem se pôde empregar como vermifuga e estomachica ³.

¹ Variedade. β . latifolium. Lge.

² Variedades: β . grandiflora. Pers. (*E. major*. Bss.; *E. grandiflora*. Biv.; *E. Boissieri*. Wk.); γ . suffruticosa. Griseb.

³ Outras duas especies d'esta familia se podem talvez empregar em medicina, que são *Gentiana Pneumonanthe*. L. e a sua variedade *Depressa* (Genciana azul) que habita a Serra da Estrella, assim como a *Erythraea ramosissima*. Hffgg. et Lk., que se encontra nas vizinhanças de Coimbra. A primeira podendo substituir a *G. lutea*. L. e a segunda a *E. centaurium*. Pers.

LIMNANTHEM NYPHOIDES. Lk. (*Menyanthes nymphoides*, L.; *M. natans*, Lamk.; *Villarsia nymphoides*, Vent.)
 Hab. nas vallas e pegos dos campos de Coimbra e em outros pontos do paiz.
 Flor. de julho a outubro.
 P. u. as folhas.
 Emp. como tonicis, adstringentes e emeto-catharticas¹. Pouco usado.

Nuculiferae.

LABIATAE.
LAVANDULA STOECHAS. L.
 (*Stoechas purpurea*, Tourn., *St. officinarum*, Mill.)
 Rosmaninho.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.
 P. u. as summidades floridas.
 Emp. como antispasmodicas e bechicas.² Pouco usado.
LAVANDULA PEDUNCULATA. Cav.
 (*Stoechas longioribus ligulis*, Clus.)
 Rosmaninho pedunculado.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.
 Flor. na primavera.

¹ Póde empregar-se na falta do *Menyanthes trifoliata*, L. (Trevo da agua ou dos charcões, Trifolio fibrino) cujas virtudes medicas são analogas. O Trevo da agua habita em quasi toda a Europa. Não nos consta que habite em Portugal apesar de Texidor e Cos dizer na sua *Flor. pharm.* que se encontra na nossa provincia de Entre Douro e Minho.

² Vulgarmente chamadas flores ou espigas.

³ Antigamente empregava-se muito o xarope das flores do Rosmaninho.

⁴ Variedade. β . *pallens*, Lge.

- P. u. as summidades floridas.
 Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.
- LAVANDULA LATIFOLIA. Vill.
 (L. Spica. β . L., L. vulgaris. β . Lamk., L. Spica. D. C.)
 Alfazema ordinaria.
 Planta originaria da região mediterranea e muito cultivada em Portugal nas hortas e quintaes.
 Flor. no estio.
- P. u. as flores ¹ e folhas.
 Emp. como é excitantes, mas tambem se lhe tem attribuido virtudes tonicas e estomachicas.
- LAVANDULA VERA. D. C. ²
 (L. Spica. α . L., L. Spica. Gr. Godr., L. vulgaris. α . Lamk., L. officinalis. Chaix., L. pyrenaica. D. C.)
 Alfazema.
 Tudo o que diz respeito á especie antecedente.
- MENTHA SATIVA. L. β . *gentilis*. Rchb.
 (M. *gentilis*. L., M. *rubra*. Huds., M. *sativa*. Coss.)
 Vergamota.
 Hab. como planta subspontanea, perto das hortas, quintaes e jardins, onde é muito cultivada.
 Flor. no estio.
- P. u. a planta florida.
 Emp. esta planta tem cheiro fragrante e agradável: as folhas são balsamicas, fragrantes, e têm sabor calido e aromatico. Pouco usada.
- MENTHA AQUATICA. L. ³
 (M. *sativa*. Sm. non L.)
 Hortelã d'agua.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Buarcos e em muitos outros pontos do paiz.
 Flor. no estio.

¹ Depois de ripadas.

² Variedade. β . *pyrenaica*. Benth.

³ Variedades: α . *nemorosa*. Fr., β . *hirsuta*. W., γ . *crispa*. Benth., δ . *subspicata*. Benth., ϵ . *glabrata*. Benth.

P. u. a planta florida.

Emp. como estomachica e vermifuga. Pouco usada.

MENTHA PIPERITA. L.

(M. silvestris L. var. piperita: Rehb., M. glabrata Vahl.)

Hortelã pimenta.

Planta originaria da Europa central, e no paiz cultiva-se nas hortas e quintaes.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatica, carminativa, estomachica e estimulante.

MENTHA VIRIDIS. L.

(M. silvestris var. glabra. Rehb.)

Hortelã das cozinhas.

Planta indigena da Europa, e entre nós muito cultivada nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatica, carminativa, estimulante, tonica e vermifuga.

MENTHA ROTUNDIFOLIA. L.

Mentrasito ou Menthastro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. muito se tem ponderado sobre os effeitos d'esta planta como anti-cholericas, applicada em cataplasmas sobre o epigastrio ou usada internamente debaixo da fórma de essencia em vehiculo appropriado. Nas vizinhanças de Lisboa o povo emprega o Eleoleo do mentrasito contra as queimaduras, golpes, etc.

MENTHA ROTUNDIFOLIA. L. var. *glabra*. Brot.

Hortelã hortense.

Cultiva-se nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. o mesmo que o da *Mentha viridis*. L.

MENTHA PULEGIUM. L. ¹
 (Pulegium vulgare. Mill.)
 Poejo.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.
 Flor. no estio.
 P. u. a planta florida.
 Emp. como aromatico, carminativo, antispasmodico, e alguns lhe attribuem virtude emmenagoga.

LYCOPUS EUROPAEUS. L. ²
 Marroio d'agua.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de maio a agosto.
 P. u. toda a planta.
 Emp. como tonica e febrifuga. Pouco usado.
SALVIA OFFICINALIS. L.
 (S. hispanica. Ettl. non. L.)
 Salva das boticas, ou ordinaria.
 Planta originaria da Europa meridional e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.
 P. u. as folhas e summidades floridas.
 Emp. como excitantes, tonicas, carminativas, diaphoreticas e emmenagogas. Alibert prescrevia vinho de salva como um bom antiscorbutico.

SALVIA SCLARIA. L.
 (S. bracteata. Sims., Sclarea vulgaris. Mill.)
 Salva romana, Salva muscatel.
 Hab. nas vizinhanças de Bragança (M. Ferreira), e cultiva-se nas hortas e jardins.

Flor. de maio a julho.
 P. u. as folhas e summidades floridas.

¹ Variedade. β . villosa. Benth. (Mentha tomentella. Hffgg. et Lk., M. gibbraltarica. W.)

² Variedade. β . elatior. Lge.

Emp. as folhas em cataplasmas vinosas para combater as úlceras atônicas e fungosas; e as summidades floridas como aromáticas, estimulantes e tónicas ¹. Pouco usada.

SALVIA VERBENACA. L. *γ. praecox*. Lge.
(S. verbenaca. *α. vernalis*. Bss., S. clandestina. L., S. horminoides. Pourr., S. polymorpha. Hffgg. et Lk., S. ceratophylloides. Colm., S. verbenacoides. Brot.)

Salva brava do inverno.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos da Beira e Extremadura.

Flor. no inverno e primavera e ás vezes já no outomno.
P. u. a planta florida.

Emp. a infusão como estomachica, o maçerato vinoso contra as úlceras gangrenosas. Pouco usada.

ROSMARINUS OFFICINALIS. L.
(Salvia rosmarinus. Schleid.)
Alecrim.

Hab. no Alemtejo, Beira e em outros pontos do paiz.
Flor. no estio.
P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. como carminativas, estimulantes e emmenagogas ².

ORIGANUM VULGARE. L. *β. prismaticum*. Gaud.
(O. creticum. L.; O. macrostachyum. Hffgg. et Lk.; O. Hera-cleoticum. Rehb.; O. vulgare. L. var. spicatum. Wk.)

Ouregão menor, Ouregão de Creta ou longal.
Hab. nas vizinhanças de Lisboa, Thomar e em outros pontos das nossas provincias meridionaes.

¹ As summidades floridas têm-se empregado para substituir o Lupulo no fabrico da cerveja. O calyx d'esta salva tem um aroma muito semelhante ao das uvas muscateis e por isso é muito empregado para falsificar o vinho muscatel e aromatizar o licor e aguardente d'este nome. O povo attribue ás sementes d'esta salva virtudes antiophthalmicas.

² O Alecrim entra na composição da Agua da Rainha da Hungria, dos vinagres antiseptico e aromatico e d'outros medicamentos. Em Inglaterra usam da infusão das flores do Alecrim, como bom resultado, para combater os ataques da Asthma.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estomachico, antispasmodico e sudorifico.

ORIGANUM VIRENS. Hffgg. et Lk.

(O. vulgare var. virens. Rehb.)

Ouregão ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ORIGANUM MAJORANA. L.

(O. majoranoides. W.; O. onites. Lamk. non L.; Manjorana hortensis. Mch.)

Manjerona.

Planta originaria da Africa mediterranea e Asia media.

No paiz cultiva-se frequentemente nas hortas e jardins.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes, e usa-se tambem para banhos estimulantes.

THYMUS VULGARE. L.²

(Th. glandulosus. Lag.)

Tomilho ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, proximo a Eiras, e em diferentes pontos da Beira e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estimulante, antispasmodico e carminativo.

THYMUS SERPYLLUM. L.³

(Th. variabilis. Hffgg. et Lk.)

¹ O pó de manjerona é esternutatorio, e o vulgò costuma empregar o chá d'esta planta assim como o dos Ouregãos como remedio contra as affecções nervosas (Jonath. Pereir.—*Mat. Med.*; tomo II, pag. 1377).

² Variedades: α . verticillatus; β . capitatus.

³ Variedades: β . angustifolius. Rehb. fil.; γ . confertus. Gr. et Godr.

Serpão ou Serpol.

Hab. nos sitios abrigados pelo norte do reino (padre Christovam dos Reis). Monte-Junto. (Hffgg. et Lk.)

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹.

SATUREJA HORTENSIS. L.

Segurelha.

Hab. a Europa mediterranea e, no nosso paiz, cultiva-se frequentemente nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatica e carminativa ². Pouco usada.

HYSSOPUS OFFICINALIS. L.

Hyssopo.

Planta indigena da Europa meridional e muito cultiva no paiz.

Flor. no estio e principios do outomno.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estimulante e espectorante.

MELISSA OFFICINALIS. L.

(M. altissima. Sibth.; M. hirsuta. Hornem., Balb.; M. officinalis. β. villosa. Bss.)

Herva cidreira. Melissa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e principios do estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como antispasmodica ³.

¹ Temos na nossa Flora ainda alguns *Thymus* que podem substituir as especies acima mencionadas. Elles são: *Thymus Mastichina*. L. e *Th. Zygis*. Brot. non L. (*Th. silvestris*. Hffgg. et Lk.) Serpão do monte.

² Esta planta entra na composição do alcoolato vulnerario.

³ O *Melittis Melissophyllum*. L. Melissa bastarda; a *Calamintha Nepeta*. Hffgg. et Lk. (*Thymus Nepeta*. Sm.) Nevada menor e a *Calamintha officinalis*. Mneh. (*Thymus Calamintha*. Scop.) Nevada maior, podem substituir, e na practica popular muitas vezes substituem a verdadeira melissa. (*Mat. med.* do dr. Beirão).

GLECHOMA HEDERACEA. L.

(Nepeta glechoma. Bth.)

Hera terrestre.

Hab. nas vizinhanças de Bragança, Manteigas e alguns pontos da Beira, Extremadura, etc.

Flor. na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. como bechica, expectorante e tonica.

LAMIAM MACULATUM. L.

(L. stoloniferum. Lap.; L. grandiflorum. Pourr.; L. album β . Poll.)

Urtiga morta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como adstringente contra a leucorrhéa e hemorragias ⁴. Pouco usado.MARRUBIUM VULGARE. L. ²

Marroio branco.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas ³.

Emp. como tonico, estimulante e emmenagogo.

BALLOTA NIGRA. L.

(Marrubium nigrum. Crtz.)

Marroio negro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Evora e em outros pontos da Beira e Alentejo.

Flor. no estio.

¹ Póde substituir o *Lamium album*. L.² Variedade. β . lanatum. Bth.³ Faça a colheita ao apontar da floração (*Pharmacopœa Portuguesa*, 1876).

P. u. as folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹. Pouco usado.

PHLOMIS LYCHNITIS. L.

Orelha de lebre.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringentes. Pouco usada.

TEUCRIUM SCORODONIA. L.

(T. silvestre. Lamk.)

Salva dos bosques, Falso escordio.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonica, antisyphilitica, diuretica e antiscorbutica.

Pouco usada.

TEUCRIUM SCORDIUM. Brot.

(T. lanuginosum. Hoffm et Lk.)

Escordio.

Hab. entre Coimbra e Buarçós, na Costa da Trafaria e em outros sitios.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonica e antiseptica. Pouco usada.

TEUCRIUM POLIUM. L. ²

(T. Pseudo Hyssopus. Schreb.; Polium montanum album. Barr.)

Polio montano.

¹ Esta planta é reputada como possuidora de consideraveis virtudes pelos mais antigos auctores de *Materia Medica*: é para admirar que muitos, ou a maior parte dos modernos não façam menção d'ella: é nomeada nas linguas de quasi todas as Nações da Europa; o que dá a entender que, não tendo uso nas artes, estes nomes lhes fossem dados pelo que teve em Medicina. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora pharm.*)

² Variedades: α . vulgare. Bth.; β . montanum. Bss.; γ . purpurascens. Bth.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e Villa-Franca.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonico ⁴. Pouco usado.

AJUGA REPTANS. L.

(Bugula reptans. Lamk.)

Bugula, Consolda media.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos na parte septemtrional do paiz ².

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como adstringente-amargo. Pouco usado.

Verbenaceae. Juss.

VERBENA OFFICINALIS. L. ³

Urgebão, Gervão, Verbena das boticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida ⁴.

Emp. internamente como estimulante e tonico; externamente usa-se na medicina popular, sob a fórma de cataplasma, nas obstrucções do figado ⁵.

¹ Os Teucriums que mais se empregam em Medicina são o *T. Chamaedry*, L. Herva Carvalhinha ou Carvalho pequeno, e o *T. Marum*, L. Herva dos gatos, ambos indigenas da Europa. O dr. Beirão na sua *Materia Medica* diz que podem ser substituidos pelas especies da nossa Flora. Ambos se empregam como tonicos.

² Esta planta foi omittida na *Flora Lusitanica* por esquecimento, como o dr. Brotero teve a bondade de me participar. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora pharm.*)

³ Variedade. β . prostrata. Gr. et Godr.

⁴ Faça-se a colheita no principio da floração, e proceda-se rapidamente á dessiccação. (*Pharm. Portugueza*, 1876).

⁵ A cataplasma de urgebão prepara-se com o cozimento d'esta planta, farinha de centeio e gemmas de ovos.

VITEX, AGNUS-CASTUS. L. ¹

Agno-Casto, Arvore da castidade, Pimenteiro sylvestre.

Hab. em alguns pontos da nossa provincia de Trás-os-Montes, em sitios paludosos. Cultiva-se muito nas hortas, quintas e jardins.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos ².

Emp. internamente como poderoso aphrodisiaco, externamente contra a colica ³. Pouco usado.

Asperifoliae. Linn. *(Borraginacea)*

ECHIUM PUSTULATUM. Sibth.

(E. tuberculatum. Hffgg. et Lk.; E. vulgare Brot. non Lin.;

E. vulgare var. grandiflorum. Bertol.)

Viperina.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as flores e folhas.

Emp. como emolliente e diuretico. Noutro tempo empregou-se muito contra a mordedura das viboras. Pouco usado.

PULMONARIA LONGIFOLIA. Bast. ⁴

(P. angustifolia. Hffgg. et Lk. non Lin.)

Pulmonaria.

¹ Entre os gregos esta arvore foi antigamente consagrada á conservação da castidade; por esta razão as matronas, que prezavam esta virtude, nos Thesmophorios ou Festas de Ceres, juncavam as suas camas com as folhas d'esta planta (Diosc., Gal., Plin.) daqui vem o nome grego *Agnus*, ao qual se ajunctou o latino *Castus*, que significa o mesmo. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flor. Pharm.*)

² Vulgarmente chamados *bagas*.

³ Na Smyrna faz-se muito uso das bagas d'esta planta para combater as colicas.

⁴ A pulmonaria que habita o nosso paiz é designada em todos os livros que tractam da nossa Flora, com o nome de *P. angustifolia*. L., ultimamente porém o dr. Kerner, na obra que publicou em 1878, intitulada *Monographia Pulmonariarum*, pag. 13 descreve-a como sendo a *Pulmonaria logifolia*. Bast., especie muito distincta da *P. angustifolia*. L.

Hab. na serra de Rebordão, proximo a Bragança.

Flor. em maio e junho.

P. u. as flores e folhas.

Emp. como bechica e sudorifica. Pouco usada.

LITHOSPERMUM PROSTRATUM. Lois ¹.

(L. purpureo-coeruleum. Thore non. L.; L. fruticosum. Hffgg. & Lk. et Brot. non. L.; L. Chamaecistus. Pourr. teste Lge.; L. diffusum. Lag.; L. ericetorum. Salzm. teste. D. C.)

Herva das sete sangrias, Sargaça bastarda.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos na Beira e Extremadura.

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como temperante. O povo emprega frequentemente a infusão d'esta planta nas suppressões de transpiração.

LITHOSPERMUM FRUTICOSUM. L.

(Lithodora fruticosa. Griseb.)

Sanguinaria, Sargacinha.

Hab. no Algarve (Wk.)

Flor. desde março a junho.

P. u. as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ANCHUSA ITALICA. Retz.

(A. officinalis. Ass., Cav., Gou., Vill., Desf., Brot. non Lin.; A. paniculata. Ait.; Buglossum officinale. Lamk.)

Buglossa, Lingua de vacca, Orcanetta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos da Extremadura, Beira e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. as flores e folhas.

Emp. como emolliente e diaphoretica.

ANCHUSA UNDULATA. L. ²

(A. angustifolia. Balb.; Buglossum angustifolium. All., B. lusitanicum. Tourn.)

¹ Variedade. β . erectum. Coss.

² Variedade. β . angustissima. D. C.



Buglossa ondeada.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

SYMPHYTUM OFFICINALE. L.

Consolda maior.

Hab. na nossa provincia de Entre Douro e Minho. (Padre Christovam dos Reis).

Flor. de abril a junho.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. como emolliente, e póde usar-se nas hemorragias em consequencia d'uma pequena quantidade de tanino que contém. Pouco usada.

BORRAGO OFFICINALIS. L.

Borragem.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. nos fins do inverno e na primavera.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como sudorifica.

CYNOGLOSSUM CLANDESTINUM. Desf.

(*C. officinale*. Brot. non. L.)

Cynoglossa, ou lingua de cão.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. parte cortical da raiz.

Emp. como narcotica. A casca sêcca da raiz entra na composição das pilulas de cynoglossa ¹.

CYNOGLOSSUM PICTUM. Ait.

(*C. appeninum*. Gou. non L.; *C. amplexicaule*. Lamk.; *C. officinale*. Desf. non L.; *C. officinale*. Cav.; *C. creticum*. II Clus.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos da Beira, Extremadura e Algarve.

Flor. na primavera.

¹ Prive do medittullio, na occasião do emprego. (*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Tubiflorae.

Convolvulaceae. Vent.

CALYSTEGIA SEPIUM. R. Br.

(*Convolvulus sepium*. L.)

Trepadeira dos tapumes.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. como purgativa. Pouco usada ¹.

CALYSTEGIA SOLDANELLA. R. Br.

(*Convolvulus soldanella*. L.)

Soldanella, Couve marina.

Hab. nos terrenos arenosos da nossa costa proximo á Figueira da Foz, Buarcos, Quiaios, etc.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

CONVOLVULUS ARVENSIS. L. ²

Coriolla, Verdeselha ou Verdisella.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. segundo Tournefort e Garidel esta raiz é muito efficaz como vulneraria, e têm-se-lhe attribuido virtudes litontriplicas, purgativas e antipsoricas. Pouco usada.

¹ «Planta lactescente. Dá um succo, que, segundo Haller, tem virtude analoga á da Escamonea. *Convolvulus escamonea*. L.» (Dr. J. J. de Figueiredo—*Flor. Pharm.*)

² Variedade, *linearifolius*. Chois.

Solanaceae. Bartl.

NICOTIANA TABACUM. L.

Herva sancta, Nicociana, Tabaco.

Planta originaria da America meridional, muito cultivada no paiz, e encontrando-se bastantes vezes como sub-espontanea.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como narcotica. Em quantidade elevada esta planta é um veneno nacotico-acre; e o seu alcaloide — a *nicotina* — é um veneno tão violento que, ainda em muito pequena dóse, póde matar em pouco tempo. Tem sido aconselhada nas nevroses como asthma, coqueluche, epilepsia, etc., mas hoje o seu emprego é muito limitado, e quasi que não se usa senão em clysteres, com a maxima cautella, nas hernias estranguladas.

DATURA STRAMONIUM. L. ¹

Estramonio, Figueira do inferno.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nos campos de Vallada e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta ² e as sementes.

Emp. os effeitos d'esta planta são muito analogos aos de Belladona. Applicado em dóse elevada é um veneno forte e em pequena dóse é narcotica. Tem-se usado internamente nas nevroses, mas actualmente o seu uso está limitado á asthma debaixo da fórma de cigarros, que o doente fuma durante o ataque.

HYOSCYAMUS NIGER. L.

Meimendro negro.

Hab. nas nossas provincias septemtrionaes, ao sul do paiz é raro.

Flor. no estio.

¹ Variedade: *chalybaea*. Koch. (D. *Tatula*. L.)

² Colha durante a floração. Renove annualmente. (*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

P. u. toda a planta e as sementes ¹.

Emp. como calmante do systema nervoso, na epilepsia, hypochondria, alienação mental, colica de chumbo, tic doloroso da face, tremor dos membros, nevralgias, convulsões, etc. É planta muito venenosa e, administrada em alta dóse, occasiona a morte.

HYOSCYAMUS ALBUS. L.

Meimendro branco.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitas outras terras do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta e as sementes.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém a sua acção é menos energica.

PHYSALIS ALKEKENGII. L.

Alquequenge.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra nos campos do Mondego.

Flor. no verão.

P. u. o calix, o fructo e as folhas.

Emp. como diuretico e febrifugo. Pouco usado.

CAPSICUM ANNUUM. L.

Pimento, Pimentão, Pimentão cornicabra.

Planta originaria do Mexico, e muito cultivada nas hortas do nosso paiz.

Flor. no verão.

P. u. os fructos.

Emp. como estimulante, rubefaciente e vesicante ².

SOLANUM TUBEROSUM. L.

(Papas peruanorum. Clus.)

¹ Não se lhe substitua, sem indicação especial o *Meimendro branco*. (*Pharmacopêa Portuguesa*, 1876).

A maior parte dos nossos pharmaceuticos empregam indistinctamente as nossas duas especies de Meimendro. Em Coimbra, onde o Meimendro negro é rarissimo, empregam sempre o Meimendro branco.

² Póde substituir o *Capsicum frutescens*. L. e o *C. bacchatum*. L. que se cultivam tambem muito nas nossas hortas.

Batateira.

Planta originaria do Chili e Perú e veio pela primeira vez para a Europa no seculo XVI. Hoje é uma planta bem conhecida de todos nós pelo seu uso alimentar.

Flor. no verão.

P. u. os tuberculos ¹.

Emp. a feca ou amido extrahidos dos tuberculos das batatas emprega-se como emolliente e analeptica ².

SOLANUM DULCAMARA. L. ³

Dulcamara, Doceamarga, Uva de Cão.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Minho, Beira e Extremadura.

Flor. na primavera e estio.

P. u. os caules desfolhados ⁴.

Emp. como excitante, diaphoretica e depurativa. Usa-se muito no tractamento das molestias cutanias e na syphilis constitucional. Em alta dóse é narcotico-acre.

SOLANUM NIGRUM. L.

Herva moira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como calmante, emolliente, e o decocto d'esta planta usa-se frequentemente para lavar regiões do corpo inflammadas e mesmo ulceradas e doridas.

ATROPA BELLADONA. L.

Belladona.

Planta da Europa, é muito cultivada entre nós para os usos pharmaceuticos.

¹ Vulgarmente chamados *Batatas*.

² As folhas e o fructo da Batateira são narcoticas.

Pela assadura e a decocção destroe-se a *solanina* que entra na composição das batatas. (Jonath. Pereira).

Pela distillação do oleo das batatas (alcool amylico) obtem-se uma aldehyde.

³ Variedade: *integrifolium*.

⁴ Vulgarmente chamados *Talos*.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta, mas sobre tudo as folhas e a raiz.

Emp. como anodyna nas nevralgias; afrouxa a contracção muscular, e em virtude d'esta propriedade usa-se frequentemente em todos os casos d'esta ordem, como rigidez do collo do utero, espasmo do collo da bexiga, anginas, etc. Hoje esta planta é frequentemente usada como hyposthenisante nas pneumonias e alguns a julgam mais efficaz do que o tartaro emetico; esta planta deve a sua acção á *atropina*, alcali eminentemente energico e que só pôde ser empregado internamente em pequenissima dóse.

Personatae.

Scrophularineae. *Endl.*

VERBASCUM THAPSUS. L. ¹

(V. Schraderi. Mey.; V. alatum. Lam.; V. neglectum. Guss.)

Verbascum ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. como emolliente e peitoral nas affecções pulmonares ².

SCROPHULARIA AQUATICA. L. ³

(S. auriculata. L. 2. minor. Lge.)

Herva das escaldadellas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

¹ Variedade. β . Hispanicum. Coss.

² Póde substituir-se-lhes o Verbascum crassifolium. Hffgg. et Lk.; V. phlomoides. L.; V. sinuatum. L., todos indigenas da nossa Flora.

³ Variedades: α . glabra., β . pubescens.

Emp. como emetica, purgativa, diuretica e narcotica. Pouco usada ¹.

ANTIRRHINUM LATIFOLIUM. D. C. β . *purpurascens*. Bth.

(A. majus. Brot.)

Herva bezerra.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, Cintra, Serra da Arrabida e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas.

Emp. como emolliente, debaixo da fórma de cataplasma para resolver os tumores. Pouco usada.

DIGITALIS PURPUREA. L. ²

Dedaleira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Cintra, Grandola, Serra do Monchique e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e parte do estio.

P. u. as folhas radicaes ³.

Emp. como diuretica e narcotica. Esta planta é muito venenosa e convém ter a maxima cautella na sua applicação. Empregada em alta dóse occasiona nauseas, vomitos, evacuações alvinas, vertigens, cephalalgia, desmaios, delirio, convulsões e a morte ⁴.

GRATIOLA OFFICINALIS. L. β . *angustifolia*. Wk. et Lge.

(G. officinalis. Brot.; G. linifolia. Hffgg. et Lk., non Vahl.)

Cinifolio, Graciosa ou Graciola.

¹ O povo emprega esta planta debaixo de fórmas diversas contra as queimaduras superficiaes pelos liquidos quentes.

² Variedade. β . tomentosa. Wbb.

³ Devem ser colhidas da planta espontanea, no segundo anno de vegetação, antes de terminada a floração. (*Pharmacopêa portugueza*, 1876).

⁴ O principio activo d'esta planta, que se chama *Digitalina*, foi obtido em Paris no anno de 1844 pelos srs. Homolle e Quevenne. «A digitalina exerce uma acção especial sobre o coração, diminue de maneira notavel o numero das pulsações, acalma a suffocação, e é dotada de tal energia, que não é possivel, sem perigo de vida, administral-a senão em doses extremamente pequenas, 1 a 2 milligrammas, repetidas duas a tres vezes por dia, raras vezes mais.» (Chernoviz).

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Peso da Regua e margens do Vouga.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a planta florida.

Emp. como emeto-cathartico.

VERONICA OFFICINALIS. L. ¹

Veronica da Allemanha ou das boticas, Chá da Europa.

Hab. no Bussaco, Serra da Louzã, Gerez e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. de maio a julho.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como sudorifico.

VERONICA BECCABUNGA. L.

Beccabunga, Morrião da agua.

Hab. juncto das nascentes entre Campião e Peso da Regua, e em outros pontos da Beira e Trás-os-Montes. (Brot.)

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Acanthaceae. R. Br.

ACANTHUS MOLLIS. L.

Acantho, Branca ursina dos italianos, Herva gigante.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. como emolliente. Pouco usado.

¹ Variedade. β . Tourneforti. Rchb.

Petalanthae.

Primulaceae. Vent.

PRIMULA OFFICINALIS. Jequ.

(*P. veris* α . *officinalis*. L.; *P. veris*. Willd.)

Primavera das boticas.

Hab. em Trás-os-Montes e outras partes do norte do Reino
(Brot.)

Flor. em abril e maio.

P. u. a planta florida.

Emp. como calmante e antispasmodica. Pouco usada.

LYSIMACHIA VULGARIS. L.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e na Beira proximo ao Mon-
dego, assim como em alguns pontos nas margens do Douro.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente. Pouco usada.

ANAGALIS ARVENSIS. L. ¹

Murrião.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a outubro.

Emp. como narcotico ². Pouco usado.

Bicornes.

Ericaceae. Lindley.

CALLUNA VULGARIS. Salisb.

(*C. erica*. D. C.; *Erica vulgaris*. L.)

Urze, ou Torga ordinaria.

¹ Variedades: β . *longifolia*. Wk., γ . *latifolia*. Lge.

² Outr'ora foi muito empregada para combater a epilepsia e a hydro-
pisia.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi toda a parte septentrional do paiz.

Flor. em setembro e outubro.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como litontriptica. Pouco usada.

ARBUTUS UNEDO. L.

Medronheiro, Ervodo.

Hab. na Serra da Arrabida, Pinhal de Leiria, vizinhanças de Coimbra, Serras da Louzã e do Gerez, etc.

Flor. na primavera e ás vezes no estio.

P. u. casca, folhas e fructos.

Emp. a casca e folhas são adstringentes, os fructos narcoticos.

Pouco usado ¹.

VACCINIUM MYRTILLUS. L.

Arando, Uva do monte.

Hab. o Gerez.

Flor. em maio e junho.

P. u. as bagas.

Emp. como refrigerantes e adstringentes.

RHODODENDRON PONTICON. L.

Hab. a Serra do Monchique e as vizinhanças de Agueda.

Flor. de abril a junho.

P. u. as folhas e casca.

Emp. as folhas como antipsoricas e a casca como adstringente.

Pouco usado.

¹ Dos fructos do Medronheiro obtem-se um magnifico Alcool, talvez o melhor depois do vinho.

Dialypetalae.**Discanthae.****Umbelliferae. Juss.****SANICULA¹ EUROPAEA. L.**

Sanicula vulgar.

Hab. nas serras do Gerez, Bussaco, da Estrella, da Louzã; nos montes de Castello-Viegas, proximo a Coimbra e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. em junho.

P. u. toda a planta.

Emp. como detersiva e ligeiramente adstringente. Faz parte das especies vulnerarias.

ERYNGIUM CAMPESTRE. L.

Cardo corredor ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em diferentes pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretico e tonico. Tambem se tem empregado como aphrodisiaco. Pouco usado.

ERYNGIUM MARITIMUM. L.

Cardo corredor maritimo.

Hab. na Figueira da Foz, Buarcos e em muitos outros pontos da nossa costa.

Flor. de maio a julho.

P. u. a raiz.

¹ Esta planta era uma das que os antigos mais consideravam pelos seus effeitos trapeuticos; e por isso Tournefourt lhe poz o nome generico de *Sanicula* que é derivado de *sano curar*; allusão ás suas propriedades medicinaes.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém os seus efeitos são muito mais activos ¹. Pouco usado.

APIUM GRAVEOLENS. L. Hab. nas vizinhanças de Coimbra.

Aipo. Hab. nas nossas provincias da Extremadura e Beira.

Hab. na Costa da Trafaria e em outros pontos do paiz (Brot.).

Cultiva-se muito nas hortas a variedade *hortense*. (*A. graveolens*.)

L. var. *dulce*. D. C.) para os usos culinarios.

Flor. de junho a agosto.

P. u. a raiz e os mericarpos ou akenios ².

Emp. como diuretico e excitante. A raiz faz parte das cinco raizes *aperientes*; as sementes são aromaticas e fazem parte das quatro *sementes quentes* ³.

PETROSELIVM SATIVUM. Hfm. ⁴

(*P. hortense*. Rchb.; *Apium*, *Petroselinum*. L.)

Salsa.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada em quasi todas as hortas do nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz, os mericarpos ou akenios e as folhas.

Emp. a raiz entra no numero das cinco raizes *aperientes*; os akenios são carminativos, e, reduzidos a pó, passam por ser um bom insecticida; as folhas applicam-se exteriormente nos côrtes e picadas de insectos como resolventes. O succo das folhas é aconselhado contra a blennorrhagia. O extracto do mesmo succo é empregado em Allemanha contra as febres intermitentes ⁵.

¹ Os usos pharmaceuticos d'estas duas especies de *Eryngium* são os mesmos; mas na França e Allemanha usam da primeira; na Inglaterra e Paizes-Baixos da segunda. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flor. Pharm.*)

² Vulgarmente chamado sementes.

³ Não se lhe substitua, sem indicação especial, o Aipo hortense. (*Pharmacopœa Portuguesa*, 1876).

⁴ Variedade β *crispum*. D. C.

⁵ Dos Akenios obtem-se um principio immediato, chamado *Apiol*, aconselhado contra as febres intermitentes e contra a amenorrhœa (Chernoviz). Nas vizinhanças de Lisboa o povo emprega muito o xarope das folhas da salsa para combater a *Coqueluche*.

- AMMI MAJUS.** L.
 Ammio maior ou vulgar.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Extremadura e Beira.
 Flor. no estio.
 P. u. os mericarpos ou akenios.
 Emp. como estomachicos e carminativos. Pouco usado.
PIMPINELLA ANISUM. L.
 Herva doce.
 Planta originaria do Oriente e muito cultivada ao sul do paiz.
 Flor. no estio.
 P. u. os mericarpos ou akenios.
 Emp. como estimulante e carminativo.
OENANTHE PHELLANDRIUM. Lam.
 (Phellandrium aquaticum L.)
 Funcho d'agua, Cicutaria dos paues.
 Hab. na margem esquerda do Tejo e nas nossas provincias do Douro e Minho.
 Flor. em julho e agosto.
 P. u. os mericarpos ou akenios.
 Emp. como narcoticos e diureticos. A infusão e o xarope das sementes d'esta planta usa-se muito nas affecções broncho-pulmonares.
OENANTHE APIFOLIA. Brot.²
 (O. crocata. L.)
 Embude.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Setubal, Cintra e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.
 Flor. de março a junho.
 P. u. a raiz.
 Emp. como diuretico e litonriptico. Pouco usado.

¹ Póde-se substituir pelo *Ammi Visnaga*. Lam. (*Daucus Visnaga*. L.)
 Bisnaga das searas ou Paliteira, planta da nossa flora.

² Variedades: • *oligactis*. Lge; •• *macrosciadia* (O. *macrosciadia*. Wk.)

OENANTHE FISTULOSA. L.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa, Coimbra, Aveiro e em outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que p da especie antecedente.

FOENICULUM OFFICINALE. All.

(F. vulgare. Gaertn., Anethum Foeniculum. L.)

Funcho ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o reino.

Flor. no estio.

P. u. a raiz, os mericarpos ou akenios, e as folhas.

Emp. a raiz é uma das cinco raizes aperientes; os akenios são estimulantes, carminativos e usados em todos os casos de flatulencia; e as folhas são empregadas como condimento.

SESSELI TORTUOSUM. L.

(Athamanta Turbith. Brot., A. ramosissima. Hffg. et Lk.)

Cominhos de Candia ou de Marselha.

Hab. nas vizinhanças de Cintra (Brot.)

Flor. em junho e julho.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo. Pouco usado.

ANGELICA SILVESTRE. L.

Angelica silvestre.

Hab. nas vizinhanças de Cintra e em outros pontos da Extremadura.

Flor. em julho e agosto.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Funcho doce*—Foeniculum dulce. G. Bauh.—(Anethum dulce. D.C.), especie annual cultivada no continente. (*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

² Póde substituir-se-lhe o *Ptychotis ammoides*. Koch. (Seseli ammoides. L.). S. pusillum. Brot.) Seseli pequeno. Planta que habita nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

³ Variedades: β. villosa. (A. villosa. Lag.); γ. elatior. Wahlenb. (A. montana. Gaud.)

P. u. a raiz.

Emp. como estimulante, antispasmodica e carminativa. Pouco usada ¹.

PEUCEDANUM OFFICINALE. L. ².

Brinça, Funcho de porco.

Hab. proximo á Regoa e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. os mericarpos ou akenios e a raiz.

Emp. como carminativa. Pouco usada.

PEUCEDANUM LANCIFOLIUM. Leg.

(Siler lancifolium. Hffg. et Lk. (non Moench.) Selinum peucedanoides. Brot. phyt. Lusit. (non Desf.) Laserpitium peucedanoides. Brot. fl. lusit. (non L.)

Pyretro da Beira, Bruco do Alemtejo.

Hab. na serra da Louzã e em outros pontos da Beira; assim como em diferentes sitios das nossas provincias da Extremadura e Alemtejo.

Flor. no estio e outomno.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. a raiz como revulsiva debaixo da fórma de emplasto, as folhas como diureticas. O povo usa do pó do Pyretro para sustar as hemorragias abundantes consecutivas á applicação das sanguesugas ³. Pouco usado.

ANETHUM GRAVEOLENS. L.

Endro ordinario ou maior.

¹ A Angelica que geralmente se emprega na pharmacia e a A. Archangelica. L. (Archangelica officinalis. Hoffm.) planta oriunda da Europa septentrional.

² Variedade β . italicum. Mill.

³ «O dr. Brotero no *Catálogo das plantas pharmaceuticas portuguezas*, que quiz ter a bondade de me remetter, diz que os raminhos, folhas e flores seccas do Pyretro da Beira se usam em infusão em Lisboa contra os calculos dos rins e da bexiga, os quaes fazem expellir, e acalmam as dores produzidas por elles». (*Flora Pharm.* do dr. J. J. de Figueiredo).

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em maio e junho

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo e excitante ¹.

PASTINAEA SATIVA. L. ²

Cherivia.

Planta originaria de toda a Europa (Wk. et Lang.) e entre nós cultiva-se nas hortas a variedade α , com especialidade em Lisboa e Porto.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como ligeiro aphrodisiaco. Pouco usado.

CUMINUM CYMINUM. L. ³

Cominho.

Planta originaria do Egypto e da Ethiopia, e entre nós cultivada nas hortas, principalmente nas nossas provincias do sul.

Flor. no estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo, estomachico e excitante ⁴.

THAPSIA VILLOSA. L. ⁵

Tapsia.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Endro Menor*—*Ridolfia segetum* Moris (*Ane-thum segetum*. L.); planta que habita em diversos pontos da Extremadura especialmente, segundo Brotero, nos campos de Vallada.

² Variedades: α . *edulis*. D.C. (P. *sativa*. Mill.); β . *silvestris*. D.C. (P. *sil-vestris*. Mill.)

³ Variedade *hispanicum* (C. *hispanicum*. Mer.)

⁴ Em Allemanha deitam as sementes dos Cominhos no pão e na Hollanda no queijo.

⁵ Variedades: α . *dissecta*. Boiss.; β . *latifolia*. Boiss.

Emp. em Hespanha é usado o cozimento; em banhos, para combater a sarna. Pouco usada ¹.

DAUCUS CAROTA. L. var. *sativa*. D.C.

Cenoura.

Cultiva-se nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. debaixo da forma de cataplasma nas ulceras e molestias cutaneas. Pouco usada.

MARGOTIA GUMMIFERA. Lge.

(M. laserpitoides. Boiss., *Laserpitium gummiferum*. Desf., L. thapsiaeforme. Brot.)

Bruco fetido.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e ao sul do Tejo proximo a Almada e Caparica.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como revulsivo debaixo da forma de cataplasma. Pouco usado.

CONIUM MACULATUM. ² L.

Cicuta maior.

Hab. em sitios humidos nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em quasi todo o paiz; mas não é frequente.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e os mericarpos ou akenios.

Emp. como resolutiva e narcotica. É preciso ter a maxima cautela no seu emprego. Em alta dóse, occasiona uma especie de embriaguez, prostração geral, nauseas, lentidão do pulso, perturbções da vista, delirio furioso, convulsões, paralyisia e a morte ³.

¹ A *Thapsia* que se emprega actualmente em pharmacia é a *T. garganica* L. planta que habita na Barbaria, cuja raiz dá uma resina muito irritante. Prepara-se com ella um emplasto que se applica na pelle e que produz um effeito revulsivo energico. Tambem tem sido aconselhada para substituir o oleo de *Croton tiglium*. Lam. para uso externo ou a pomada stibiada.

² Variedade β . *lejocarpum*. Boiss.

³ Pela distillação das sementes da Cicuta maior obtem-se um alcaloide chamado *Cicutina*, *Conicina* ou *Conina*.

CORIANDRUM SATIVUM. L.

Coentro. *Cornese. D.C.*

Planta originaria da Europa austro-oriental e da Asia temperada. Entre nós é muito cultivada nas hortas.

Flor. na primavera e estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estimulante e carminativo.

Araliaceae. *Juss.*

HEDERA HELIX. L.

Hera ordinaria. *Corniolisae.*

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no outomno.

P. u. as folhas verdes. *Umbilicis pendulina. D.C.*

Emp. para collocar sobre os fonticulos, e tambem se tem usado como antipsorica e sudorifica¹.

Ampelideae. *Kunth.*

VITIS VINIFERA. L.

Videira. *Umbilicis pendulina. D.C.*

Planta originaria da Asia austral e, com pequenas excepções, cultiva-se em todo o paiz um grande numero de variedades.

Flor. na primavera.

P. u. as bagas².

Emp. Poucas plantas fornecem á pharmacia um tão grande numero de medicamentos como a videira. Empregam-se as bagas seccas (passas de uva) em decoctos peitoraes; das uvas fabrica-se o vinho; d'este o alcool, o vinagre, o cremor de tartaro, etc.

¹ Por incisões no tronco da Hera obtem-se uma gomma-resina que se chama *Hederina* e que se tem empregado como emenagoga. Tambem se usa esta gomma-resina, debaixo da fórma de pasta, para combater a carie dos dentes.

² Vulgarmente chamadas *uvas*.

Corneae. D.C.

CORNUS SANGUINEA. L.
Sanguinho legitimo.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.
Flor. no estio.
P. u. a casca.
Emp. como febrifuga. Pouco usado.¹

Corniculatae.

Crassulaceae. D.C.

UMBILICUS PENDULINUS. D.C.
(Cotyledon umbilicus. L.)
Conchelos, Sombreininhos dos telhados, Orelha de monge.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.
Flor. em abril e maio.
P. u. as folhas recentes.

Emp. como emollientes e refrigerantes. O succo e o extracto d'esta planta têm sido preconizados por alguns medicos inglezes contra a epilepsia.²

SEDUM TELEPHIUM. L.
Telophio, Favaria vulgar, Herva dos callos.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e Lisboa.
Flor. em junho e julho.
P. u. as folhas recentes.
Emp. como adstringente. Pouco usado.

¹ Lindley diz que os fructos d'esta planta contêm grande quantidade de oleo, e que é bom como o azeite da oliveira.

² Em Hespanha as folhas d'esta planta entram na composição do unguento de populeão.

Hetet achou no Umbilicus pendulinus. D.C. a propylamina.

SEDUM ACRE. L.

Vermicularia, Uva de cão menor.

Hab. nas proximidades do Porto e em outros pontos das nossas
provincias do Minho e Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas recentes e o succo.

Emp. as folhas em cataplasmas para resolver tumores do peito;
e o succo como vesicante, emetico e purgativo. Tambem tem sido
aconselhada como febrifuga, diuretica e antiscorbutica. Pouco
usada.

SEMPERVIVUM ARBOREUM. L.

Saião.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos
do paiz.

Flor. em novembro e dezembro.

P. u. as folhas e o succo.

Emp. as folhas como adstringentes e o succo tem sido indicado
como eficaz nas febres biliosas, na dyssenteria, angina e chorea ¹.

Saxifragaceae. D. C.

SAXIFRAGA GRANULATA. L.

(S. cernua. Lap.)

Saxifragia granulada ou branca.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em diversos pontos das
nossas provincias da Extremadura, Beira, Douro, Minho e Trás-
os-Montes.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz.

Emp. como litontriplica. Pouco usada.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Sempervivum tectorum*. L. que é vivaz e culti-
vado nos jardins (*Pharmacopêa portugueza*, 1876).

SEDUM AGR. L.

Ribesiaceae. *Endl.*

Hab. nas proximidades do Porto e em outros pontos das nossas

RIBES RUBRUM. L. provincias do Minho e Trás-os-Montes.

Groselhas vermelhas. Flor. em junho e julho.

Hab. em diversos paizes da Europa e, entre nós, cultiva-se nas hortas e jardins.

Emp. as folhas em cataplasmas para resolver o emético e purgativo.

Flor. em maio.

P. u. os fructos recentes.

Emp. para preparar um xarope, que se usa como temperante e laxante.

SEMPERVIVUM ARBOREUM. L.

São.

Hab. nas vizinhanças de e em outros pontos

Pólycárpicæ.

Ranunculaceae. *Juss.*

Flor. em novembro.

P. u. as folhas e o succo.

Emp. as folhas como astringentes.

CLEMATIS FLAMMULA. L. Vidraria, Flammula de Job.

Hab. no Algarve.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como poderoso epispástico. Pouco usado.

CLEMATIS VITALBA. L.

(Atrage-ne Theophrasti. Clus.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em diferentes pontos das

nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como rubefaciente e vesicante. Pouco usado.

THALICTRUM GLAUCUM. Desf.

(Th. flavum, Cav. non L.; Th. flavum hispanicum, Brot.; Th.

flavum β . speciosum, L.; Th. speciosum, Auct.)

Rhuibarbo dos pobres.

¹ Variedade β . maritima. D.C. (C. maritima. L.; C. caniculata. Lag.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto e em outros pontos da Beira, Douro e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como purgativa e diuretica. Pouco usado.

ANEMONE NEMEROSA. L. ¹

Anemola dos bosques.

Hab. na serra da Louzã, Cabeceiras de Basto, vizinhanças do Porto e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. de março a maio.

P. u. a planta florida.

Emp. como vesicante. Tambem tem sido recommendada contra a tenia. É necessario o maior cuidado na sua applicação por isso que é muito activa. Pouco usada.

RANUNCULUS FLAMMULA. L.

(R. lingua. Plan.)

Ranunculo inflammatorio.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a planta florida.

Emp. como epispástico. O hydrolato d'esta planta é emetico. Como no caso antecedente deve haver o maior cuidado na applicação d'esta substancia por ser muito activa. Pouco usado ².

RANUNCULUS SCCELERATUS. L.

Patalou dos valles.

Hab. nos campos do Mondego e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como vesicante. É venenoso. Pouco usado ³.

¹ Variedade β. hirsuta. Pritz.

² Em' Allemanha o povo emprega o succo d'este ranunculo misturado ho vinho como antiscorbótico.

³ É de todas as espécies de ranunculos a mais acrimoniosa em todas as suas partes: esta acrimonia é na razão inversa da idade da planta e di-

FICARIA RANUNCULOIDES. Moench. Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros

(*Ranunculus Ficaria*. L.) pontos da Beira, Douro e Estremadura.

Celidonia menor. Flor. em maio e junho.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz. Emp. como purgativa e drastica. Pouco usado.

Flor. em março e abril.

P. u. as folhas. Anomalia dos bosques.

Emp. o hydrolato d'esta planta como antiscorbutico. Tambem se usa debaixo da fórma de cataplasma nos tumores escrophulosos. Pouco usado. Flor. de março a maio.

HELLEBORUS FOETIDUS. L. P. u. a planta fétida.

Herva de Bésteiros. Helleboro. Emp. como vesicante. Tambem usado.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, entre os moinhos da Boiça e o Caboco, assim como em Cintra, Semide, Arouca e em outras partes das nossas provincias septentrionaes. *RANUNCULUS FOETIDUS* L. (R. fétida. Plan.)

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas. *Ranunculo infamatorio.*

Emp. como purgante drastico. É um veneno narcotico acre. do paiz.

recta do apartamento da raiz para as flores. As folhas trituradas entre os dentes excitam uma sensação de combustão com um fluxo consideravel de saliva; repetida a experiencia inflammam a lingua, escoriam-na, privam-na do gosto, produzem na sua parte anterior uma certa aspereza estyptica, fendem-na no apice, produzem o estupor dos dentes, e constituem as gengivas dolorosas e cruentas.

A acrimonia dos ranunculos consiste num principio volatil, posto que inodoro, como prova a sua abolição pelo calor, cocção, exsiccação e maturação: esta acrimonia existe em muitas partes d'estas especies, ex. gr. raiz, caule, folhas, flores, germes no estado immaturo, succo expresso, cozimento, infusão, como em muitas experiencias observou Krapf. (*Experimenta de nonnullorum Ranunculorum venetata qualitate, horum externo et interno uso.* Vien., 1766). O mesmo auctor tentou achar antidotos a semelhante veneno, e conheceu que as folhas das *azedas*, as *groselhas*, e sobre tudo a *agua*, eram os melhores para o mitigar. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora Pharm.*)

Duas gottas do succo do *R. sceleratus*. L. occasionaram a Krapf, dores agudas no ventre e violentas convulsões. (Texidor y Cos.)

O *Helleborus niger*. L. é o que se empregá geralmente em pharmácia. É planta originaria da Europa central. suas partes: esta acrimonia é na raiz.

NIGELLA ARVENSIS. L.

Alipivre dos campos.

Hab. em Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. como carminativas, sialagogas e emenagogas. Pouco usado.

NIGELLA DAMASCENA. L. ¹

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos das nossas provincias da Extremadura e Beira.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. tudo o que diz respeito á especie antecedente. Pouco usado.

AQUILEGIA VULGARIS. L. ³

Herva pombinha ou Luvas de Nossa Senhora.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, proximo a Eiras, Buarcos, nas serras da Louzã e da Estrella, Porto e em muitos outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as sementes.

Emp. Segundo Texidor y Cos esta planta favorece a sahida das pustulas variolosas e augmentam a secreção do leite. Pouco usada.

A infusão das folhas do *Helleborus foetidus*. L., dizem ser um bom remedio, em clysteres, contra as ascariides lombricoides. Em veterinaria emprega-se o Helleboro para entreter os sedenhos.

¹ Variedade β . minor. Bss.

² A *Nigella sativa*. L. é a que mais se usa em pharmacia, mas não é indigena do nosso paiz.

³ Variedades: β . Hispanica. Wk. (A. vulgaris β . viscosa. Coss.)

⁴ A infusão não protrahida das flores da *Aquilegia* recentes, e succosas dá uma côr azul elegante, a qual se torna rubra pelos acidos, e verde pelos alcalis: pôde formar-se com ella um xarope superior ao das violas, como reagente, para mostrar a presença dos acidos e dos alcalis. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora Pharm.*.)

DELPHINIUM CONSOLIDA. L.

Consolda real, Esporas.

Hab. nas nossas provincias do Alemtejo e Algarve.

Flor. no estio.

P. u. as flores e sementes.

Emp. as flores como diureticas, emenagogas e vermifugas. As sementes obram como emeticas e purgativas. Pouco usada.

DELPHINIUM STAPHYSAGRIA. L.

Parrapáz ou Herva piolheira.

Hab. na serra da Arrabida, próximo ao convento, e Brotero, diz encontrar-se espontanea nos arredores de Coimbra.

P. u. as sementes.

Emp. como emeticas, drasticas e purgativas. É preciso ter a maxima cautela na sua applicação porque irritam a mucosa gastro-intestinal, e determinam a afonia, convulsões e a morte.

PAEONIA BROTERI. Bss. et Reut.²
(P. officinalis. Brot. non L. nec. Retz.)

Rosa albardeira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Mafra e em outros pontos da Extremadura e Beira.

Flor. de abril a junho.

P. u. as petalas e raizes.

Emp. as petalas como emenagogas e antispasmodicas e são tambem aconselhadas contra a epilepsia e hysticismo. As raizes constituem a base do xarope de Paeonia. Pouco usada.

¹ As sementes do Parrapaz reduzidas a pó, e incorporadas em banha, serve para destruir os piolhos.

Brandes em 1819 descobriu nos Delphiums um principio muito venenoso a que chamou *Delphina*.

² Variedades: β . ovatifolia. Bss. et Rt. (P. lobata. Bss. non Desf., P. officinalis β . lobata. Wbb.)

Rhoeades.

Papaveraceae. Juss.

CHELIDONIUM MAJUS. L.

Celidonia maior, Herva andorinha legitima.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em diferentes pontos da Beira e Douro.

Flor. de fevereiro a junho.

P. u. a planta florida e a raiz.

Emp. como emetica, drastica, diuretica e espectorante. Constitue a base do *decoctum ad ictericos* da Pharmacopêa de Edimburgo. O seu succo de cor amarella, que é acre e mesmo caustico, usa-se para a destruição das impigens, verrugas e callos dos pés. As fricções com a planta verde foram aconselhadas contra as molestias de pelle; tambem se pôde usar do succo misturado com glicerina. A infusão da raiz d'esta planta em vinagre quente dizem ser um bom remedio para acalmar as dores de dentes.

PAPAVER RHOEAS. L.

Papoila ordinaria ou Papoila vermelha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto e em todo o paiz.

Flor. na primavera e principio do verão.

P. u. as petalas.

Emp. como peitoral, sudorifica e narcotica.

PAPAVER SOMNIFERUM. L.

Dormideira.

¹ Variedades: β . *setigerum*. Boenn.; γ . *vestitum*. Gr. et Godr.; δ . *subintegrum*.

² É necessário muito cuidado em distinguir esta especie do *P. dubium*. L. Papoila cumprida e do *P. hybridum*. L. Papoila peluda, o que se consegue attendendo a que as capsulas da primeira são oblongas e as da segunda muito hirsutas, enquanto que as capsulas do *P. rhoeas*. L. são ovadas quasi globosas e glabras.

³ Variedade β . *hortense* (P. *hortense*. Huss.)

Planta originaria do Oriente, muito cultivada no nosso paiz e ás vezes encontrando-se quasi espontanea ¹.

Flor. na primavera.

P. u. as Capsulas e folhas ².

Emp. como narcotico e calmante. O opio extrahе-se do succo concreto obtido, por incisões, das capsulas quasi maduras d'esta planta ³.

FUMARIA OFFICINALIS. L. ⁴

Herva molarinha das boticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nas proximidades da Estação do Caminho de Ferro e no Choupal, e em outros pontos do paiz. Esta planta não é muito vulgar.

Flor. na primavera e no principio do estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como depurativa nas affecções cutaneas, escorbúticas e escrophulosas.

FUMARIA CAPREOLATA. L. ⁵

Herva molarinha.

¹ O dr. Brotero na sua *Flora lusit.* diz o seguinte: «Habita quasi espontanea nos montes vizinhos do grande aqueducto das Aguas livres de Lisboa, nos sitios arenosos, nos arredores de Setubal, e noutras partes juncto das povoações.»

² As capsulas devem ser colhidas em plena maturação e antes de começarem a amarellecer: a colheita das folhas deverá ser feita no começo da floração.

³ As sementes não gozam das propriedades narcoticas das capsulas, pelo que são desprezadas nas preparações pharmaceuticas; mas dão pela expressão um oleo graxo que dizem ser comestivel.

⁴ Variedades: β . scandens. Hamm.; γ . minor. Hamm.; δ . floribunda. Hamm.

⁵ Variedades: β . albiflora. Hamm. (F. pallidiflora. Jord.); γ . speciosa. (Jord.) Hamm.

A *Fumaria officinalis* que Brotero indica na *Flora lusit.* é segundo a opinião do sr. Carlos Machado a *Fumaria Bastardi*. Bor. (F. media. Lois. α . Gussonei. Hamm.; F. Gussonei. Boiss.) e não a especie linneana. Esta planta é muito vulgar em alguns pontos do paiz, por exemplo, na serra de Monsanto, e póde substituir as especies que acima mencionamos assim como a *F. spicata*. L. (*Platycapnos spicatus*. Bernh.) e a *F. pariflora*. Lamk. que habitam nas proximidades de Lisboa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a junho.

P. u. a planta florida.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

FUMARIA AGRARIA. Lag.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. no inverno e primavera.

Tudo o que diz respeito ás especies antecedentes.

Cruciferae. Adanson.

CHEIRANTHUS CHEIRI. L.

Goivo amarello.

Planta originaria da Europa austral, occidental e meridional.

Entre nós cultiva-se muito nos quintaes e jardins, e nas provincias do sul encontra-se em alguns sitios quasi espontanea juncto das povoações.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as flores.

Emp. como expectorantes, antispasmodicas e emmenagogas.

O succo das summidades dizem ser um bom diuretico.

NASTURTIUM OFFICINALE ¹. R. Br.

(*Sisymbrium Nasturtium*. L.; *Cardamine fontana*. Lam.)

Agrião.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, do Porto e em quasi todo o paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. a planta recente.

Emp. como estimulante. O uso da salada de agriões é aconselhado nas affecções scorbuticas, e molestias de pelle; o xarope nas affecções pulmonares.

BARBAREA VULGARIS. R. Br.

(*Erysimum Barbarea*. L.; *Sisymbrium Barbarea*. Crtz.)

Herva de Sancta Barbara.

¹ Variedades: *α*. genuinum. Gr. et Godr.; *β*. suffolium. Steud.

Hab. nos arrabaldes de Coimbra juncto das margens do Mondego, encontrando-se tambem nas vizinhanças de Obidos e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. como antiscorbutica. Pouco usado.

CARDAMINE PRATENSIS. L.

Cardamina dos prados.

Hab. nos campos do Mondego proximo a Pereira, nas serras da Louzã e da Estrella, vizinhanças do Porto e em outros pontos da nossa provincia da Beira.

Flor. em maio e junho.

P. u. as flores e folhas recentes.

Emp. as flores como estimulantes, diaphoreticas e antispasmodicas; as folhas como antiscorbuticas. Pouco usada.

LOBULARIA MARITIMA. Desv. ¹

(Clypeola maritima. L.; Alyssum maritimum. Lam.)

Masturço maritimo.

Hab. na costa de Caparica, Porto e em muitos outros pontos do nosso litoral.

Flor. durante quasi todo o anno.

P. u. as summidades floridas.

Emp. na Catalunha usa-se muito para combater a blennorrhagia. Pouco usado.

COCHLEARIA GLASTIFOLIA. L.

Hab. nas margens do Douro proximo do Porto quasi espontanea (Brot.)

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. excitante, estomachica e antiscorbutica ². Pouco usada.

¹ Variedade β . densiflora. Lge.

² A Cochlearia que mais se emprega em pharmacia é a *C. officinalis*. L. Ha duas variedades d'esta planta a saber: α . *maritima*. Gr. et Godr.; β . *Pyrenaica* Gr. et Godr. (*C. Pyrenaica*. D.C.; *C. officinalis*. Lap. non. L.) primeira habita a região maritima e a segunda as montanhas da Europa.

COCHLEARIA ARMORACIA. L.

(Roripa rusticana. Gr. et Godr.)

Rábão rustico.

Planta originaria da Europa e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz recente ¹.Emp. como estimulante e antiscorbutica ².

CAKILE MARITIMA. Scop.

(Bunias Cakile. L.; Cakile Serapionis. Lob.)

Rábão maritimo.

Hab. em quasi toda a nossa costa. É muito abundante nas proximidades da Figueira da Foz, Buarcos e entre a Foz e Leça.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e raiz recente.

Emp. o mesmo que o da especie anterior e segundo Lemery é tambem diuretica e litonprítica. Pouco usado.

SISYMBRIUM OFFICINALE. Scop.

(Erysimum officinale. L.)

Rinchão, Erysimo das boticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como bechico e antiscorbutico.

Não nos consta que habite no nosso paiz. A *C. Danica*. L. que se encontra em Lavadores, Boa Nova e Castello do Queijo nas proximidades do Porto e o *Jonopsidium acaule*. Rchbch. (*C. Olisipõnensis*. Brot.) que habita na Serra do Monsanto, proximo a Lisboa podem substituir a *C. officinalis*. L., porém as suas propriedades pharmaceuticas são menos activas. Ambas florescem no inverno.

¹ Em Portugal alguns pharmaceuticos empregam as folhas em lugar da raiz, que é a unica parte d'esta planta que se deve empregar.

² No norte da Europa por exemplo em Allemanha a raiz do Rábão rustico serve de condimento á carne e peixe cozido. A raiz é raspada e misturada com mostarda e vinagre.

SISYMBRIUM SOPHIA. L.

Sophia ou Herva dos Cirurgiões.

Hab. juncto do Douro, principalmente perto da Barca d'Alva, Bragança e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. em maio e junho.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas e applicadas debaixo da fórma de cataplasma para combater as ulceras atonicas; as sementes como vermifugas e litonptricas. Pouco usado.

ALLIARIA OFFICINALIS. Andrz.

(*Erysimum Alliaria*. L.; *Hesperis Alliaria*. Lam.; *Sisymbrium Alliaria*. Scop.)

Herva Alheira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, proximo da Conraria, e em muitos pontos da Beira.

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. como diuretica, espectorante e antiscorbutica. Cazin, Ray e outros, têm recommendado muito o succo d'esta planta para lavar as ulceras gangrenosas. Pouco usada.

CAPSELLA BURSA PASTORIS. Mnch¹.

(*Thlaspi Bursa pastoris*. L.)

Bolsa de pastor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. como levemente adstringente.

LEPIDIUM SATIVUM. L.

Mastruço ordinario.

Planta originaria da Persia e Egypto e cultivada em alguns pontos do paiz para os usos pharmaceuticos.

Flor. no estio.

P. u. as folhas recentes.

¹ Variedade. β . microcarpa. Lose.

Emp. como antiscorbutica e diuretica. Tambem se tem usado como depurativa e resolutiva.

LEPIDIUM LATIFOLIUM. L.

Herva pimenteira maior, Herva serra.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como antiscorbuticas e diureticas.

BRASSICA NIGRA. Koch.

(*Sinapis nigra*. L.)

Mostarda negra.

Planta muito cultivada no paiz e encontrando-se ás vezes espontanea.

P. u. as folhas recentes e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas e as sementes como estimulantes, revulsivas e rubefacientes.

SINAPIS ALBA. L.

Mostarda branca.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em diferentes pontos da Beira.

Flor. em maio e junho.

P. u. as sementes.

Emp. como estomachicas, estimulantes. Em dóse superior a 4 grammas podem obrar como laxantes ¹.

¹ As folhas da *Senebiera Coronopus*. Poir (*Cochlearia Coronopus* L.; *Coronopus*. Ruellii Gärtn.; *C. vulgaris* Desf.), *Brassica oleracea*. L., Couve e suas variedades, *Brassica Napus*. L., Nabo, *Raphanus sativus*. L., Rabão, *Raphanus Raphanistrum*. L. (*Raphanistrum segetum*. Rehb.), Saramago podem empregar-se como antiscorbuticas. Segundo Linneo as sementes do Saramago são tão venenosas que, achando-se ás vezes misturadas no trigo, têm occasionado na Suecia verdadeiras epidemias. A raiz do Nabo obra como peitoral e espectorante, e, empregada debaixo da fórma de cataplasma, como resolutiva: a do Rabão como rubefaciente.

Resedaceae. D.C.

RESEDA ODORATA. L.

Minonete ou Minoneta.

Planta de patria desconhecida e muito cultivada nos jardins. Em Lisboa encontra-se ás vezes quasi espontanea nos muros ou proximo a elles.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como antispasmodica e sudorifica. Pouco usada.

RESEDA LUTEOLA. L.¹

(Luteola tinctoria. Wbb. et Berth.)

Lirio dos tintureiros.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra; Lisboa e em outros pontos da Extremadura e Beira.

Flor. em maio e junho.

P. u. a planta florida.

Emp. como diaphoretica e febrifuga. Constitue a base do remedio de Darbon contra a tenia. Pouco usado.

Nelumbia.

Nymphaeaceae. Salisb.

NYPHEA ALBA. L.

Golfão branco.

Hab. nas vallas, poços e paúes dos campos do Tejo, Mondego, Vouga e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as flores e a raiz recente.

Emp. as flores são muito mucilaginosas e emollientes; Alibert considera-as ligeiramente narcoticas. A raiz é muito feculenta e

¹ Variedade β . Gussonei. J. Müll. (R. Gussonei. Bss.; R. crispata. Ten.; R. Lusitanica. Pourr.; R. Luteola var. crispata. Bourg.)

gozou já de grande reputação como sedante e antiaphrodisiaca. Ainda hoje se emprega em alguns paizes o xarope de nymphaea. Pouco usado.

NUPHAR LUTEUM. Smith.

(*Nymphaea lutea*. L.)

Golfão amarello.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

Parietalis.

Cistineae. D.C.

CISTUS LADANIFERUS. L. ¹

Esteva.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Barreiro e nas nossas provincias do Alemtejo, Extremadura e Beira.

Flor. na primavera.

P. u. a resina cirosa obtida, pela decocção na agua, das sumidades floridas.

Emp. entra na composição de alguns emplastos resolutivos e de algumas preparações odoríferas ².

Droseraceae. D.C.

DROSERA ROTUNDIFOLIA. L.

Rosella, Orvalhinha ordinaria.

Hab. na serra do Gerez e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como peitoral. Aconselha-se tambem nas ophthalmias.

Pouco usado.

¹ Variedade β . maculatus. Dun. (*C. grandiflorus*. Pourr.)

² Póde substituir-se-lhe o que provém do *Cistus creticus*. L. especie do Levante (*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

DROSERA LONGIFOLIA. L.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, na matta de Antanho, e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Violarieae. D.C.

VIOLA TRICOLOR. L. var. *arvensis*. D.C. ¹

Amor perfeito, Herva seraphica ou da Trindade.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. Tem sido preconisada contra a crosta leitosa, e em algumas molestias cutaneas pouco intensas, como depurativo.

VIOLA ODORATA. L. ²

Viola ou Violeta de cheiro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, serras de Cintra e Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de fevereiro a abril.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como emolliente e diaphoretico.

VIOLA CANINA. L. ³

(*V. ericetorum*. Schrad, *V. silvestris*. Lam.)

Violeta brava, Benefe da Beira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, nas serras da Arrabida e Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

¹ A *Viola tricolor*. L. tem as seguintes variedades: α . vulgaris. Lge.; β . arenaria. Sond.; γ . hortensis. D.C.; δ . alpestris. D.C.; ϵ . arvensis. D.C.; σ . segetalis. Jord.; θ . parvula. D.C.

² Variedade *scotophylla* (*V. scotophylla*. Jord.)

³ Variedades: β . montana. Horn. (*V. montana*. L.); γ . lucorum (*V. lucorum*. Rchb.; δ . minor. Lge. (*V. flavicornis*. Sm., *V. canina sabulosa*. Rchb.)

Flor. de março a junho.
 P. u. as folhas e flores.
 Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém as suas propriedades pharmaceuticas são menos activas.

Peponiferae.

Cucurbitaceae. Juss.

BRYONIA DIOICA. Jacq.

Bryonia, Norça branca.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz. ¹

Emp. internamente como purgante drastico, externamente como resolvente.

CITRULLUS VULGARIS. Schrad. ²

(Cucumis citrullus. Ser.; Cucurbita citrullus. L.)

Melancia.

Planta originaria da Africa e da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ³.

Emp. como antiphlogistica e pertencem ao grupo das chamadas sementes frias ⁴.

ECBALIUM ELATERIUM. Rich.

(Momordica elaterium. L.; Elaterium cordifolium. Mnch.; Ecbalium agreste. Rchb.)

Pepino de S. Gregorio.

¹ A melhor epocha para se colher a raiz é no outomno.

² Variedades: α . Pasteca; β . Jacé.

³ Vulgarmente chamadas *pevides*. As *pevides* deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

⁴ Antigamente tambem eram consideradas sementes frias as *pevides* do melão, pepino, abobora e colombo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. os fructos e raiz.

Emp. os fructos como purgante hydragogo, e tambem se tem reputado como emenagogo; a raiz foi aconselhada por Celso como antipsorica. Os arabes a empregam muito contra a ictericia e dizem que tambem contra a chlorose ¹.

LAGENARIA VULGARIS. Ser.

(Cucurbita lagenaria. L.)

Cabaço, Colombro, Abobora carneira.

Planta originaria da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. o peponideo e as sementes ².

Emp. o peponideo como purgativo e as sementes como refrigerantes. Pouco usado.

CUCUMIS SATIVUS. L.

Pepino.

Planta originaria da Tartaria e da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. o epicarpo ³.

Emp. para confeccionar a pomada de pepinos que se usa no

¹ A raiz do pepino de S. Gregorio é um purgante drastico, e talvez se possa empregar na falta da raiz de Bryonia. Em Inglaterra empregam muito contra a hydropisia a fecula extrahida dos fructos do pepino de S. Gregorio, e é a esta fecula que se dá o nome de *elaterio* nas pharmacias. O principio activo d'esta planta é a *elaterina* que se extrahе esgottando o fructo pelo alcool. A elaterina é um purgante violento na dóse de 3 a 6 milligrammas. Os fructos do pepino de S. Gregorio devem ser colhidos antes da plena maturação.

² Vulgarmente chamadas *pevides*. Empregue o peponideo privado do epicarpo e das sementes.

³ Vulgarmente chamado *casca*. Colha os fructos dos pepinos só quando se acham completamente maduros.

curativo de algumas feridas; tambem goza de propriedades emollientes ¹.

CUCUMIS MELO. L. ²

Melão.

Planta originaria da Persia e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ³.

Emp. como refrigerantes e laxativas. Pouco usado.

CUCURBITA PEPO. L.

Abobora porqueira.

Planta originaria do Levante e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ⁴.

Emp. eficazmente para expulsar a tenia e as lombrigas; tambem podem ser usadas como refrigerantes e peitoraes ⁵.

Opuntiae.

Cacteeae. D.C.

OPUNTIA VULGARIS. Mill.

(Cactus opuntia. L.)

Figueira da India.

¹ O povo emprega o chá da casca do pepino para combater as dores de colica.

² Variedades: α . reticulatus. Ser.; β . Cantalupo. Ser.; γ . deliciosus (C. deliciosus. Roth.)

³ Vulgarmente chamadas *pevides*. As *pevides* deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

⁴ Vulgarmente chamadas *pevides*. As *pevides* deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

⁵ Podem substituir a *Cucurbita Pepo*. L. a *C. maxima*. Duch. (Abobora moganga) e a *C. Melopepo*. L. (Abobora menina).

As *pevides* de quasi todas as Cucurbitaceas gozam de propriedades anthelminticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz, principalmente nas provincias do sul.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos.

Emp. como temperantes ¹. Pouco usada.

Caryophyllinae.

Portulacaceae. Juss.

PORTULACA OLERACEA. L. ²

Beldroega.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas, febrifugas, litontripticas diureticas; as sementes como vermifugas. Pouco usada ³.

SPERGULARIA RUBRA. Pers. ⁴

(*Arenaria rubra* α . *campestris*. L.; *Lepigonum rubrum*. Wahlbg.; *Spergula rubra*. Godr.)

Arenaria vermelha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

P. u. a planta florida.

Emp. contra as areias e calculos urinaes.

¹ Dos fructos d'esta planta obtém-se um magnifico alcool. Em Barcelona usam muito d'um oleo medicinal que é feito com os fructos da Figueira da India, que é applicado em fricções para debellar as dores inflammatorias.

² Variedade β . *sativa*. D.C. (*P. sativa*. Haw.)

³ Faz-se um unguento, em que entram as folhas da Beldroega, que dizem ser muito efficaz nos padecimentos hemorrhoideaes. A salada das folhas d'esta planta é muito util na prisão de ventre.

⁴ Variedades: α . *campestris*. Fzl.; β . *alpina*. Wk.; γ . *longipes*. Lge.; δ . *pinquis*. Fzl.

Caryophyllae
leat. 16.

7

STELLARIA MEDIA. Vill. ¹
 (Alsine media. L.)
 Morugem vulgar ou branca. Orelha de rato dos hervolarios.
 Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em quasi todo
 o paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. a planta florida.

Emp. como adstringente. Pouco usada.

DIANTHUS CARYOPHYLLUS. L.

(D. longicaulis. Csta.)

Cravo.

Hab. em alguns paizes na Europa e entre nós cultiva-se muito
 nos jardins um grande numero de variedades.

Flor. na primavera e principios do verão.

P. u. as petalas.

Emp. como bechico e tonico. Constitue a base do xarope de
 Claveles. Pouco usado ².

SAPONARIA OFFICINALIS. L.

Saboeira legitima.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nos terrenos proximos ao
 Mondego, Porto, Lamego e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz e as folhas.

Emp. como tonica e diaphoretica ³.

SILENE INFLATA. Sm. ⁴

(Cucubalus Behen. L., Silene Cucubalus. Wib.)

Herva traqueira.

¹ Variedade β . major. Koch.

² Deverão empregar-se, sempre que se possa, as petalas dos cravos ver-
 melhos de preferencia aos de outras côres.

³ As folhas da Saponaria communicam á agua a propriedade de espumar,
 como a agua de sabão, e é por isso que se chama vulgarmente saboeira.
 Deve esta propriedade a uma substancia que contém chamada *saponina* ou
struthina.

⁴ Variedades: α . genuina; β . ciliata. Lge.; γ . glareosa (Jord.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. como analeptica. Pouco usada.

AGROSTEMMA GITHAGO. L.

(Githago segetum. Desf., Lychnis Githago. Lam.)

Nigella bastarda.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como antipsorica (Fuchsius) e útil para curar hemorragias, úlceras e fistulas (Simon Pauli). Pouco usada.

Phytolaccaceae. R. Br.

PHYTOLACCA DECANDRA. L.

Tintureira vulgar, Herva dos cachos da India.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nos terrenos junctos ao Mondego e em muitos outros pontos das nossas provincias do Douro e Beira ¹.

Flor. de maio a agosto.

P. u. as folhas, o succo das mesmas, as bagas (fructos) e a raiz.

Emp. O succo das folhas é purgativo na dóse de 15 grammas (meia onça). As bagas e a raiz são tambem purgativas. As folhas applicadas sobre a pelle causam irritação ; usam-se em cataplasmas contra as feridas de máo character. (Chernoviz).

¹ Esta planta é originaria da Virginia, India occidental, China, etc., e só foi conhecida na Europa depois da descoberta da America. Hoje não só cresce espontanea em Portugal como em muitos outros paizes da Europa.

Columniferae.

Malvaceae. *Juss.*LAVATERA CRETICA. ¹

(*L. silvestris*. Brot.; *L. Neapolitana*. Ten.; *Malva pseudolavatera*. Wbb.; *M. hederæfolia*. Viv.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. raiz, folhas e flores.

Emp. como emolliente.

LAVATERA ARBOREA. L.

(*Anthema arborea*. Presl).

Hab. nas margens do Douro e do Tamega.

Flor. na primavera e estio.

Tudo que diz respeito á especie antecedente.

ALTHEA OFFICINALIS. L.

Althea, Malvaisco.

Hab. em alguns terrenos proximos do Tejo e do Mondego, nas vizinhanças de Obidos e em outros pontos da Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente.

MALVA SILVESTRIS. L. ²

(*M. vulgaris* Ten. non Trag.; *M. hirsuta* Viv. nec Ten.)

Malva.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de abril a julho.

P. u. a raiz, folhas e flor.

Emp. como emolliente.

¹ Variedade β . *stenophylla*.

² Variedade β . *Mauritanica*. Bss. (*M. Mauritanica*. L)

MALVA ROTUNDIFOLIA. L.

Malva.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a raiz, folhas e flores.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹.

Tiliaceae. Juss.

TILIA PLATYPHYLLA. Scop.

(T. grandiflora. Ehrh.; T. pauciflora. Hayne.; T. mollis. Spach.; T. Europaea. L.)

Tilia.

Arvore originaria do norte da Europa e cultivada entre nós nas provincias septentrionass.

Flor. em junho.

P. u. as bracteas floriferas ².

Emp. como antispasmodicas e diaphoreticas.

Guttiferae.

Hypericineae.

HYPERICUM PERFORATUM. L. ³

Hypericão, Milfurada.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em quasi todo o paiz.

¹ Póde substituir-se-lhes as outras especies indigenas do genero Malva que habitam no nosso paiz (*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

As outras especies que habitam em Portugal são Malva Alacea. L.; M. hispanica. L. e a M. moschata. L. α . laciniata. Gr. Godr.

² Vulgarmente chamadas flores.

³ Variedade β . angustifolium. Gaud. (H. Veronense. Schrank.; H. microphyllum. Jord.)

Flor. de junho a agosto.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como adstringente e anthelmintica. Entra na theriaga, alcoolato vulnerario, emplasto confortativo de Vigo, etc. ¹

ANDROSAEMUM OFFICINALE. All.

(*Hypericum androsaemum*. L.)

Androsémo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra (na matta da Baleia, Ribeira de Cozelhas, Pinhal de Valle de Canas e S. Paulo de Frades) proximidades da Louzã, Porto e em diferentes pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. muito effizaz nas areias e nos calculos da bexiga e dos rins ². Alguns auctores, com especialidade os inglezes, o tem prescripto como um poderoso vulnerario. Tambem tem sido aconselhado como resolutivo e vermifugo; assim como debaixo da fórma de cataplasma, contra as queimaduras e hemorrhagias.

Tamariscineae. *Desvaux.*

TAMARIX GALLICA. L.

(*T. canariensis*. W.)

Tamargueira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, na matta do Choupal, Figueira da Foz, Buarcos e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. o lenho.

Emp. como depurativa e diaphoretica. Alguns auctores dizem

¹ Póde substituir-se pelo *Hypericum ciliatum*. Lam. (*H. dentatum*. Lois).
Hypericão celheado, indigena do continente.

(*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

² Usa-se em infusão, que se prepara com 6 grammas de folhas em 170 grammas de agua fervendo, para tomar de cada vez. Deverão tomar-se duas d'estas doses por dia.

que pôde substituir o *guaiaco* ¹. (*Guaiacum officinale*. L.) Pouco usado.

Hesperides.

Aurantiaceae. *Correa*

CITRUS LIMONUM. Risso.

Limão.
Planta originaria do norte da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. durante quasi todo o anno.

P. u. o epicarpo ² e o sumo.

Emp. o epicarpo como estomacal e antispasmodico, o sumo como adstringente e temperante ³.

CITRUS AURANTIUM. Risso.

Laranjeira doce.
Planta indigena da China e do Himalaya e muito cultivada entre nós.

Flor. na primavera.

P. u. as flores e os fructos (Hesperideo).

Emp. as flores como antispasmodicas, os fructos como temperantes.

CITRUS VULGARIS. Risso.

(*C. Bigaradia*. Duh.)

Laranjeira azeda.
A patria d'esta planta é hoje muito duvidosa, presume-se que em epocha remota foi trazida da India pelos arabes para a Arabia e Palestina e de lá veio para a Europa. Entre nós é bastante cultivada.

Flor. na primavera.

¹ Vulgarmente chamado *Pau santo*, é um dos quatro lenhos sudorificos.

² Vulgarmente chamado *Casca de limão* ou *Amarello da casca do limão*.

³ O acido citrico é extrahido do limão, laranja e muitas outras fructas azedas, mas o melhor é o que se obtém do sumo do limão.

P. u. as folhas, flores, o sumo dos fructos e o epicarpo ¹.

Emp. as folhas, flores e epicarpo como tonicas, antispasmodicas e estimulantes, o sumo dos fructos como temperante ².

Meliaceae. Juss.

MELIA AZEDERACH. L.

Sycomoro bastardo.

Planta originaria da Syria e da India oriental, e muito cultivada entre nós como arvore de alinhamento.

Flor. em maio.

P. u. a casca é a raiz.

Emp. como anthelmintico. É preciso ter cautela na sua applicação porque é venenosa. Pouco usado.

¹ Vulgarmente chamado *Casca de laranja* ou *Amarello de casca de laranja*.

² O dr. Beirão no seu compendio de materia medica quando tracta das propriedades do genero *Citrus*, diz o seguinte: «Na medicina portugueza faz-se bastante uso d'estas cascas, como carminativas, estomachicas e tonicas; egualmente são reputadas antiscorbuticas, antifebrís e vermifugas.»

A casca dos fructos da laranjeira de folhas de murta (*Citrus aurantium*. Risso. var. *myrtifolia*), que a maxima parte dos auctores consideram como uma variedade, embora alguns botanicos a acceitem como boa especie, é um poderoso e excellentestomachico. Prepara-se do modo seguinte: ponha em maceração a casca de nove laranjas em um litro de boa aguardente de vinho que marque entre 18° a 22° Cart. (45° a 60° cent.), durante trinta dias e depois filtre. Toma-se um calix, dos que servem para o licor, d'esta bebida depois da comida.

Entre nós cultivam-se muitas outras especies e variedades do genero *Citrus* que podem na sua falta substituir as especies acima mencionadas. As mais importantes são as seguintes: *Citrus Bergamia*, Risso, Bergamota; *C. Lumia*, Risso, Limoeiro doce; *C. Limetta*, Risso, Limeira; *C. decumanus*, Risso, Toranja; *C. Medica*, Risso, Cidreia; *C. nobilis*, Lour., Tangerineira.

Acera.**Malpighiaceae. Juss.****CORIARIA MYRTIFOLIA. L.**

Esta planta, segundo Willkomm e Lange, habita em Portugal, mas não sabemos, nem os auctores citados dizem, o lugar onde ella se encontra.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. para falsificar o Sene (*Cassia elongata*. Lemaire, *C. acutifolia*. Delile, *C. obovata*. Calladon.), pois as suas folhas são muito semelhantes. A *Coriaria* é altamente venenosa, e portanto a falsificação do Sene, com esta planta tem causado já por muitas vezes accidentes gravissimos. As folhas de *Coriaria* distinguem-se das do Sene por serem trinerves.

Polygalinae.**Polygaleae. Juss.****POLYGALA VULGARIS. L. ¹**

Polygala ordinaria, Herva leiteira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em maio e junho.

P. u. a planta florida.

Emp. como espectorante e sudorifica, em dóse elevada provoca ás vezes evacuações alvinas ².

¹ Variedades: β . *vestita*. Gr. Godr. (*P. pubescens*. Rhode; *P. vulgaris* var. *littoralis*. Lge.); γ . *alpestris*. Koch. et Gr. Godr. nec Rehb. (*P. vulgaris*. Boiss.).

² As polygalas que geralmente se empregam em pharmacia são a *Polygala Senega*. L. (*Polygala* de Virginia) e a *P. amara*. L. (*Polygala* amarga).

Frangulaceae.

Celastrineae: R. Br.

EVONYMUS EUROPAEUS. L.

Não nos consta que esta planta habite no nosso paiz, apenas a temos visto cultivada; porém Texidor y Cos na sua Flora pharmaceutica de Hespanha e Portugal diz que cresce em quasi toda a Peninsula? Willkomm e Lange no seu Prodrumus Florae Hispanicae são de opinião contraria.

Flor. em maio e junho.

P. u. as folhas, casca e fructos.

Emp. as folhas são acres, emeticas e purgativas; o cozimento feito tanto da casca como das folhas é deterativo e usa-se para lavar as ulceras: os fructos são purgativos e diureticos. Pouco usado.

Ilicineae. Brong.

ILEX AQUIFOLIUM. L.

Azevinho.

Hab. na matta do Bussaco, nas serras da Estrella e do Gerez

A primeira é originaria da America septentrional, e a segunda das montanhas da Europa. Quando o medico receitar simplesmente *polygala* sem designar a especie, entender-se-ha sempre que é a P. de Virginia.

Tem sido indicadas como succedaneas da P. senega. L., mas gozam de propriedades muito mais fracas tanto a P. amara. L., como a P. vulgaris. L. Na falta da P. amara. L., póde substituir-se-lhe pela P. vulgaris. L. Na P. Senega. L. a parte que se emprega é a casca, e na P. amara. L. a planta florida.

Lindley na sua obra intitulada — *Medical and Oeconomical Botany*, cita ainda mais tres especies de polygalas que se empregam na pharmacia, a saber: *P. rubella*. Pursh. dos Estados Unidos, *P. Poaya*. Martius do Brazil e *P. Chamaebuxus*. L. das montanhas da Europa. A primeira diz ser tonica, estimulante, diaphoretica e util nas dyspepsias, a segunda tem os mesmos principios da P. Senega e a terceira é um emetico activo, e emprega-se nas febres beliosas.

e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas, casca e fructos.

Emp. as folhas como diaphoreticas, febrifugas e estimulantes, a casca ¹ em cozimento para lavar as ulceras, e os fructos como diureticos, purgativos e emeticos na dóse de 10 a 12. Pouco usado.

Rhamneae. *R. Br.*

ZIZYPHUS VULGARIS. Lam.

(*Z. Jujuba*. Mill.; *Z. rutilus*. Clus.; *Rhamnus Zizyphus*. L.)

Jujuba, Açufeifa maior, Anafega maior, Maceira da anafega maior.

Planta originaria do Levante. Em Portugal, segundo Brotero, cultiva-se no Algarve, mas já a temos visto cultivar em outros pontos do reino.

Flor. no estio.

P. u. as drupas ².

Emp. como emollientes e bechicas.

ZIZYPHUS LOTUS. Lam.

(*Rhamnus Lotus*. L.)

Açufeifa menor, Anafega menor.

Hab. Segundo Willkomm e Lange a parte austral do nosso paiz. Brotero diz que se cultiva nas hortas ao pé de Lisboa em toda a Extremadura e Beira.

Flor. no estio.

P. u. as drupas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

RHAMNUS FRANGULA. L.

(*R. Sanguino*. Ort.; *R. sanguineus*. W. teste. Plan.; *Frangula vulgaris*. Rehb.)

¹ A casca deverá ser privada da epiderme.

² Vulgarmente chamadas *Jujubas*.

Frangula, Sanguinho da agua ou Amieiro negro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Louzã, Semide, Porto e em muitos outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em junho e julho.

P. u. a casca dos ramos ¹.

Emp. como purgativo.

RHAMNUS ALATERNUS. L.

Aderno bastardo ou Sanguinho das seves.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Leiria e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente e detersivo. Pouco usado.

RHAMNUS LYCIOIDES. L.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa, Caparica, Villa Franca de Xira e em outros pontos da Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Tricoccae.

Empetreae. Nuttall.

COREMA ALBUM. Don.

(C. febrifugum. Boiss.; Empetrum album. L.)

Camarinheira.

Hab. na nossa costa maritima entre Caparica e Aveiro, com pequenas excepções.

Flor. em março e abril.

P. u. os fructos.

Emp. como temperantes. Pouco usada.

¹ Deve ser colhida dos ramos e ramusculos. Nunca se empregue antes de decorrido um anno depois da colheita.

(Pharmacopêa Portugueza, 1876). ⁵



Euphorbiaceae. R. Br.

EUPHORBIA LATHYRIS. L.

Tartago, Catapucia menor.

Cultiva-se em alguns jardins pharmaceuticos, e na Extremadura encontra-se quasi espontanea proximo das povoações. (Brot.)

Flor. em maio e junho.

P. u. a casca da raiz e as sementes.

Emp. a casca da raiz reduzida a pó como rubefaciente e vesicante, outr'ora tambem se usou como purgante drastico. O eleoleo das sementes póde substituir o oleo de croton.

EUPHORBIA PEPLUS. L.

Esula redonda.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. toda a planta.

Emp. como purgativa. Pouco usada.

MERCURIALIS ANNUA. L.¹

Mercurial. Ortiga morta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. desde a primavera até ao fim do outomno.

P. u. toda a planta².

Emp. como purgativa.

MERCURIALIS PERENNIS. L.³

Hab. nas vizinhanças de Coimbra proximo á calçada do Gatto.

Flor. de março a maio.

P. u. toda a planta.

Emp. como um emetico poderoso, mas é preciso ter a maxima cautela com a sua applicação, pois é muito venenosa. Pouco usado.

¹ Variedades: *a.* genuina. J. Müll.; *β.* ambigua. J. Müll. (M. ambigua. L. fil.)² Faça a colheita antes de começada a floração.

(Pharmacopêa Portuguesa, 1876).

³ Variedade *β.* brachyphylla. Wk.

RICINUS COMMUNIS. L.

Ricino, Mammoma, Carrapateiro.

Planta originaria da India, Conchinchina, America tropical e de Cabo Verde, muito cultivada e quasi espontanea em alguns pontos do paiz.

Flor. desde a primavera até ao outomno.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como emollientes; das sementes extrahe-se o oleo de ricino, que é um dos purgantes mais usados e que goza tambem de propriedades vermifugas.

BUXUS SEMPERVIRENS. L.

Buxo ordinario.

Hab. pelos ribeiros entre Figueiró dos Vinhos e Thomar (Brot.), e cultiva-se em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. a casca da raiz, a raiz, o lenho e as folhas. A primeira d'estas substancias é a que mais se emprega em pharmacia.

Emp. no rheumatismo, na syphilis constitucional e na febre intermittente ¹.

Terebinthineae.

Juglandaeae. D.C.

JUGLANS REGIA. L.

Nogueira.

Planta originaria da Persia e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas e a casca exterior do fructo.

Emp. internamente contra as escrophulas e rachitismo, externamente contra a leucorrhœa e fistulas ².

¹ A casca do buxo substitue ás vezes o lupulo na fabricação da cerveja.

² Dos fructos (nozes) extrahe-se um oleo seccativo, a que se dá o nome de oleo de nozes. A infusão das membranas internas que dividem os fructos é um poderoso medicamento contra as dores de colica.

Anacardiaceae. *Lindl.*

PISTACEA LENTISCUS. L.

Lentisco verdadeiro, Aroeira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

Flor. em abril e maio.

P. u. as drupas ¹ e folhas.

Emp. como estimulantes e adstringentes ².

PISTACEA TEREBINTHUS. L.

Terebintho ou Cornalheira de Trás-os-Montes.

Hab. nos montes Cabrises proximo a Coimbra e em muitos pontos da nossa provincia de Trás-os-Montes, taes como proximo da Torre de Moncorvo nas margens do Sabor, na serra da Navalheira, juncto do Mosteiro das Penduradas, proximidades de Bragança, etc.

Flor. em abril e maio.

P. u. uma substancia myreoleo-resinosa obtida, por incisões feitas no tronco, a que se chama *Terebinthina de Chio* ou *Terebenoleo do Terebintho*.

Emp. tem as mesmas propriedades do que as outras terebinthinas obtidas de algumas coniferas.

RHUS CORIARIA. L.

Sumagre dos cortidores.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, na Cerca de S. Bento, na serra de Monchique e nos arredores de Lamego. Encontra-se tambem cultivado em muitos pontos do paiz.

¹ Vulgarmente chamadas *bagas*, que deverão ser colhidas antes da completa maturação.

² Por incisões feitas no tronco da *Pistacia lentiscus*. L. var. *Chia*. Duham (P. Chia. Desfont.) obtém-se uma resina que se chama *Mastica* ou *Almecega da India*. Esta planta é originaria do archipelago grego. Do nosso lentisco tambem se póde extrahir a *mastica* mas é de qualidade muito mais inferior. Amelhor epocha para fazer as incisões é nos mezes de agosto e setembro.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente.

Rutaceae. *Bartling.*

Ruta (GRAVEOLENS). L.

(*R. divaricata*. Ten., *R. crithmifolia*. Moric. sec. Boiss.)

Arruda ou Ruda.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a planta florida ¹.

Emp. como estimulante, anthelmintica e abortiva.

RUTA MONTANA. Clus.

(*R. graveolens* β . *montana*. L., *R. legitima*. Jequ., *R. tenuifolia*. Desf.)

Arrudão.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Zygophylleae. *R. Br.*

TRIBULUS TERRESTRIS. L. ²

Abrólho terrestre.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Caparica e em diversos pontos das nossas provincias do sul.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente. Pouco usado.

¹ A planta recente é muito mais activa do que depois de secca. Nas phar-macias deverão renovar esta planta todos os annos; pois com o tempo perde as suas propriedades.

² Variedade β . *albidus*. Friv.

Gruinales.

Geraniaceae. D.C.

ERODIUM MOSCHATUM. Hérit.

(Geranium moschatum. L.)

Almiscareira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em diferentes pontos das nossas provincias do sul.

Flor. na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente e antispasmodica. Pouco usada.

GERANIUM ROBERTIANUM. L. ¹

Herva de S. Roberto.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente e estimulante. Pouco usada.

Lineae. D.C.

LINUM USITATISSIMUM. L.

Linho.

Planta originaria de alguns paizes da Europa e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes ² e os fios ³.

Emp. as sementes como emollientes.

¹ β. rubicaule. Horn.; γ. parviflorum. Viv. (G. purpureum. Vill., G. modestum et minutiflorum. Jord., G. mediterraneum. Lge).

² Vulgarmente chamada *linhaça*.

³ Chamam-se fios ás fibras tecidas e puidas pelo uso.

Oxalideae. *D.C.*OXALIS CORNICULATA. L. ¹

Trevo azedo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. desde a primavera até ao outomno.

P. u. toda a planta.

Emp. como refrigerante, diuretica, antiscorbutica e antiputrida. Pouco usado.

OXALIS CERNUA. Thunb.

(*O. lybica*. Viv.).

Planta originaria do Cabo de Boa-Esperança e hoje muito abundante em diversos pontos do paiz, taes como Coimbra, Lisboa, etc.

Flor. no inverno.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ². Pouco usado.

Balsamineae. *A. Rich.*

IMPATIENS BALSAMINA. L.

(*Balsamina hortensis*. Desp.)

Melindres, Papagayos.

Planta originaria da India oriental e muito cultivada entre nós nos jardins e hortas.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. debaixo da fórma de cataplasma e applicadas sobre o ventre obram como diureticas. (Bulliard.) Pouco usado.

¹ β . minor. Lge.

² Esta planta contém uma grande quantidade de bioxalato de potassa.

Tropaeoleae. *Juss.*

TROPAEOLUM MAJUS. L.

Chagas, Mastruso do Peru.

Planta indigena do Peru ¹ e muito cultivada entre nós nos jardins e quintaes.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas.

Emp. como antiscorbuticas. Pouco usada.

Calyciflorae.

Lythrarieae. *Juss.*LYTHRUM SALICARIA. L. ²

Salgueirinha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonico-adstringente. Pouco usada.

Myrtiflorae.

Myrtaceae. *R. Br.*

EUCALYPTUS GLOBULUS. Labill.

Eucalypto.

Arvore originaria da Nova Hollanda e hoje muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no inverno.

P. u. as folhas ³ e casca.

¹ Esta planta veio para a Europa pela primeira vez em 1684.² Variedades: α . genuinum. Gren et Godr.; β . gracila. D.C.³ Empregue só as pecioladas.

Emp. internamente a infusão das folhas e casca, ou o pó, contra as febres intermitentes: externamente a infusão das folhas para curar e desinfecar as feridas.

As cigarrilhas feitas com as folhas são uteis na bronchite e asthma. Alguns facultativos aconselham o mascar as folhas contra o máo halito e para fortificar as gengivas ¹.

MYRTUS COMMUNIS. L. ².

Murta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos do paiz.

Flór. na primavera.

P. u. as folhas e bagas (murtinhos).

Emp. como adstringentes.

PUNICA GRANATUM. L.

Romeira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz como planta sub-espontanea. É originaria da Africa septentrional.

Flór. em maio e junho.

P. u. as flores em estivação ³, epicarpo secco ⁴ e a casca da raiz ⁵.

¹ O *Eucalyptol* é o princio immediato obtido da essencia do Eucalypto. Do Eucalypto fazem-se hoje os preparados seguintes: infusão, extracto aquoso, extracto alcoolico, alcoolato e tintura alcoolica, agua distillada e oleo essencial para uso interno; infusão, tintura, alcoolato e cigarrilhas para uso externo.

O oleo essencial é recommendado nas affecções bronchicas e pulmonares, na laryngite e na aphonia.

O extracto aquoso em pilulas, como tonico, e antiperiodico nas febres paludosas.

O extracto alcoolico tem as mesmas applicações do antecedente.

O Alcoolato e tintura alcoolica em poção, e como desinfecante das feridas, em applicação local.

A agua distillada como vehiculo das poções estimulantes.

² Variedades: α . latifolia; β . microphylla.

³ Vulgarmente chamadas *Balausticas*.

⁴ Vulgarmente chamadas *casca de romã*.

⁵ O effeito produzido pela casca da raiz da romeira é tanto mais certo,

Emp. as flores e o epicarpo como adstringente e a casca da raiz é um dos vermifugos mais efficazes contra a tenia, mas é preciso ter certa cautela na sua administração, pois em dóse elevada provoca vomitos e colicas; exerce tambem acção sobre o systema nervoso, como se póde julgar pelas vertigens e pela mo-dorra que occasiona ás vezes.

Rosiflorae.

Pomaceae. *Lindl.*

CYDONIA VULGARIS. Pers.

(*Pyrus cydonia*. L.)

Marmeleiro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz como planta sub-espontanea. É originaria da Asia menor.

Flor. no principio da primavera.

P. u. as sementes ¹ e o sumo dos fructos.

Emp. as sementes como emollientes, e o sumo adstringente.

PYRUS MALUS. L. β . *hortensis*.

Pero, Camoeza.

Cultiva-se nas hortas, quintaes, etc.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos seccos e verdes.

Emp. os fructos seccos como bechicos; os verdes em fórma de cataplasma, para debellar as opthalmias.

SORBUS DOMESTICA. L.

(*Pyrus domestica*. Sm., *P. Sorbus*. Gaertn., *Sorbus legitima*. Clus.)

quanto a casca é mais fresca e portanto é sempre melhor empregar a casca recente todas as vezes que possa ser. Nunca se deverá usar de casca que tenha sido colhida á mais de um anno. A casca de arvores adultas, isto é, cuja idade seja superior a dez annos é a melhor.

¹ Vulgarmente chamadas *pevides de marmelo*.

Sorveira.

Planta originaria de alguns paizes da Europa e cultivada no
no nosso paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. os fructos ¹.

Emp. como adstringentes. Pouco usada.

SORBUS AUCUPARIA. L.

(*Pyrus aucuparia*. Gaertn.)

Cornogodinho, Tramazeira.

Hab. nas serras da Estrella, Gerez, Marão, Rebordão e Mont-
tesinho.

Flor. em maio e junho.

P. u. os fructos.

Emp. como adstringentes, e segundo alguns auctores são emeto
cartharticos ². Pouco usado.

MESPILUS GERMANICA. L.

Nespereira.

Planta originaria de alguns paizes da Europa e que se cultiva
no nosso paiz nas quintas e hortas, com especialidade na Beira Alta.
Algumas vezes, posto que rarissimas, encontra-se quasi espontanea.

Flor. em maio.

P. u. as folhas e fructos.

Emp. como adstringentes. Pouco usada.

Rosaceae. Juss.

ROSA CANINA. L. ³

Rosa de cão, Silva macha.

¹ Vulgarmente chamados *sorvas*.

² Os fructos d'esta planta contém grande quantidade de *acido málico*.

³ Variedades: α . genuina (R. lutetiana. Lem.); β . sphaerica (R. sphae-
rica. Gren.); γ . dumalis (R. dumalis. Auct.); δ . globularis (R. globularis.
Franchet.); ϵ . andegavensis (R. andegavensis. Bast.); ζ . scabrata (R. sca-
brata. Crép.); η . urbica (R. urbica. Lem.); ζ . dumetorum (R. dumetorum.
Tuilh.); η . fusiformis (R. fusiformis. Crép.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em outros pontos do paiz, com especialidade nas nossas provincias septentrionaes.

Flor. na primavera.

P. u. os sycones ¹.

Emp. como adstringentes ².

ROSA CENTIFOLIA. L.

Rosa de cem folhas, R. de repollo, R. cheirosa de Jericó.

Planta originaria das encostas orientaes do Caucaso, e muito cultivada no nosso paiz, nos quintaes e jardins.

Flor. na primavera.

P. u. as petalas.

Emp. como laxativas.

ROSA DASMACENA. Mill.

Rosa de Damasco.

Planta originaria de Damasco e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as petalas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ³.

ROSA GALLICA. L.

Rosa de Alexandria.

Planta indigena da Europa central e muito cultivada entre nós.

Flor. na primavera.

P. u. os botões (flores em estivação) ⁴.

Emp. como adstringente e constitue a base da preparação pharmaceutica chamada conserva de rosas ⁵.

RUBUS FRUTICOSUS. L.

(*R. plicatus* et *R. fastigiatus*. Weihe et Nees).

Sylva, Sarga.

¹ Vulgarmente chamados *cynosbostos* (fructos).

² Com os sycones prepara-se a conserva de *cynosbostos* que se emprega na diarrhea e hemoptyse.

³ A *Rosa centifolia*. L. e a *R. Dasmacena*. Mill. pertencem ao grupo das que em pharmacia se chamam *Rosas pallidas*.

⁴ Despoje do calix e seque rapidamente.

(*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

⁵ *Rosa gallica*. L., pertence ao grupo das *Rosas rubras*.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas, os rebentos ¹ e os soroses ².

Emp. como adstringentes.

RUBUS IDAEUS. L.

Framboesa.

Planta originaria de alguns paizes da Europa e cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as soroses.

Emp. como temperantes.

FRAGARIA VESCA. L.

Morangueiro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas, rhizoma e fructos.

Emp. as folhas como levemente adstringentes; a rhizoma como diuretica; e os fructos são uteis contra a gotta e arcias ³.

POTENTILLA TORMENTILLA. Sibth.

(Tormentilla erecta. L., T. officinalis. Lap.)

Tormentilla, Sete em rama.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como adstringente.

AGRIMONIA EUPATORIA. L.

(A. officinalis. Lam.)

Agrimonia.

¹ Vulgarmente chamados *olhos de sylva*.

² Vulgarmente chamadas *amoras de sylva*.

Um grande numero de nossos pharmaceuticos empregam os fructos da sylva em logar das verdadeiras amoras (soroses da *Morus nigra*. L.)

³ Podemos empregar as variedades *hortensis*.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. as folhas ¹.

Emp. como levemente adstringentes.

POTERIUM SANGUISORBA. L.

Pimpinella menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Extremadura, Beira, Douro, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. como tonicas e adstringentes. Pouco usado.

GEUM URBANUM. L.

Sanamunda, Cariophyllada maior, Cravoila, Herva benta,

Hab. nas vizinhanças do Porto, Coimbra, na matta da Baleia, e em diversos pontos do paiz como em Manteigas e outros sitios proximo da Serra da Estrella.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz ².

Emp. como tonica e adstringente.

SPIRAEA ULMARIA. L.

Herva ulmeira, Rainha dos prados.

Hab. na parte septentrional do Alemtejo (Brot.) e nas vizinhanças do Porto.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. como diuretica.

SPIRAEA FILIPENDULA. L.

Filipendula.

Hab. entre Torres Vedras e Obidos, nas vizinhanças da Serra da Estrella e em outros pontos da Beira e Douro.

¹ Devem ser colhidas ao apontar da floração.

² Deve ser colhida na primavera. Renove annualmente.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretica. Pouco usada.

Amygdaleae. Juss.

AMYGDALUS COMMUNIS. L. ¹

Amendoeira.

Planta originaria da Barbaria e muito cultivada em alguns pontos do paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as amendoas (fructos) doces e amargas ².

Emp. as preparações feitas com as amendoas amargas usam-se contra as febres intermitentes, embriaguez e nevroses. É preciso ter muita prudencia no seu emprego, pois tem propriedades venenosas ³. As amendoas doces empregam-se como antiphlogisticas e sedantes, debaixo da fórma de emulsão, em todas as molestias febris. Por expressão a frio das amendoas doces ou das amargas obtém-se o oleo de amendoas. Em pharmacia emprega-se sempre para uso interno o oleo feito com as amendoas doces; o obtido das amendoas amargas é mais usado pelos perfumistas. O oleo de amendoas doces, applicado internamente, é emolliente ou laxante segundo se emprega em dóse pequena ou elevada. A acção topica do mesmo oleo é emolliente.

¹ Variedades: α . ossea. Gren.; β . fragilis. Gren.

² A arvore que produz as amendoas amargas differe mui pouco da que produz as amendoas doces, porque a unica distincção que se póde estabelecer é que, na variedade amarga, o estylete da flor é do mesmo comprimento que os estames e os pecialos das folhas estão marcados com pontas glandulosas, em quanto que, na variedade doce, o estylete é muito mais comprido que os estames, e as glandulas em vez de estarem sobre os pecialos acham-se na base dos dentes das folhas. (Chernoviz).

³ As amendoas amargas na dóse de sete amendoas, já produzem anciedade; em grande dóse podem occasionar a morte. Orfila matou um cão, fazendo-lhe ingerir vinte amendoas amargas. (Chernoviz).

As amendoas amargas contêm um principio chamado *amygdalina*.

PERSICA VULGARIS. Mill.

(Amygdalus Persica. L.)

Pecegueiro.

Planta originaria da Persia e India septentrional e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. as flores ¹ e folhas.

Emp. as flores como laxativas e as folhas usam-se em infusão nas nevralgias e coqueluche; tambem se tem recommendado tanto interna, como localmente, nas affecções cancerosas ².

PRUNUS DOMESTICA. L.

Ameixieira.

Planta indigena da Syria e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. as drupas seccas ³.

Emp. como laxativas e bechicas.

PRUNUS SPINOSA. L.

Ameixieira brava.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. a casca.

Emp. contra as febres intermitentes. Pouco usado.

PRUNUS AVIUM. L. ⁴

(Cerasus avium. Moench., Prunus cerasus. Ass. non L.)

Cerejeira preta.

¹ Devem ser colhidas antes de completamente desabrochadas. Seque rapidamente.

(Pharmacopêa Portugueza, 1876).

² As amendoas, folhas e flores do pecegueiro dão pela distillação uma agua que contém certa quantidade de acido prussico e oleo essencial, e que é recommendada pela eschola italiana como remedio hyposthenisante nas molestias inflammatorias. Emprega-se na mesma dóse, e com a mesma cautela, que a agua de louro cerego. (Chernoviz).

³ Vulgarmente chamadas *ameixas passadas*.

⁴ Variedades: α . silvestris. Ser.; β . Duracina (Cerasus Duracina. D.C.); γ . Juliana (Cerasus Juliana. D.C.)

Planta originaria de alguns paizes da Europa e muito cultivada entre nós, encontrando-se ás vezes quasi que espontanea.

Flor. em março.

P. u. as drupas ¹ e os pedunculos.

Emp. as drupas para fazer o hydrolato de cerejas pretas que se usa como calmante e antispasmodico e os pedunculos como diureticos ².

PRUNUS LAUROCERASUS. L.

(Cerasus Laurocerasus. Lois.)

Loureiro-cerejo.

Planta indigena do Oriente e cultivada entre nós.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas recentes ³.

Emp. para fazer o hydrolato e o oleo essencial de loureiro-cerejo.

O hydrolato de louro-cerejo obra pelo acido cyanhydrico que contém; a sua acção é a mesma que a do acido cyanhydrico, porém muito menos energica. Em pequena dóse produz um enfraquecimento geral; o pulso torna-se lento e pequeno. Continuando-se o seu uso sobrevém vertigens, delirio e somnolencia. Aumentando-se a dóse manifestam-se espasmos e convulsões, e finalmente declara-se a paralysisia. A eschola italiana considera a agua de louro-cerejo como um poderoso contra-estimulante, util nos pleurizes, pneumonias, rheumatismos agudos, e todas as molestias inflammatorias, no tétano, phthisica, nevralgias, enfartes do figado e baço, hydrophobia, vomitos nervosos, etc. O hydrolato de louro-cerejo não differe do acido prussico senão por ser menos energica.

O oleo essencial de louro-cerejo contém acido prussico e, admi-

¹ Vulgarmente chamadas *cerejas*.

² Em Allemanha prepara-se uma bebida com as cerejas pretas a que dão o nome de *Kirschenwasser*. Na Dalmacia prepara-se com ellas o licor chamado *Marrasquino*.

³ Deverão ser colhidas no estio.

Algumas arvores pertencentes á familia das Amygneas, como as ameixeiras, as cerejeiras e outras, segregam uma gomma, chamada *gomma do paiz*, que póde substituir a gomma-alcatira. A gomma do paiz é muito analoga á gomma-arabica.

nistrado em dóse ainda mesmo fraca, determina promptamente a morte. Entretanto emprega-se como calmante nas tosses nervosas, asthma, palpitações e na phthisica, mas só na dóse de uma a quatro gottas. (Chernoviz).

Leguminosae.

Papilionaceae. L.

ANAGYRIS FOETIDA. L.

Anagyris fedegosa.

Hab. nas vizinhanças de Tavira e Loulé.

Flor. em abril.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como emeto-catharticas e as sementes como emeticas. Pouco usada.

LUPINUS ALBUS. L.

Tremoceiro ordinario.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada no nosso paiz, principalmente nas provincias do norte. Encontra-se ás vezes quasi espontanea.

Flor. na primavera.

P. u. a farinha (sementes em pó).

Emp. como vermifugo, purgativo e resolutivo. Pouco usado.

ONONIS PROCURENS. Wallr.¹

(O. mimiana. Plan.)

Restaboi, Rilhaboi, Unhagata.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto e em outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretica. Pouco usado.

¹ Variedades: α . vulgaris. Lge. (O. spinosa β . L.); β . mitis. Lge.; γ . spinosissima. Lge.

- ONONIS CAMPESTRIS.** Koch.
(*O. spinosa* α. L.)
Tudo o que diz respeito á especie antecedente.
SPARTIUM JUNCEUM. L.
(*Genista juncea*. Lam., *G. odorata*. Monch., *Sparthianthus junceus*. Lk.)
Giesta ordinaria.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.
Flor. na primavera.
P. u. as sementes.
Emp. como diureticas e emeto-catharticas. Pouco usada.
- SAROTHAMNUS GRANDIFLORUS.** Wbb.
(*Spartium grandiflorum*. Brot., *Cytisus grandiflorus*. D.C., *C. affinis*. Bss., *Sarothamnus affinis*. Bss., *S. virgatus*. Wbb.)
Giesteira das seves.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e outros pontos do paiz, principalmente nas provincias do norte.
Flor. em março e abril.
P. u. as summidades.
Emp. como purgativas. Pouco usado ¹.
- GENISTA TRIDENTATA.** L.
(*Pterospartum tridentatum*. Spach.)
Carqueja.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz nos terrenos incultos e pinhaes.
Flor. na primavera.
P. u. as summidades floridas.
Emp. como diaphoreticas.
- ANTHYLLIS VULNERARIA.** L. ²
Vulneraria.

¹ A giesta que mais se emprega em pharmacia é o *Spartium scoparium*. L., (*Sarothamnus scoparius*. Koch.)

² Variedades: α. albiflora, β. flaviflora, γ. rubriflora.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. toda a planta.

Emp. como resolutiva.

TRIGONELLA FOENUM-GRAECUM. L.

Alforva, Hervinha, Feno grego.

Hab. nas nossas provincias da Extremadura e Alemtejo.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como mucilaginosas, emolliente.

MELILOTUS OFFICINALIS. Lam.

(M. arvensis. Wallr.; M. diffusa. Koch; M. Petitpierreana. W.;

M. officinalis. L. ex. p.)

Trevo de cheiro, Coroa de Rei.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como bechico, anodyno e carminativo.

TRIFOLIUM REPENS. L.

Trevo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de junho a agosto.

P. u. as folhas.

Emp. para fazer o unguento de trevo.

GLYCYRRHIZA GLABRA. L.

Regoliz, Alcaçus ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Torres Vedras, entré Vallada e Castanheira e em outros pontos da Extremadura, Alemtejo e Beira.

Flor. no estio.

P. u. a raiz ².

Emp. como emolliente.

¹ Variedade β . proliferum.

² Empregue descorticada.

ASTRAGALUS POTERIUM. Vahl.

Alquitira do Algarvé.

Hab. proximo a Sagres juncto do Cabo de S. Vicente no Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. a exsudação do tronco.

Emp. como emolliente ¹.

CICER ARIETINUM. L.

Grão de bico.

Planta de patria desconhecida e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as sementes ².

Emp. como diureticos e antisiphiliticos; outr'ora foram usados como liptrontripticos. Os grãos depois de torrados podem substituir o café. Pouco usado ³.

LENS ESCULENTA. Mnch.

(Ervum lens. L.; Cicer lens. Willd.)

Lentilha.

Cultiva-se frequentemente ao sul do reino, onde se encontra ás vezes quasi que espontanea. É originaria do Oriente.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

¹ Póde substituir a *Gomma Adragantha* obtida do *Astragalus verus* Oliv. planta originaria da Asia menor.

² Vulgarmente chamadas *grãos de bico*.

³ Este vegetal é cultivado em todas as provincias do reino em razão do uso alimentar da sua semente: a semente tem egualmente uso na Pharmacia, bem que me não conste que os nossos medicos jámais a prescrevessem. É fóra do meu objecto indicar os usos que d'ella se podem fazer: a planta não me consta que se ache em catalogo algum de materia medica; por isso julgo do meu dever participar aos nossos medicos que os pêllos que ornam as suas vagens e toda a planta são um orgão secretor do acido oxalico dotado de eminentes virtudes na economia animal: as observações que levaram meu sabio mestre o dr. Thomé Rodrigues Sobral a esta descoberta, no mesmo tempo em que Vauquelin fazia a mesma na França, me foram communicadas benignamente pelo dicto chimico portuguez. (Dr. J. J. de Figueiredo).

Emp. a farinha de lentilhas constitue a base da Revalenta ou Revalesciere Dubarry ¹ e da Ervalenta Warton.

VICIA FABÆ. L.
(Faba vulgaris. Mnch.)

Faveira.

Planta originaria das margens do Mar Caspio e muito cultivada entre nós.

Flor. em março e abril.

P. u. a raiz e sementes ².

Emp. a raiz como diuretica. Das sementes extrahese uma farinha que serve para polvilhar as erysipelas e que é um bom analeptico ³.

¹ A Revalesciere Dubarry é feita do modo seguinte:

Farinha de lentilhas.....	1000 grammas
» de cevada	500 »
Sal marinho.....	100 »

ou

Farinha de feijões.....	1000 grammas
» de milho	500 »
Sal marinho.....	100 »

² Vulgarmente chamadas *Favas*.

³ A farinha da fava entra na composição da Ervalenta de Warton.

A ervalenta de Warton compõe-se de farinha de lentilhas, misturada com a de favas e um pouco de assucar.

ADDITAMENTO

Durante o periodo que este catalogo tem levado a publicar tivemos occasião de saber de mais algumas plantas medicinaes que habitam o nosso paiz. Ellas são:

CETRARIA ISLANDICA. Schaer.

(Lichens islandicus. L.)

Musgo islandico.

Hab. na serra da Louzã nos pontos mais elevados onde é pouco frequente.

Nas vizinhanças de Mafra foi tambem encontrada pelo sr. E. da Veiga.

COLCHICUM AUTUMNALE. L.

Colchico.

Hab. na serra de Rebordão, proximo a Bragança.

SMILAX MAURITANICA. Desf.

(S. aspera β . mauritanica. Gren. et Godr.; S. nigra. W.; S. catalonica. Lam.; S. aspera nigro fructo. Clus.)

Legação.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

LONICERA ETRUSCA. Santi.

Madresylva.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa, Setubal e em muitos outros pontos do paiz.

LONICERA IMPLEXA. Ait.

Hab. proximo a Villa Franca de Xira, Serra da Arrabida, Setubal, Loulé e em outros pontos do paiz.

VINCA MAJOR. L.

Congossa.

Hab. nas vizinhanças de Castello-Branco e em alguns pontos do Algarve taes como S. Braz, Faro, Tavira e S. Estevão.

TEUCRIUM CHAMAEDRYIS. L.

Herva carvalhinha.

Hab. proximo do Cabo de Espichel.

MENYANTHES TRIFOLIATA. L.

Hab. no Lagoacho das Favas na Serra da Estrella.

THAPSIA GARGANICA. L.

Hab. no Alentejo proximo a Monte-mór-o-Novo, Beja, Mertola e na Serra d'Ossa, assim como no Algarve em Albufeira.

LEVISTICUM OFFICINALE. Koch.

(Legusticum levisticum. L.)

Hab. na Serra da Estrella, proximo ao Cantaro magro, Pomar de Judas, etc.

RUTA BRACTEOSA. D.C.

(R. Chalepensis. L. β . bracteosa).

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

SAROTHAMNUS SCOPARIUS. Koch.

(Spartium scoparium. L.; Genista scoparia. Lam.; Sarothamnus vulgaris. Wimm.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, em Villa Franca, Gerez e em outros pontos do paiz.

FIM.

(Extrahido do Instituto de Coimbra).

INDICE

A

Acanthus, 109.
 Aceras, 38.
 † Achillea, 71.
 ‹ Adiantum, 17.
 Agaricus, 15.
 Agave, 35.
 † Agrimonia, 163.
 Agropyrum, 23.
 Agrostemma, 142.
 Ajuga, 99.
 Alisma, 25.
 Alliaria, 132.
 Allium, 28.
 Alnus, 49.
 Althea, 143.
 Ammi, 114.
 Amygdalus, 165.
 Anacamptis, 38.
 Anacyclus, 70.
 Anagalis, 110.
 Anagyris, 168.
 Anchusa, 101.
 Androsæmum, 145.

Andryala, 82.
 Anemone, 123.
 Anethum, 116.
 Angelica, 115.
 Anthemis, 70.
 Anthyllis, 169.
 Antirrhinum, 108.
 Apium, 113.
 Aquilegia, 125.
 Arbutus, 111.
 Arisarum, 43.
 Aristolochia, 61.
 Arnica, 75.
 Artemisia, 73.
 Arum, 43.
 Arundo, 21.
 Asparagus, 30.
 Asphodelus, 29.
 Aspidium, 19.
 Asplenium, 18.
 Aster, 67.
 Astragalus, 171.
 Athyrium, 18.
 Atropa, 106.
 Avena, 22.

B

Ballota, 97.
 Barbarea, 129.
 Bellis, 67.
 Beta, 56.
 Betula, 49.
 Borrago, 102.
 Bovista, 14.
 Brassica, 133.
 Bryonia, 137.
 Buxus, 153.

C

Cakile, 131.
 Calendula, 77.
 Calluna, 110.
 Calystegia, 103.
 Campanula, 83.
 Cannabis, 54.
 Capsella, 132.
 Capsicum, 105.
 Cardamine, 130.
 Carex, 24.
 Carthamus, 77.
 Castanea, 51.
 Celtis, 52.
 Cenomyce, 12.
 Centaurea, 77.
 Cephalanthera, 42.
 Ceterach, 17.
 Cetraria, 173.
 Chamaerops, 45.
 Cheiranthus, 129.
 Chelidonium, 127.
 Chenopodium, 57.
 Chondrus, 11.
 Cicer, 171.
 Cichorium, 79.
 Cistus, 135.
 Citrullus, 137.

Citrus, 146.
 Clematis, 122.
 Cnicus, 77.
 Cochlearia, 130.
 Colchicum, 27, 173.
 Colocasia, 44.
 Conferva, 9.
 Conium, 118.
 Convallaria, 31.
 Convolvulus, 103.
 Coralina, 10.
 Corema, 151.
 Coriandrum, 119.
 Coriaria, 148.
 Cornus, 120.
 Corylus, 50.
 Crocus, 33.
 Cucumis, 138.
 Cuminum, 117.
 Cupressus, 47.
 Curcubita, 139.
 Cydonia, 160.
 Cynanchum, 88.
 Cynara, 78.
 Cynodon, 22.
 Cynoglossum, 102.
 Cyperus, 25.
 Daphne, 61.
 Datura, 104.
 Daucus, 118.
 Delphinium, 126.
 Dianthus, 141.
 Digitalis, 108.
 Diotis, 72.
 Dipsacus, 65.
 Dracunculus, 44.
 Drosera, 135.

D

- E**
- Ecballium, 137.
 Echium, 100.
 Ephedra, 48.
 Epipactis, 41.
 Equisetum, 16.
 Erodium, 156.
 Eryngium, 112.
 Erythraea, 89.
 Eucalyptus, 158.
 Eupatorium, 66.
 Euphorbia, 152.
 Evernia, 13.
 Evonymus, 149.
- F**
- Ficaria, 124.
 Ficus, 53.
 Foeniculum, 115.
 Fragaria, 163.
 Fraxinus, 86.
 Fucus, 11.
 Fumaria, 128.
- G**
- Genista, 169.
 Gentiana, 89.
 Geranium, 156.
 Geum, 164.
 Glechoma, 97.
 Glycyrrhiza, 170.
 Gratiola, 108.
- H**
- Hedera, 119.
 Helichryson, 75.
 Helleborus, 124.
 Hieracium, 82.
- Hordeum, 24.
 Humulus, 54.
 Hyoscyamus, 104.
 Hypericum, 144.
 Hyssopus, 96.
- I**
- Ilex, 149.
 Impatiens, 157.
 Inula, 68.
 Iris, 32.
- J**
- Juglans, 153.
 Juncus, 26.
 Juniperus, 46.
- L**
- Lactuca, 81.
 Lagenaria, 138.
 Laminaria, 11.
 Lamium, 97.
 Lappa, 79.
 Laurus, 60.
 Lavandula, 90.
 Lavatera, 143.
 Lecanora, 12.
 Lemna, 42.
 Lens, 171.
 Lepidium, 132.
 Lepidophorum, 71.
 Leucanthemum, 73.
 Levisticum, 174.
 Ligustrum, 86.
 Lilium, 27.
 Limnanthemum, 90.
 Limodorum, 41.
 Linum, 156.
 Lithospermum, 101.

- Lobelia, 83.
 Lobularia, 130.
 Lolium, 23.
 Lonicera, 83, 173.
 Lupinus, 168.
 Lycopus, 93.
 Lysimachia, 110.
 Lythrum, 158.
- M**
- Malva, 143.
 Marchantia, 15.
 Margotia, 118.
 Marrubium, 97.
 Matricaria, 73.
 Melia, 147.
 Melilotus, 170.
 Melissa, 96.
 Mentha, 91.
 Menyanthes, 174.
 Mercurialis, 152.
 Mespilus, 161.
 Mirabilis, 60.
 Morus, 52.
 Muscari, 28.
 Myrica, 49.
 Myrtus, 159.
- N**
- Narcissus, 34.
 Nardosmia, 66.
 Nasturtium, 129.
 Neottia, 41.
 Nerium, 87.
 Nicotiana, 104.
 Nigella, 125.
 Nostoc, 9.
 Nuphar, 135.
 Nymphaea, 134.
- O**
- Oenanthe, 114.
 Olea, 85.
 Onopordon, 78.
 Ononis, 168.
 Ophrys, 39.
 Opuntia, 139.
 Orchis, 35.
 Origanum, 94.
 Ormenis, 71.
 Ornithogalum, 28.
 Oryza, 21.
 Osmunda, 20.
 Oxalis, 157.
- P**
- Paeonia, 126.
 Pancratium, 34.
 Papaver, 127.
 Parietaria, 54.
 Parmelia, 12.
 Pastinaca, 117.
 Peltigera, 13.
 Persica, 166.
 Petroselinum, 113.
 Peucedanum, 116.
 Phillyrea, 86.
 Phoenix, 45.
 Phragmites, 22.
 Physalis, 105.
 Phytolacca, 142.
 Pimpinella, 114.
 Pinus, 47.
 Pistacea, 154.
 Plantago, 62.
 Plumbago, 63.
 Polytrichum, 16.
 Polygala, 148.
 Polygonatum, 30.
 Polygonum, 58.

- Polypodium, 17.
 Polyporus, 14.
 Polystichum, 19.
 Populus, 55.
 Portulaca, 140.
 Potentilla, 163.
 Poterium, 164.
 Primula, 110.
 Prunus, 166.
 Pteris, 17.
 Pulicaria, 68.
 Pulmonaria, 100.
 Punica, 159.
 Pyrethrum, 73.
 Pyrus, 160.
- Q**
- Quercus, 50.
- R**
- Ranunculus, 123.
 Reseda, 134.
 Rhamnus, 150.
 Rhododendron, 111.
 Rhus, 154.
 Ribes, 122.
 Ricinus, 153.
 Rocella, 13.
 Rosa, 161.
 Rosmarinus, 94.
 Rubus, 162.
 Rumex, 59.
 Ruscus, 31.
 Ruta, 155, 174.
- S**
- Salicornia, 56.
 Salix, 55.
 Salvia, 93.
- Sambucus, 85.
 Sanicula, 112.
 Santolina, 72.
 Saponaria, 141.
 Sarothamnus, 169, 174.
 Salsola, 58.
 Satureja, 96.
 Saxifraga, 121.
 Scirpus, 24.
 Sclerotium, 14.
 Scolopendrium, 19.
 Scorzonera, 80.
 Scrophularia, 107.
 Secale, 23.
 Sedum, 120.
 Sempervivum, 121.
 Senecio, 76.
 Serapias, 39.
 Seseli, 115.
 Silene, 141.
 Silybum, 78.
 Simethis, 30.
 Sinapis, 133.
 Sisymbrium, 131.
 Smilax, 31, 173.
 Solanum, 105.
 Solidago, 67.
 Sonchus, 80.
 Sorbus, 160.
 Spartium, 169.
 Sphaerococcus, 10.
 Spergularia, 140.
 Spiraea, 164.
 Spiranthes, 41.
 Statice, 64.
 Stellaria, 141.
 Sticta, 12.
 Suaeda, 58.
 Succisa, 65.
 Symphytum, 102.
 Syringa, 87.

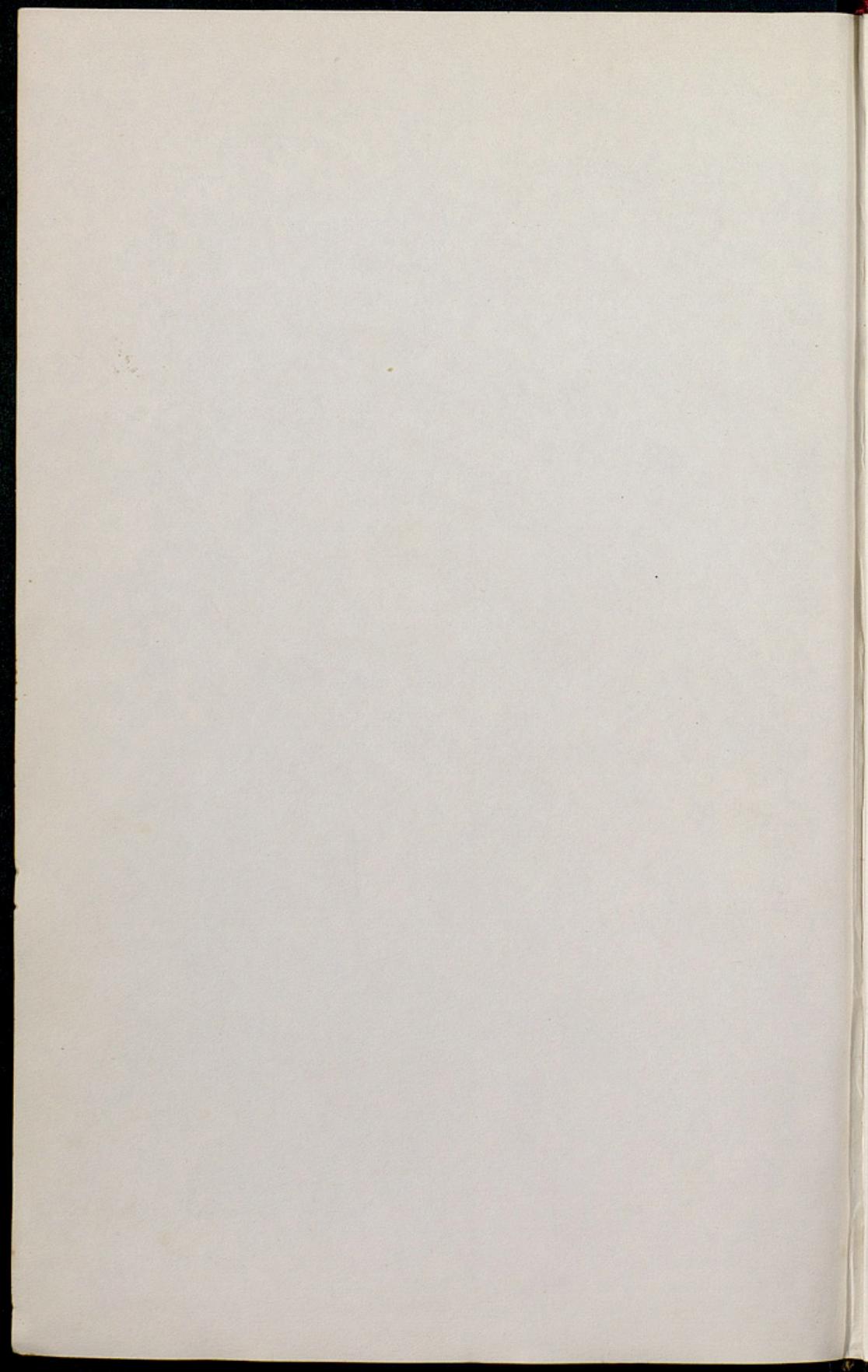
- T**
- Tamarix, 145.
 Tamus, 32.
 Tanacetum, 75.
 Taraxacum, 82.
 Taxus, 48.
 Telmatophace, 43.
 Teucrium, 98, 173.
 Thalictrum, 122.
 Thapsia, 117, 174.
 Thymus, 95.
 Tilia, 144.
 Tragopogon, 80.
 Tribulus, 155.
 Trichera, 65.
 Trifolium, 170.
 Trigonella, 170.
 Triticum, 23.
 Tropaeolum, 158.
 Tussilago, 67.
 Typha, 45.
- U**
- Ulmus, 51.
 Ulva, 10.
 Umbilicus, 120.
- V**
- Vaccinium, 111.
 Valeriana, 64.
 Veratrum, 26.
 Verbascum, 107.
 Verbena, 99.
 Veronica, 109.
 Viburnum, 84.
 Vicia, 172.
 Vinca, 87, 173.
 Vincetoxicum, 88.
 Viola, 136.
 Vitex, 100.
 Vitis, 119.
- X**
- Xanthium, 69.
- Z**
- Zea, 21.
 Zizyphus, 150.



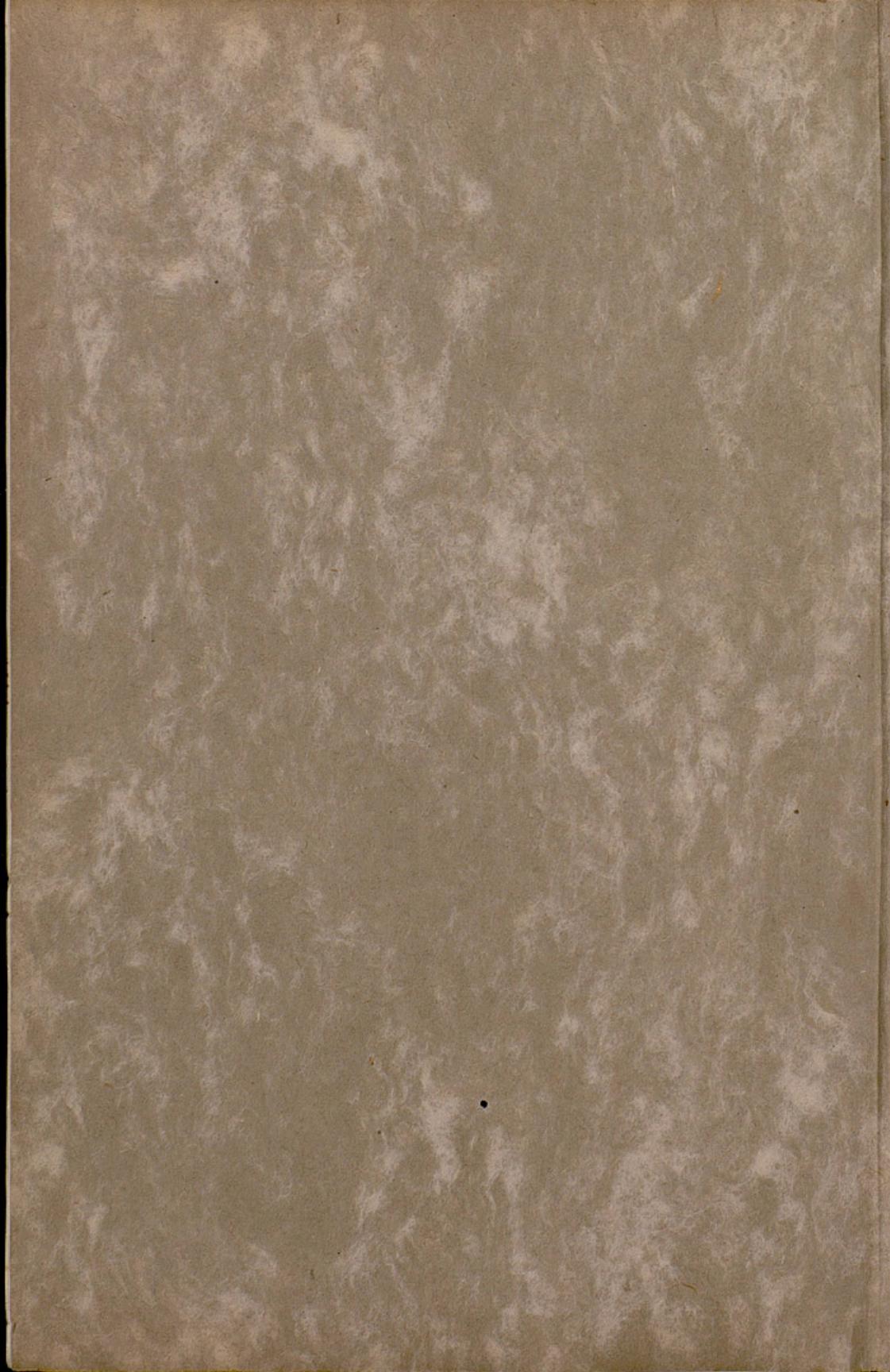


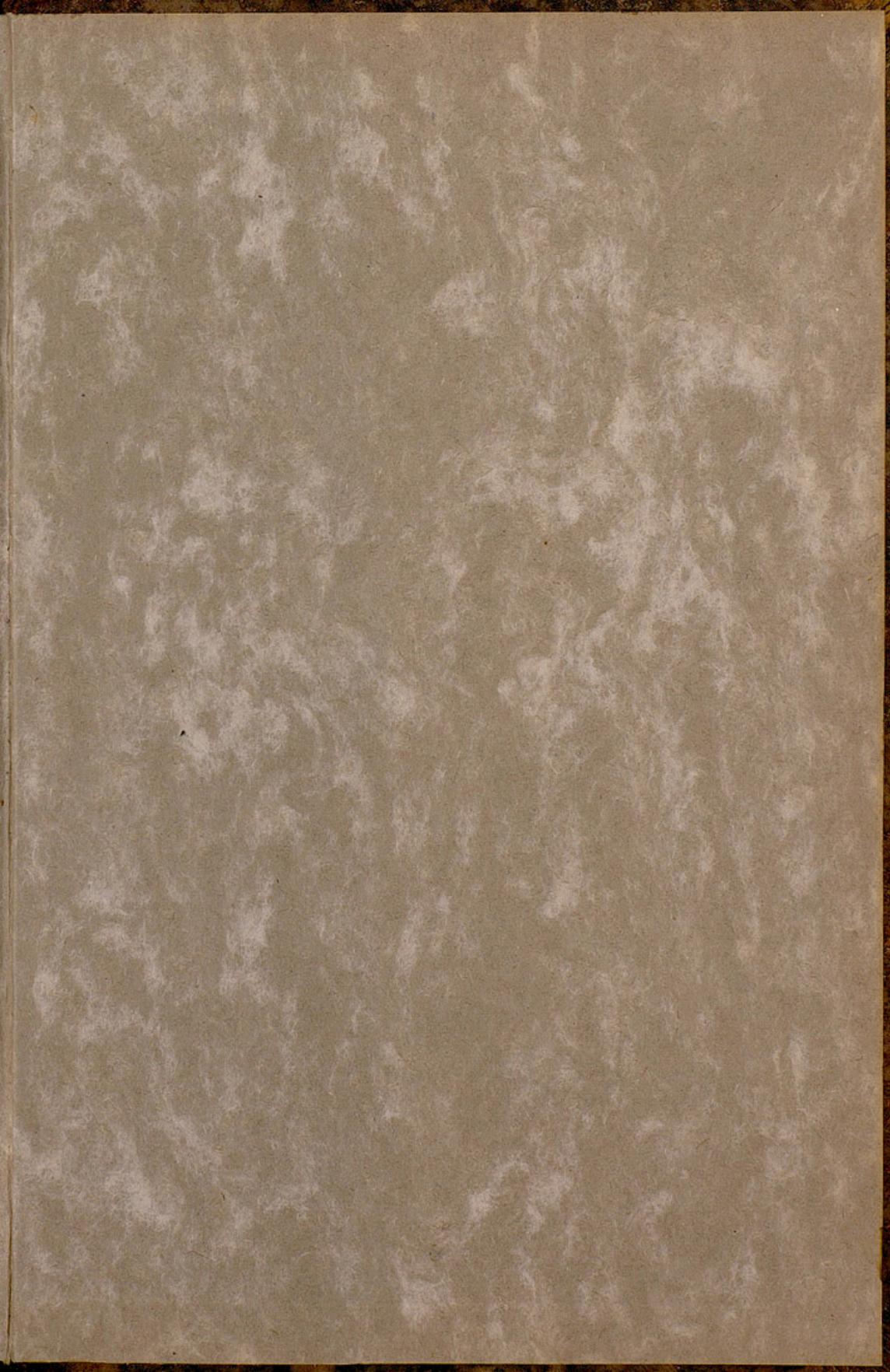














Universidade de Coimbra
Departamento de Botânica



1322626120